
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO
ATLETISMO: CONTRIBUIÇÕES DE UM CURSO DE EXTENSÃO A DISTÂNCIA
PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EDUARDO VINÍCIUS MOTA E SILVA



JANEIRO – 2016

EDUARDO VINÍCIUS MOTA E SILVA

**ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO
ATLETISMO: CONTRIBUIÇÕES DE UM CURSO DE EXTENSÃO A DISTÂNCIA
PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen

RIO CLARO

2016

796.07 Mota e Silva, Eduardo Vinícius
M917e Ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo : contribuições de um curso de extensão à distância para professores de educação física / Eduardo Vinícius Mota e Silva. - Rio Claro, 2016
135 f. : il., figs., gráfs., quadros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Sara Quenzer Matthiesen

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Formação continuada. 3. Educação física escolar. 4. Educação a distância. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

EDUARDO VINÍCIUS MOTA E SILVA

**ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO
ATLETISMO: CONTRIBUIÇÕES DE UM CURSO DE EXTENSÃO A DISTÂNCIA
PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen – orientadora
Instituto de Biociências de Rio Claro – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Profa. Dra. Suraya Cristina Darido da Cunha
Instituto de Biociências de Rio Claro – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Dagoberto José da Fonseca
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Profa. Dra. Zelinda dos Santos Barros
Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profa. Dra. Elisabete dos Santos Freire
Programa de Pós Graduação em Educação Física - Universidade São Judas Tadeu

Rio Claro, 18 de janeiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Vicente e Selma, por todo o apoio e esmero para com a minha formação e a meus irmãos Gustavo e Melissa, pela parceria nesta caminhada.

À minha querida esposa Cristiane e minhas lindas filhas Núbia e Namíbia, pela paciência por suportar um marido/pai estressado e, muitas vezes, ausente, em virtude da dedicação necessária para a conclusão desta tese de doutorado.

À minha especial orientadora, Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen, pela confiança, apoio e paciência na condução deste processo de doutoramento.

À Profa. Suraya C. Darido, pela amizade e sólida formação proporcionada durante os meus mais de dez anos de vivência no Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF).

Ao meu querido Prof. Afonso Antônio Machado, que me acompanha e apoia desde meus tempos de aluno de graduação na Escola Superior de Educação Física de Jundiáí, por ter acreditado em meu potencial.

Aos professores Zelinda S. Barros, Dagoberto J. Fonseca e Elisabete S. Freire, membros da banca, pelas contribuições ao trabalho.

Ao curso de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na figura de meus diretores e coordenadores Prof. Marcos Merida, Rita de Cássia Verenguer e Ronê Paiano, por ter sido minha casa acadêmica durante onze anos.

Ao Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará pela acolhida e apoio para a finalização desta tese.

Aos participantes do curso de extensão a distância, aqui descrito, que ao permitirem a utilização de suas produções, viabilizaram o desenvolvimento desta tese.

Me ver
Pobre, preso ou morto
Já é cultural
(RACIONAIS MC'S, 2002)

RESUMO

A publicação da Lei nº 10.639/03 que incluiu o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica trouxe consigo um grande desafio para a Educação Física. Tendo em vista que, por conta da história de seu desenvolvimento, o Atletismo apresenta uma grande potencialidade para o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira, desenvolveu-se, nesta pesquisa, uma proposta de curso de extensão a distância, baseado na Plataforma *Moodle*, voltado à capacitação de professores de Educação Física. Assim sendo, o objetivo desta tese foi produzir, implementar e avaliar as contribuições deste curso para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física na Educação Básica e na formação de professores de Educação Física. Para isto, fez-se a opção pela realização de uma pesquisa do tipo qualitativa. Os procedimentos metodológicos ocorreram em duas etapas: revisão bibliográfica e pesquisa de campo, a qual se subdividiu nas seguintes fases: 1 - levantamento de dados bibliográficos necessários para a seleção/elaboração dos materiais didáticos; 2 – elaboração na Plataforma *Moodle*; 3 – desenvolvimento e 4 - avaliação. Para a avaliação deste processo, além dos registros disponibilizados pela própria Plataforma *Moodle*, foi elaborado um questionário aberto composto por cinco perguntas, aplicado aos cursistas concluintes. Para tratamento dos dados utilizou-se a técnica de Análise do Conteúdo, por meio da qual as respostas dos cursistas foram categorizadas de acordo com os objetivos da tese. Com base nas seguintes categorias e suas respectivas subcategorias: EAD (positiva, adequada à formação continuada, flexibilidade, interatividade); Plataforma *Moodle* (boa usabilidade, dificuldades iniciais, aprendizagem colaborativa, aspectos a serem aprimorados); Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira (tema adequado, não exclusivo, possibilidade inovadora e aplicável); e, Contribuições do Curso (formação continuada, formação pessoal, cidadania), considera-se ter verificado que houve contribuições do curso tanto para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física quanto para a formação continuada de professores de Educação Física.

Palavras-chave: História e Cultura Afro-brasileira. Atletismo. Formação continuada. Educação Física Escolar. Educação a Distância.

ABSTRACT

The publication of Law 10.639/03, which included the teaching of African-Brazilian History and Culture in primary and secondary education, brought a huge challenge to Physical Education. Taking into consideration that Athletics, because of its history and development, shows an immense capability of approaching African-Brazilian History and Culture, this research has developed a proposal for an extension course in a virtual environment based on *Moodle* Platform, which could enable Physical Education teachers. Thus, the aim of this thesis was to generate, implement and evaluate the contributions of the proposed course towards the teaching of African-Brazilian History and Culture in primary and secondary schools and Physical Education teachers' education. For this purpose, it has been opted for conducting a qualitative research. The methodological procedures were performed in two stages: bibliographic review and field research, this being subdivided in the following phases: 1- survey of bibliographic data necessary for the selection / preparation of teaching materials; 2- elaboration in the Moodle Platform; 3 – development and 4- evaluation. In order to evaluate this process, besides the records available on Moodle Platform, an open-ended questionnaire has been set up and its five questions were applied to the concluding students. For data handling it was used the Content Analysis technique, through which the answers were categorized according to the objectives of this thesis. Based on the following categories and their respective subcategories: Distance Learning (positive, appropriate to continuing education, flexible, interactivity); Moodle Platform (proper usability, initial difficulties, collaborative learning, aspects to be improved); Athletics and African-Brazilian History and Culture (appropriate subject, non-excluding, innovative and applicable possibility); and, Contributions from the Course (continuing education, personal development, citizenship), it is considered that there were contributions from the course, not only to the teaching of African-Brazilian History and Culture in Physical Education classes, but also to the Physical Education teachers' continuing education.

Keywords: African-Brazilian History and Culture. Athletics. Continuing Education. Physical Education at School. Distance Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1- Aparência parcial do curso | 24 |
| Figura 2- Aparência da etapa 1 do curso | 25 |
| Figura 3- Texto de apresentação do curso | 26 |
| Figura 4- Cronograma do curso..... | 26 |
| Figura 5- Questionário de avaliação diagnóstica..... | 27 |
| Figura 6- Aparência da etapa 2 do curso | 28 |
| Figura 7- Aparência parcial da etapa 3 do curso | 29 |
| Figura 8- Pôster “Possibilidades de ensino da História da África por meio do atletismo em aulas de Educação Física” | 30 |
| Figura 9- Aparência parcial da etapa 4 do curso | 32 |
| Figura 10- Aparência parcial da etapa 5 do curso | 33 |
| Figura 11- Aparência do texto “Negros geniais do Atletismo brasileiro” | 34 |
| Figura 12- Aparência parcial da etapa 6 do curso | 35 |
| Figura 13- Texto de divulgação do curso | 36 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1- Conhecendo os atletas afro-brasileiros..... | 20 |
| Quadro 2- Perfil dos participantes do curso | 71 |
| Quadro 3- Participação dos cursistas em relação às tarefas planejadas | 74 |
| Quadro 4- Atividades propostas pelos cursistas | 88 |
| Quadro 5- Material produzido pelos cursistas | 92 |
| Quadro 6- Síntese das respostas dos cursistas | 97 |
| Quadro 7- Categorias e subcategorias referentes à Educação a Distância | 99 |
| Quadro 8- Categoria e subcategorias referentes à Plataforma <i>Moodle</i> | 102 |
| Quadro 9- Categoria e subcategorias referentes à adequação do Atletismo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira | 103 |
| Quadro 10- Categoria e subcategorias referentes às contribuições do curso à formação..... | 105 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1- Motivos para inscrição no curso | 73 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 17 |
| 2.1 Revisão bibliográfica | 18 |
| 2.2 Pesquisa de campo | 18 |
| 2.2.1 Levantamento de dados bibliográficos necessários para a seleção/elaboração dos materiais didáticos | 19 |
| 2.2.2 Produção do Curso | 21 |
| 2.2.2.1 <i>Introdução do curso</i> | 25 |
| 2.2.2.2 <i>Desenvolvimento do curso</i> | 28 |
| 2.2.2.2.1 Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física?..... | 28 |
| 2.2.2.2.3 Discutindo as diferenças | 31 |
| 2.2.2.2.4 Conhecendo os atletas afro-brasileiros | 32 |
| 2.2.2.3 <i>Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens</i> | 34 |
| 2.2.3 Desenvolvimento do Curso | 35 |
| 2.2.4 Avaliação do Curso | 36 |
| 2.2.5 Análise dos dados | 37 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA | 39 |
| 3.1 História e Cultura Afro-Brasileira na escola | 39 |
| 3.2 A Lei nº 10.639/03 e a formação de professores..... | 45 |
| 3.3 Educação Física, História e Cultura Afro-Brasileira..... | 48 |
| 3.3.1 Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira | 55 |
| 3.4 Tecnologias educacionais e História e Cultura Afro-Brasileira | 59 |
| 3.4.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação baseadas na internet e a formação profissional | 61 |
| 3.4.1.1 <i>Ambientes virtuais de aprendizagem e formação de professores</i> | 62 |
| 3.4.1.1.1 <i>Plataforma Moodle</i> | 65 |
| 3.4.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação e História e Cultura Afro- Brasileira | 66 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 70 |
| 4.1 Perfil dos participantes..... | 70 |

| | |
|--|------------|
| 4.2 O desenvolvimento do curso | 73 |
| 4.2.1 Conhecimentos sobre a África, Atletismo e atletas afro-brasileiros..... | 74 |
| 4.2.2 Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira por meio do Atletismo? | 76 |
| 4.2.2.1 <i>Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira.....</i> | <i>77</i> |
| 4.2.2.2 <i>História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física</i> | <i>78</i> |
| 4.2.2.3 <i>História e Cultura Afro-Brasileira por meio do Atletismo nas aulas de Educação Física.....</i> | <i>79</i> |
| 4.2.3 Conhecendo a África..... | 80 |
| 4.2.3.1 <i>Conhecendo a África por meio do Atletismo</i> | <i>81</i> |
| 4.2.3.2 <i>Descobrimos a nossa Jamaica</i> | <i>82</i> |
| 4.2.4 Discutindo as diferenças | 83 |
| 4.2.4.1 <i>Motivos para o sucesso dos atletas negros.....</i> | <i>85</i> |
| 4.2.4.2 <i>A inserção dos atletas negros no Atletismo.....</i> | <i>85</i> |
| 4.2.4.3 <i>Riscos da naturalização das superioridades</i> | <i>86</i> |
| 4.2.4.4 <i>A escolarização da temática.....</i> | <i>87</i> |
| 4.2.4.5. <i>O tratamento da temática nas aulas de Educação Física</i> | <i>87</i> |
| 4.2.5 Conhecendo os atletas afro-brasileiros | 88 |
| 4.2.6 Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens | 91 |
| 4.2.6.1 <i>Construindo e socializando propostas de intervenção</i> | <i>92</i> |
| 4.3 Avaliação do curso | 97 |
| 4.3.1 Educação a Distância..... | 99 |
| 4.3.2 Plataforma Moodle | 102 |
| 4.3.3 Atletismo como ferramenta para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira | 103 |
| 4.3.4 Contribuições à formação..... | 105 |
| 4.3.5 Outras considerações..... | 106 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 107 |
| REFERÊNCIAS..... | 110 |
| APÊNDICE A – TEXTO “POR QUE ENSINAR HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO? | 124 |
| APÊNDICE B – ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO ONLINE (PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO) | 130 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO) | 131 |
| ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES DO CURSO)..... | 133 |

1 INTRODUÇÃO

A publicação da Lei nº 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira (HCAB) nas escolas trouxe consigo a esperança de que, finalmente, os cidadãos brasileiros, principalmente os descendentes dos milhões de africanos sequestrados, trazidos para o Brasil e obrigados a prestar serviços não remunerados, pudessem conhecer mais sobre suas origens, histórias e características, podendo, então, compreender e ver valorizado o seu papel chave na construção deste país.

Na qualidade de um destes cidadãos que, desde muito cedo começou a perceber e a se incomodar com a pequena presença, ou mesmo total ausência desta população em diversos ambientes, especialmente na mídia, entendo que a possibilidade aberta por esta legislação é uma oportunidade ímpar para que se auxilie na modificação deste quadro.

Este tipo de informação, durante muito tempo, não foi acessada dentro da escola, mesmo porque esta instituição, seguindo o mito da democracia racial vigente no Brasil, se silenciava sobre o assunto. Dentro de minha trajetória escolar e universitária que já conta com mais de 25 anos, pouquíssimas vezes tive contato com qualquer conteúdo que pudesse ser interpretado como referente às relações étnico-raciais ou que tivesse como objetivo valorizar ou discutir a questão negra, mesmo vivendo no país que tem a segunda maior população negra do mundo ou a primeira fora do continente africano.

Ao pensar, especificamente, no componente curricular Educação Física e tendo vivenciado o Atletismo, durante mais de duas décadas como atleta (1990 – 2010) esta situação de silenciamento experimentada na área, é ainda mais surreal e dramática. Lembro-me bem que um dos maiores impactos de pertencimento étnico, experimentado por mim, além da possibilidade de ter frequentado em minha cidade, Jundiaí (SP), um dos mais antigos clubes negros do Brasil, o Clube “28 de Setembro”, criado somente sete anos após a abolição da escravatura, foi participar de minha primeira competição de Atletismo, no arremesso do peso, oportunidade em que me senti especialmente identificado, ao perceber que a maior parte dos participantes da prova eram negros (e pesados) como eu.

Em qualquer visita a uma pista ou competição de Atletismo esta grande participação negra é percebida e, desta forma, como não problematizar esta situação? Será que isto ocorre por acaso? Existem questões sociológicas envolvidas ou é um mero determinismo biológico? Questões como estas me acompanham desde o período da graduação (1993-1996), mas, a

ausência de estudos ou materiais relacionados ao tema, ou mesmo o medo de enfrentar algo tão arraigado, silenciado e novo, fizeram com que, apesar de algumas aproximações em trabalhos anteriores, especialmente durante o período em que participei do Laboratório de Estudos e Práticas Pedagógicas em Educação Física (LETPEF) da Unesp (1999-2009), estudando, principalmente, o tema transversal Pluralidade Cultural, adiasse o estabelecimento desta temática como linha de investigação principal, algo que, de certa forma, realizo nesta pesquisa.

Estes estudos me permitiram perceber a necessidade de que a Educação Física Escolar incluísse no tratamento de seus conteúdos as dimensões conceituais e atitudinais para que, efetivamente, preparasse cidadãos aptos a compreender e usufruir da cultura corporal de movimento de forma plena. Para tal, há a necessidade de se entender o esporte, uma de suas principais manifestações, em seus diversos aspectos, dentre os quais se incluem as questões sociológicas relacionadas às relações étnico-raciais e a História e Cultura Afro-Brasileira.

A arrebatadora experiência de conhecer a África, mais especificamente Moçambique, durante minha participação no Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, realizado em 2010, reafirmou a noção de que há uma imensa ligação cultural entre este continente e o Brasil. Ao mesmo tempo, despertou um sentimento de desalento ao perceber o quanto o contato com a riqueza cultural, inclusive corporal, africana, nos tem sido negada, o que reforçou o interesse e o compromisso em estudar e divulgar, ao máximo possível, a História e Cultura Afro-Brasileira, entendendo que este é um direito de todos os cidadãos brasileiros.

Acreditando, então, que a cultura corporal de movimento apresenta várias intersecções com a cultura africana e afro-brasileira, apesar dos poucos relatos de trabalhos desenvolvidos por professores de Educação Física com a temática, buscou-se, nesta pesquisa, apresentar e avaliar uma proposta de curso de extensão a distância que capacitasse professores de Educação Física a incluírem-na, em suas aulas, por meio de um dos conteúdos mais tradicionais da área, o esporte. Para isto, optou-se pelo Atletismo como elemento, não só em virtude da grande presença de africanos e seus descendentes, em todo seu desenvolvimento, mas, também pelo envolvimento pessoal do pesquisador com o tema, destacado anteriormente, bem como pela importância desta modalidade esportiva na Educação Física.

Dando continuidade a minha carreira acadêmica, me aproximei do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, cursando algumas de suas disciplinas como aluno especial e também, do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA), ambos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

(Unesp), campus de Rio Claro, no ano de 2011. Nestas inserções, pude verificar o quanto o uso das tecnologias pode potencializar o ensino dos diferentes conteúdos da Educação Física, mesmo porque uma das grandes características da sociedade atual é a grande disposição de aparatos tecnológicos, baseados na computação e, principalmente, na internet. Esta grande presença, portanto, acaba refletindo, também, nos processos educativos, abrindo grande espaço para que se estudem seus impactos nas diferentes formações. Mesmo não sendo um nativo digital, me considero um bom imigrante e desde meu primeiro contato com a internet, que se deu, ainda, no período final de minha graduação, nos anos 1990, esta rede tem sido uma grande aliada não só no entretenimento, mas, principalmente na busca de informações qualificadas sobre diversos assuntos que propiciam meu constante aprimoramento profissional. Neste campo, o contato com a Plataforma *Moodle*, massivamente utilizada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, durante o período em que fui seu professor (2003-2014) me instigaram a investigar seu potencial na formação de professores a distância, algo que é aprofundado na presente pesquisa.

Enfim, conjugando estas diferentes experiências pessoais, aqui relatadas, essa pesquisa buscou investigar as contribuições da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) a disseminação de conhecimentos que relacionem o Atletismo à História e Cultura Afro-Brasileira.

Nesse sentido, são questões que balizam o presente estudo:

- O Atletismo é um conteúdo adequado para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física na Educação Básica e na formação de professores de Educação Física?
- A Educação a distância (EAD) é uma modalidade de ensino adequada para a formação de professores de Educação Física para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira?
- A Plataforma *Moodle* proporciona a criação de um ambiente colaborativo necessário para a Educação a distância?

Com base nestes questionamentos, a presente pesquisa, enfocando um dos elementos da cultura corporal de movimento, o esporte, por meio de uma de suas modalidades, o Atletismo, tem como principal objetivo produzir, implementar e avaliar as contribuições de um curso de extensão a distância, baseado na Plataforma *Moodle*, para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física na Educação Básica e na formação de professores de Educação Física.

São, portanto, objetivos específicos da presente tese verificar a adequação:

- Do Atletismo como conteúdo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física;
- Da Educação a distância para a capacitação de professores de Educação Física;
- Da Plataforma *Moodle* para a Educação a distância.

Para que fosse possível responder a tais questionamentos, estruturamos a presente tese da seguinte maneira. Neste primeiro capítulo apresentam-se seus elementos introdutórios. No capítulo 2 são apresentados e descritos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa de caráter qualitativo, com especial atenção à descrição das diferentes etapas da pesquisa de campo realizada, que consistiu no planejamento, produção, oferecimento, desenvolvimento e avaliação de um curso de extensão a distância intitulado: “Introdução ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física: possibilidades de ensino por meio do Atletismo”. No capítulo 3 realizou-se uma revisão de literatura sobre temas essenciais para o entendimento da problemática, como: o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na escola; a promulgação da Lei nº 10.639/03 e seu impacto na formação de professores; as relações entre a Educação Física e a História e Cultura Afro-Brasileira e as possibilidades de utilização do Atletismo como conteúdo para seu ensino; o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e na formação continuada e a distância de professores; e, os ambientes virtuais de aprendizagem, com destaque a Plataforma *Moodle*. O capítulo 4 foi dedicado à apresentação e análise dos dados resultantes do oferecimento do curso, por meio, especialmente, do emprego da técnica de Análise de Conteúdo em relação às respostas dos participantes ao questionário aplicado ao final do curso. Na sequência são apresentadas as considerações finais, as referências utilizadas na elaboração desta tese de doutorado e os apêndices e anexos necessários a melhor compreensão do estudo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a consecução dos objetivos, anteriormente expostos, fez-se a opção por realizar uma pesquisa qualitativa. Apesar de, como alerta Groulx (2014), esta ser uma denominação comum a uma série de “práticas relativamente diversificadas e múltiplas” (p. 95), entendemos, nesta tese, este tipo de pesquisa como aquele que, segundo Lüdke e André (1986), “*se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada*” (p.18). Triviños (2013), Martins (2004) e Delauriers e Kérisit (2014) a caracterizam, principalmente, pela flexibilidade, que permite ao pesquisador mudar as atividades da pesquisa, durante o seu desenvolvimento ou, ainda, escolher as técnicas de coletas de dados mais adequadas a seu objeto de pesquisa. Triviños (2013) destaca que os limites desta “[...] ampla liberdade teórico-metodológica [...] estarão exclusivamente fixados pelas condições de exigência de um trabalho científico” (p. 133). Richardson (1999) indica este tipo de pesquisa para o estudo de situações complexas. Nesta mesma linha, Marconi e Lakatos (2006) afirmam que este é o método mais adequado ao estudo de assuntos mais profundos. Para Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), este tipo de abordagem permite “[...] desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos” (p.14), que é, acredita-se, justamente, o caso da utilização do EAD para a formação de professores para o tratamento da temática étnico-racial.

Tendo em vista as características desta pesquisa, a abordagem qualitativa apresentou-se como a melhor opção, pois, permitiu que o problema fosse analisado em seu ambiente natural e com grande flexibilidade de técnicas e instrumentos (ALVES e AQUINO, 2012), o que contribuiu para elucidar os problemas de pesquisa.

Como, neste caso, a realidade investigada se deu no ambiente virtual, uma vez que, tanto o curso quanto a coleta de dados ocorreram por meio da internet, foi necessária a adoção de um método adequado a este ambiente, a pesquisa *online*. Mendes (2009) a apresenta como uma possibilidade metodológica da pesquisa qualitativa, que tem como vantagem, para o pesquisador, o acompanhamento, quase imediato dos dados obtidos, podendo, rapidamente alterar o curso da investigação.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram divididos em duas grandes etapas: 1- revisão bibliográfica e 2- pesquisa de campo, sendo que esta última consistiu no planejamento, produção, oferecimento, desenvolvimento e avaliação de um curso de extensão a distância sobre Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira e subdividiu-se nas seguintes

fases: 1 - levantamento de dados bibliográficos necessários para a seleção/elaboração dos materiais didáticos; 2 – elaboração do curso na Plataforma *Moodle*; 3 – desenvolvimento do curso e 4 - avaliação do curso.

Passa-se, na sequência, a apresentação de cada uma destas etapas.

2.1 Revisão bibliográfica

Nesta fase inicial da pesquisa buscamos realizar uma abrangente revisão de literatura sobre temas fundamentais para a compreensão do problema aqui investigado. Foram estudadas as seguintes temáticas: o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras; a promulgação da lei nº 10.639/03, que estabeleceu a obrigatoriedade do seu ensino na Educação Básica e seu impacto na formação de professores; o ensino da Educação Física e sua relação com a História e Cultura Afro-Brasileira; as possibilidades de utilização do atletismo como instrumento para este ensino; o papel das tecnologias educacionais para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e a usabilidade da Plataforma *Moodle* para o desenvolvimento de um curso de extensão a distância sobre o tema investigado.

De acordo com Marconi e Lakatos (2013), a revisão bibliográfica dá condições ao pesquisador de “[...] saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto” (p.69), além de ser uma fase essencial em estudos que envolvem a pesquisa de campo. Deslauriers e Kérisit (2014) usam uma interessante analogia para demonstrar a importância desta etapa de pesquisa ressaltando que: “[...] é preciso ler o que os outros escreveram antes de nós; de certa forma, subir sobre seus ombros para conseguir ver mais além [...]” (p. 134).

No caso da presente tese nos limitamos, nesta etapa da pesquisa, basicamente, a análise de publicações escritas, especialmente, livros, produções acadêmicas como teses, dissertações e monografias, além de artigos publicados em periódicos científicos.

2.2 Pesquisa de campo

Para que se pudesse compreender melhor o fenômeno aqui investigado, fizemos a opção por realizar uma pesquisa de campo. Para Marconi e Lakatos (2013), este tipo de pesquisa serve, justamente, para que se consigam informações ou conhecimentos necessários para a resolução de um problema de pesquisa. Gil (2014) entende que o estudo de campo

permite o aprofundamento das questões da pesquisa por centrar-se em um único grupo ou comunidade.

No caso específico desta tese, optamos por produzir, implementar e avaliar as contribuições de um curso de extensão a distância, baseado na Plataforma *Moodle*, para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física na Educação Básica e na formação de professores de Educação Física. A intenção foi a de observar, por meio deste curso de extensão, “[...] fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados [...]” (p. 69).

Apresentamos, na sequência, cada uma das fases necessárias para a realização desta pesquisa de campo.

2.2.1 Levantamento de dados bibliográficos necessários para a seleção/elaboração dos materiais didáticos

Para a elaboração dos materiais didáticos necessários para o desenvolvimento do curso de extensão, nesta fase realizou-se um novo levantamento bibliográfico, mais específico, limitado a identificação, a partir da história do Atletismo, especialmente no Brasil, de informações e relatos que possibilitassem o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira, dentro dos conteúdos propostos pelas Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, anteriormente expostos.

Para a realização deste levantamento foram utilizadas diversas fontes de pesquisa tradicionais como: livros, artigos, revistas e jornais científicos, além de materiais disponibilizados na internet, não limitados a textos escritos, para que se pudesse aproveitar a riqueza de informações disponibilizadas na rede, bem como, as possibilidades de sua utilização direta, abertas pela utilização do AVA *Moodle*.

Foram investigados, dentre outros espaços, *sites*, *blogs* e redes sociais. Especial atenção foi dada à qualidade e confiabilidade das informações obtidas posto que, conforme verificado, anteriormente, na internet se encontra todo tipo de informação, sendo que cabe ao professor selecionar os materiais adequados utilizando seu bom senso ou verificando as informações obtidas, em outras fontes, conforme proposto por Borba, Malheiros e Amaral (2011). Marconi e Lakatos (2013) indicam que, no caso de utilização de fontes como imprensa escrita ou meios audiovisuais, sejam analisados os seguintes pontos:

“independência”, “conteúdo e orientação”, “difusão e influência” e “grupos de interesses” (p. 58).

Um exemplo da pesquisa engendrada para a obtenção dos dados necessários para a elaboração deste curso de extensão está em publicação de Silva e Matthiesen (2013) que descreve pesquisa exploratória, realizada na rede social *Youtube*, para a obtenção de vídeos relacionados ao Atletismo que tivessem potencialidade para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, especialmente, na parte destinada à divulgação da história de grandes atletas negros brasileiros. Para tanto, foi utilizado o sistema de busca da própria rede social com o emprego dos nomes dos principais atletas negros do Atletismo brasileiro. No quadro 1 apresentam-se os resultados obtidos no estudo em questão.

Quadro 1- Conhecendo os atletas afro-brasileiros

| TÍTULO | Descrição | Endereço |
|--|--|---|
| Adhemar Ferreira da Silva (1927 - 2001) - Heróis de Todo Mundo | Filme sobre a história do bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva, narrado e interpretado pelo ex-atleta Róbson Caetano da Silva | http://www.youtube.com/watch?v=nuti0yg9X_0&list=PLAF0161A1D90F5ACA |
| Aida dos Santos, Uma Mulher de Garra | Documentário do Projeto “Memória do Esporte Brasileiro” sobre Aida dos Santos, primeira mulher brasileira a participar do Atletismo em Jogos Olímpicos. | http://www.youtube.com/watch?v=51NBWRfh5ls&list=PLAF0161A1D90F5ACA |
| Atletismo brasileiro completa dez anos sem João do Pulo fonte: Toque esportivo | Matéria do Globo Esporte sobre João do Pulo. | http://www.youtube.com/watch?v=Fi-fVRrHzCs&list=PLAF0161A1D90F5ACA&index=3 |
| Documentário exibido pelo canal ESPN | Documentário “De Olaria a Helsink: a estória de um salto” do Projeto “Memória do Esporte Brasileiro” sobre José Telles da Conceição, primeiro medalhista olímpico do Atletismo brasileiro. | http://www.youtube.com/watch?v=nuti0yg9X_0 |
| O Salto de Adhemar | Documentário do Projeto “Memória do Esporte Brasileiro” sobre Adhemar Ferreira da Silva, primeiro bicampeão olímpico brasileiro. | http://www.youtube.com/watch?v=yWQBJZC3bZY&list=PLAF0161A1D90F5ACA |

Fonte: Silva e Matthiesen (2013).

Com uma seleção adequada destes materiais acredita-se estar contribuindo para a disseminação de informações de caráter étnico-racial com recorte afrodescendente, necessidade manifestada por Oliveira (2010), em sua dissertação de mestrado, para que a Lei nº 10.639 seja, realmente, implantada.

2.2.2 Produção do Curso

Com os dados obtidos, na etapa 1, elaborou-se o curso de extensão, em questão, na Plataforma *Moodle*, disponibilizada pela própria Unesp (<http://moodle.unesp.br/ava/course/view.php?id=674>).

Tendo por base estas ferramentas, o curso de extensão intitulado “Introdução ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física: possibilidades de ensino por meio do Atletismo”, teve como público-alvo estudantes e licenciados em Educação Física. A opção por este público ocorreu em virtude da importância do tratamento da temática étnico-racial, desde a formação inicial, para que os futuros professores se sintam preparados e motivados a tratar do tema. Este imperativo, aliás, é reforçado pelos estudos de Monteiro (2006) e Fonseca, Martino e Silva (2009).

Seu principal objetivo foi, então, capacitar estudantes e professores de Educação Física a: a) compreender os fundamentos e as determinações das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/07; e, b) incluir o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física por meio da utilização dos aspectos históricos da modalidade Atletismo. Sua proposta pedagógica foi baseada nos princípios da aprendizagem colaborativa, nas ideias do multiculturalismo crítico e na proposta de utilização da mídia para tratamento dos temas transversais, proposto por Darido et al. (2006). Estes aspectos são brevemente apresentados a seguir.

Cabe ressaltar que durante o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, procurou-se garantir um ambiente de aprendizagem colaborativo, fator fundamental para que a interação, tanto entre os participantes quanto entre estes e o tutor, realmente acontecesse de modo a garantir a qualidade do curso (BORBA, MALHEIROS e AMARAL, 2011). Kenski (2005) entende que a interação e a cooperação entre os diferentes atores de um curso a distância, é um dos principais fatores para que este tenha uma qualidade diferenciada. Para ela, atividades que enfatizem este aspecto vão além do ensino dos conteúdos estabelecidos e ajudam a “[...] desenvolver comportamentos de interação, sociabilidade e comprometimento social, essenciais para a formação de bons cidadãos” (KENSKI, 2005).

Okada (2009) define aprendizagem colaborativa como um método cujo aspecto principal é “[...] o estudo e a construção de certo conhecimento, em equipe. O aluno colabora com elementos do grupo, no seu objetivo comum, e estes ou qualquer um deles colabora com o aluno na sua produção particular.” (p. 80). Para Brito e Andrade (2009), a possibilidade proporcionada por ambientes virtuais de aprendizagem, como o *Moodle*, de desenvolvimento

de “[...] práticas mais colaborativas, promovendo espaços para a emergência de escritas hipertextuais [...]” (p. 350), caracterizam o ensino on-line. (p. 350).

Da mesma forma, todas as atividades propostas no decorrer do desenvolvimento do curso se pautaram, também, nos princípios do multiculturalismo crítico, que pode ser definido como a vertente deste movimento que busca

[...] ir além da valorização da diversidade cultural em termos folclóricos ou exóticos, para questionar a própria construção das diferenças e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes” no seio de sociedades desiguais e excludentes (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 61)

Em outras palavras, buscou-se, aqui, avançar em relação às propostas que se pautam na simples constatação e valorização das diferenças, problematizando e “[...] questionando a construção histórica dos preconceitos, das discriminações, da hierarquização cultural” (CANEN, 2007, p. 93) na produção deste curso.

Além destas influências, a concepção das atividades propostas no curso se baseou, grandemente, no trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Estudos e Práticas Pedagógicas em Educação Física (LETPEF) da Unesp - Rio Claro de apresentar atividades voltadas às aulas de Educação Física na Educação Básica que contemplassem os temas transversais a partir da leitura de textos baseados na mídia impressa, que culminou em livro publicado no ano de 2006 (DARIDO et al., 2006). A grande diferença, na proposta aqui apresentada, está nas possibilidades abertas pela internet de utilizar materiais midiáticos em outros formatos além do escrito.

Este curso foi oferecido na modalidade de extensão universitária, por ser esta uma das possibilidades apontadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem desenvolvidas pelas Instituições de Ensino Superior (BRASIL, 2004) e foi programado para ocorrer entre 25 de maio e 28 junho de 2015.

O curso foi elaborado para atender a um número máximo de 20 pessoas com a intenção de se garantir maior interação e acompanhamento dos participantes, principalmente, tendo em vista que a tutoria do curso foi feita, exclusivamente, pelo pesquisador. Borba, Malheiros e Amaral (2011) ao desenvolverem um curso de formação continuada de professores de Matemática estabeleceram número semelhante (25) para que todos os alunos pudessem ser ouvidos e ter voz, mesmo porque, conforme estes mesmos autores, uma boa interação via internet compensa a ausência física do professor por meio de “uma comunicação intensa, que limita a possibilidade do aluno se sentir sozinho, isolado” (p. 28).

Para garantir a dinamicidade deste material buscou-se propiciar aos cursistas contato com diferentes elementos gráficos, em sua maioria, interativos, como: imagens, vídeos, questionários e *links* para jornais, revistas e artigos científicos. Um dos grandes motes deste material foi demonstrar, conforme proposto por Silva (2008), a possibilidade de tratamento desta questão dentro das aulas de Educação Física, por meio da promoção de

[...] discussões que critiquem as pretensões a ‘verdades únicas’ acerca das habilidades físicas de acordo com a raça, por exemplo, podem eliminar formas de essencializar identidades e de visões estereotipadas [...] (p. 47).

O curso de extensão, em questão, foi composto por três etapas: 1- Introdução ao curso; 2- Desenvolvimento do curso, composta por uma parte voltada às justificativas do curso e três relacionadas aos conteúdos propostos pelas já citadas Diretrizes: História da África e dos Africanos, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, com as seguintes denominações, adequadas aos conteúdos relacionados ao Atletismo: Conhecendo a África por meio do Atletismo; Discutindo as diferenças e Conhecendo os atletas afro-brasileiros, respectivamente; e 3- Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens, voltada para a síntese do curso.

Para que os objetivos do curso fossem atingidos estabeleceu-se uma carga horária total de 30 horas, dividida em cinco semanas. Esta carga horária, aliás, foi estabelecida com a intenção de permitir que profissionais que estivessem atuando profissionalmente tivessem condições de participar do curso a contento.

O curso foi cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da Unesp como sendo um Curso de Difusão do Conhecimento. Estes cursos, de acordo com a Resolução nº 29, de 14 de julho de 2001, têm como objetivo “[...] proporcionar a formação continuada do participante em relação ao conhecimento em uma determinada área ou sobre um assunto em um período de tempo recente [...]” (p. 1), características, aliás, desta proposta, devendo ter uma carga horária entre 16 e 180 horas (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”, 2011).

Para que seja possível uma melhor compreensão do material elaborado para o curso de extensão são apresentados e descritos, a seguir, os diferentes elementos que o compuseram.

O curso foi disponibilizado na Plataforma *Moodle* do ambiente virtual de aprendizagem da Unesp, estando alocado no seguinte endereço: <http://moodle.unesp.br/ava/course/view.php?id=674>. Para que pudesse ser acessado, havia a necessidade de que o usuário estivesse devidamente cadastrado, junto ao Núcleo de Educação

a Distância (NEaD) – Unesp, para a utilização deste ambiente virtual (<http://moodle.unesp.br/ava/login/signup.php>).

O formato utilizado para disponibilização do curso foi o semanal, uma das possibilidades de organização franqueada pela Plataforma *Moodle* em que cada semana corresponde a uma unidade temática, nas quais são disponibilizadas as atividades a serem realizadas pelos alunos (NAKAMURA, 2008). Na figura 1 é apresentada uma visão parcial do curso, destacando sua organização em tópicos semanais.

Figura 1- Aparência parcial do curso

The screenshot displays a Moodle course interface. The browser address bar shows the URL moodle.unesp.br/ava/course/view.php?id=674. The course title is "Curso: Ensino da História e...". The main content area is organized into five weekly topics, each with a title and a brief description of its objective. The topics are: 1. "POR QUE ENSINAR HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO?" (Objective: verify general knowledge about the African continent); 2. "CONHECENDO A ÁFRICA" (Objective: present Africa and its diaspora); 3. "DISCUTINDO AS DIFERENÇAS" (Objective: analyze and discuss discourses on performance differences); 4. "CONHECENDO OS ATLETAS AFRO-BRASILEIROS" (Objective: value the participation of the black population); 5. "CONSOLIDAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS" (Objective: produce and socialize intervention proposals). Each topic lists associated activities such as "Arquivo", "URL", "Pasta", "Fórum", "Escolha", "URLs", "Tarefa", "Chat", "Wiki", "Pesquisa de avaliação", and "Questionário". A right sidebar provides navigation options like "Notas", "Emblemas", "Backup", "Restaurar", "Importar", "Reconfigurar", and "Banco de questões", along with "Últimas notícias".

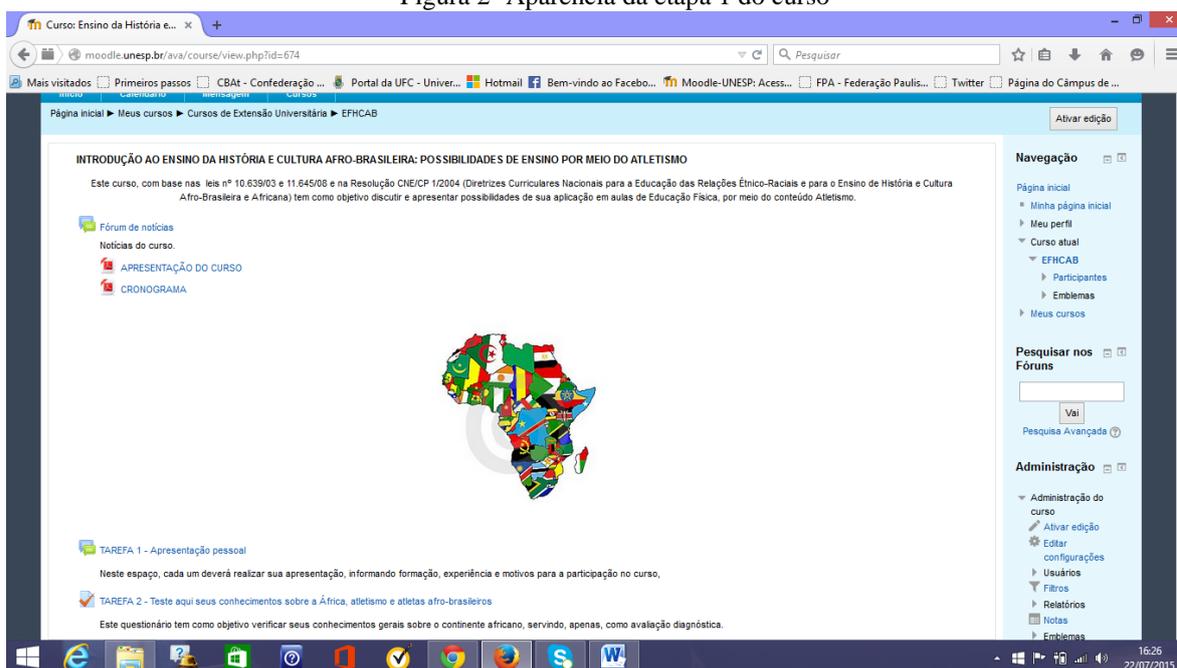
Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

A seguir, passamos a descrever, sinteticamente, cada uma das etapas do curso.

2.2.2.1 Introdução do curso

A primeira etapa, cuja aparência geral pode ser verificada na figura 2, foi dedicada à introdução ao curso e composta por quatro itens: texto introdutório, cronograma, questionário e fórum.

Figura 2- Aparência da etapa 1 do curso



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

O texto introdutório “Apresentação do curso” (figura 3) foi composto por uma parte dedicada às boas vindas aos participantes e outra explicando, pormenorizadamente, como se daria o seu desenvolvimento.

Figura 3- Texto de apresentação do curso

Car@ alun@) / colega,

Sejam bem-vind@s ao curso **“Introdução ao ensino da história e cultura afro-brasileira em aulas de Educação Física: possibilidades de ensino por meio do atletismo”** produzido pelo Grupo de Estudos e Práticas Pedagógicas em Atletismo (GEPPA) do Departamento de Educação Física da Unesp-Rio Claro.

Meu nome é Eduardo Vinicius Mota e Silva, sou doutorando do Programa Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Unesp-Rio Claro e serei responsável pelo desenvolvimento do curso, sob orientação da Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen. Este curso tem como objetivo principal: conhecer as leis nº 10.639/03, nº 11.645/08 e as Diretrizes Curriculares Nacionais nº 1/2004 e suas possibilidades de aplicação na área de Educação Física, por meio do conteúdo Atletismo.

Para isto o curso foi organizado em formato semanal e terá quatro tópicos principais: **Por que ensinar História e cultura afro-brasileira por meio do Atletismo; Conhecendo a África por meio do Atletismo, Discutindo as diferenças e Conhecendo os atletas afro-brasileiros**, além de uma parte dedicada à apresentação do curso e avaliação diagnóstica e outra voltada à produção de propostas de intervenção. Mais detalhes podem ser vistos no cronograma disponibilizado na própria plataforma *moodle*.

Como se trata de um curso de extensão universitária de difusão cultural não há atribuição de notas aos alunos, entretanto, para que se faça jus à declaração de participação no curso é necessário que todas as atividades planejadas tenham sido concluídas.

Em caso de dúvidas estou a disposição, além do próprio moodle, no seguinte e-mail: profeduardomota@hotmail.com

Bom curso!

Prof. Eduardo Vinicius Mota e Silva
Doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias – Unesp – Rio Claro
<http://lattes.cnpq.br/5069913247157780>

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Em “Cronograma” (figura 4) foram estabelecidas as datas para a realização de cada uma das etapas previstas para o desenvolvimento do curso.

Figura 4- Cronograma do curso

| DATA | CONTEÚDO |
|---------------|---|
| 11 a 22/05 | Inscrição dos cursistas. |
| 25 a 31/05 | Início do curso. Apresentação do curso e dos participantes e avaliação diagnóstica. Tópico 1: Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física? |
| 01 a 07/06 | Tópico 2: Conhecendo a África por meio do Atletismo. |
| 08 a 14/06 | Tópico 3: Discutindo as diferenças. |
| 15 a 21/06 | Tópico 4: Conhecendo os atletas afro-brasileiros. |
| 22/06 a 28/06 | Atividade final: Elaborando práticas de intervenção. Encerramento do curso. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

A primeira etapa interativa do curso foi um questionário (figura 5) composto por questões fechadas de múltipla escolha, a respeito de conhecimentos diversos sobre a África, Atletismo e atletas afro-brasileiros, que deveria ser respondido pelos inscritos no curso como

forma de verificar seus conhecimentos prévios sobre estes temas. O retorno aos cursistas foi dado automaticamente e incluía a indicação da alternativa correta.

Figura 5- Questionário de avaliação diagnóstica

The screenshot displays a Moodle diagnostic questionnaire interface. The page title is "TAREFA 2 - Teste aqui seus...". The browser address bar shows "moodle.unesp.br/ava/mod/quiz/attempt.php?attempt=6827". The interface includes a navigation menu with "Início", "Calendário", "Mensagem", and "Cursos". The main content area displays five multiple-choice questions (Questão 1 to Questão 5) related to African sports and history. Each question has a "Verificar" button. The bottom of the page shows a footer with "Documentação de Moodle relativa a esta página" and "Você acessou como Eduardo Vinicius Mota e Silva (Sair)". The task name "EFHCAB" is visible at the bottom center.

Questão 1
Incompleto
Vale 1 ponto(s).
Escolha uma:
a. O queniano Paul Tergat
b. O etíope Haile Gebrselassie
c. O etíope Abebe Bikila
d. O queniano Samuel Wanjiru
e. O ugandense Stephen Kiprotich
Verificar

Questão 2
Incompleto
Vale 1 ponto(s).
Escolha uma:
a. Argelina
b. Camaronesa
c. Congoleza
d. Queniana
e. Senegalesa
Verificar

Questão 3
Incompleto
Vale 1 ponto(s).
Escolha uma:
a. Argélia, Bahrein, Camarões, Djibuti e Eritreia.
b. Burundi, Mauritânia, Qatar, Tanzânia e Zâmbia.
c. Angola, Cabo Verde, Laos, Moçambique e Namíbia.
d. Congo, Egito, Jordânia, Marrocos e Zaire.
e. Angola, Etiópia, República Centro-Africana, Senegal e Togo.
Verificar

Questão 4
Incompleto
Vale 1 ponto(s).
Escolha uma:
a. Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.
b. Andorra, Angola, Guiné, Moçambique e Timor Leste.
c. Cabo Verde, Guiné-Bissau, Ilhas Maurício, Luxemburgo e Timor Leste.
d. Argélia, Laos, Namíbia, São Tomé e Príncipe e Serra Leoa.
e. Camarões, Gabão, Guiné, Senegal e Timor Leste.
Verificar

Questão 5
Incompleto
Vale 1 ponto(s).
Escolha uma:
a. Adhemar Ferreira da Silva
b. Néilson Prudêncio
c. João Carlos de Oliveira, o "João do Pulo"
d. Jadel Gregório
e. Róbson Caetano
Verificar

Próximo

Documentação de Moodle relativa a esta página
Você acessou como Eduardo Vinicius Mota e Silva (Sair)
EFHCAB

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Foi disponibilizado, também, um fórum para apresentação pessoal dos participantes do curso, de forma que todos pudessem conhecer seus interlocutores.

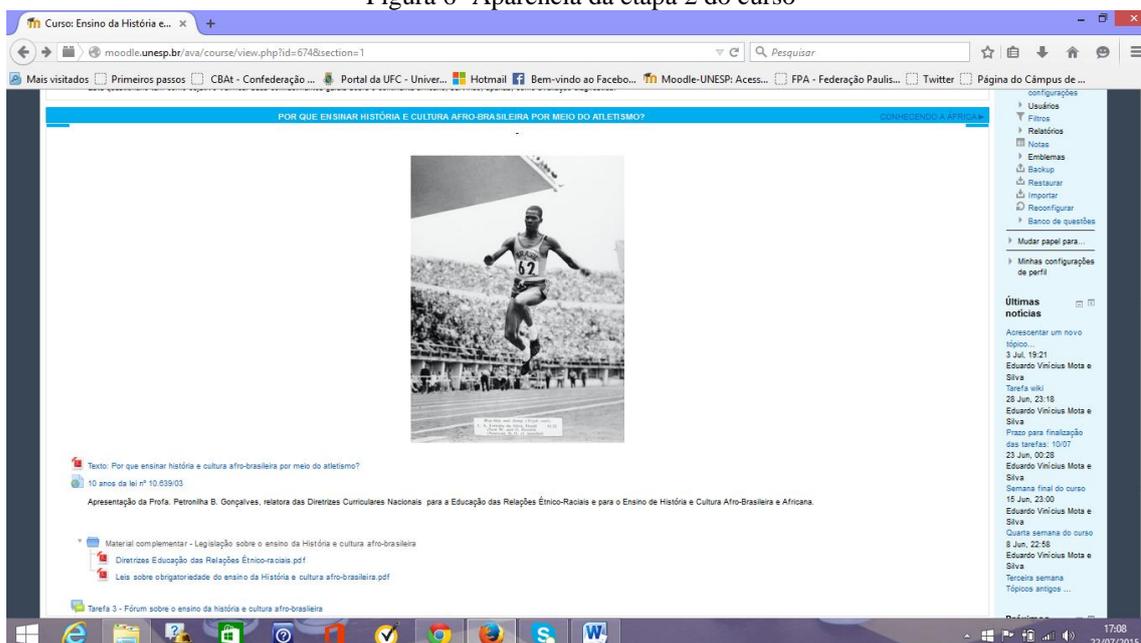
2.2.2.2 Desenvolvimento do curso

Descrevemos, a seguir, a composição de cada um dos quatro temas planejados para o desenvolvimento do curso de extensão.

2.2.2.2.1 Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física?

Nesta segunda parte do curso (figura 6), dedicada a reflexão sobre a pertinência do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física, foi disponibilizado, inicialmente, um texto, de nossa autoria, homônimo a esta seção (APÊNDICE A), que busca apresentar três argumentos que o justificariam: a legislação que obriga o seu ensino em todas as áreas de Educação Básica; a necessidade de que se ensine conceitos e atitudes em aulas de Educação Física; e, as interfaces existentes entre cultura corporal de movimento e cultura afro-brasileira. Apresentou-se, ainda, nesta parte, um vídeo com uma palestra da Profa. Dra. Petronilha B. Gonçalves e Silva a respeito dos dez anos de promulgação da Lei nº 10.639/03 (<https://www.youtube.com/watch?v=3jzxBnlpySY>). Finalizando esta etapa, foi proposto um fórum para discussão do texto e do vídeo. Como possibilidade de complementação dos estudos foram postados, como material complementar, os textos integrais das Leis nº 10.539/03 e 11.645/07 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Figura 6- Aparência da etapa 2 do curso



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

2.2.2.2.2 Conhecendo a África por meio do Atletismo

Em “Conhecendo a África por meio do Atletismo”, terceira etapa do curso (figura 7), o objetivo principal foi proporcionar alguns conhecimentos relativos às mudanças geográficas e políticas ocorridas na África entre seus períodos colonial e pós-colonial.

Figura 7- Aparência parcial da etapa 3 do curso

Curso: Ensino da História e... x

moodle.unesp.br/ava/course/view.php?id=674§ion=2

Pesquisar

Mais visitados | Primeiros passos | CBAt - Confederação ... | Portal da UFC - Univer... | Hotmail | Bem-vindo ao Facebo... | Moodle-UNESP: Acess... | FPA - Federação Paulis... | Twitter | Página do Câmpus de ...

Pôster África e atletismo

Apesar de, ainda hoje, muitas pessoas pensarem que a África é um país, sabemos que ela é na verdade um continente imenso e diverso. Esta falta de informação é reflexo da falta de atenção que se dá a este tema na Educação Brasileira. Da mesma forma, quando se fala de raça negra, se refere a um conjunto de diferentes grupos étnicos que apresentam características fenológicas semelhantes. Um exemplo desta diversidade pode ser visto no trabalho anexo apresentado, originalmente em 2011, no qual se buscava demonstrar as diferentes origens dos melhores atletas corredores de provas de velocidade e de fundo e suas relações com o continente africano.

TAREFA 4 - Conhecendo a África por meio de atletismo

Com base no pôster apresentado, escreva um texto reflexivo sobre a pertinência e as possibilidades / dificuldades de utilização da atividade descrita em uma aula de Educação Física.

Descobrimo a nossa Jamaica

Nesta matéria exibida no programa "Histórias do Esporte" da ESPN Brasil, o Prof. Dr. Fernando de Oliveira (Ufla) apresenta seu projeto de iniciação ao Atletismo CRIA-Lavras e aponta sua intenção de, por meio dele, 'descobrir' a Jamaica brasileira e proporcionar aos seus participantes melhores oportunidades de vida.

TAREFA 5 - Fórum 'Descobrimo a nossa Jamaica'

Espaço para discussão da matéria "Descobrimo a nossa Jamaica", buscando relacioná-la com o pôster: "Possibilidades de ensino da História da África por meio do atletismo em aulas de Educação Física".

Últimas notícias

Acrescentar um novo tópico...

3 Jul, 19:21
Eduardo Vinicius Mota e Silva

Tarefa wiki
28 Jun, 23:18
Eduardo Vinicius Mota e Silva

Prazo para finalização das tarefas: 10/07
23 Jun, 00:28
Eduardo Vinicius Mota e Silva

Semana final do curso
15 Jun, 23:00
Eduardo Vinicius Mota e Silva

Quarta semana do curso
8 Jun, 22:58
Eduardo Vinicius Mota e Silva

Terceira semana
Tópicos antigos ...

Próximos eventos

Não há nenhum evento próximo

Calendário...

16:44
23/07/2015

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Para isto, foram sugeridas duas tarefas. A primeira buscou relacionar os países de nascimento dos principais atletas mundiais, com base em suas melhores marcas pessoais, nas provas de 100 metros rasos e da Maratona masculina, com as possíveis respectivas regiões de origem de seus ancestrais por meio de uma apresentação elaborada no programa *Power Point* (figura 8), de autoria do pesquisador, apresentada em um congresso. Considera-se que com esta atividade, os participantes poderiam verificar parte da diversidade de países existentes na África atual, bem como, entender como a imigração compulsória proporcionada pelo sequestro e tráfico de seus habitantes guarda relações com o sucesso esportivo de certos países em competições do Atletismo contemporâneo. Como forma de comprovar as possibilidades de ensino deste conhecimento no campo da Educação Física, cada um dos participantes do curso deveria elaborar e enviar um texto reflexivo sobre a pertinência e as possibilidades/dificuldades de utilização da atividade descrita em uma aula de Educação Física.

(http://espn.uol.com.br/video/359281_historias-do-esporte-descobrimdo-a-nossa-jamaica) na qual foi entrevistado o Prof. Dr. Fernando de Oliveira, da Universidade Federal de Lavras, que busca, por meio de seu projeto de extensão, encontrar a rota de distribuição dos africanos escravizados, no Brasil, de forma a encontrar os descendentes daqueles que, porventura, tivessem a mesma origem étnica dos escravizados na Jamaica. Com base neste material e, também, no anterior, foi proposta a realização de um fórum para a discussão destes temas.

2.2.2.2.3 Discutindo as diferenças

Nesta etapa do curso (figura 9) buscou-se analisar os diferentes discursos que tentam justificar a prevalência de atletas negros em provas de corridas. Para isto, foram disponibilizados dois artigos científicos para leitura: “A participação do atleta negro no esporte: das pistas de Atletismo às pistas de fórmula 1” de Oliveira (2008) e “Participação genética sobre o desempenho atlético” de Vancini e Lira (2005), como forma de balizar as discussões acerca desta temática.

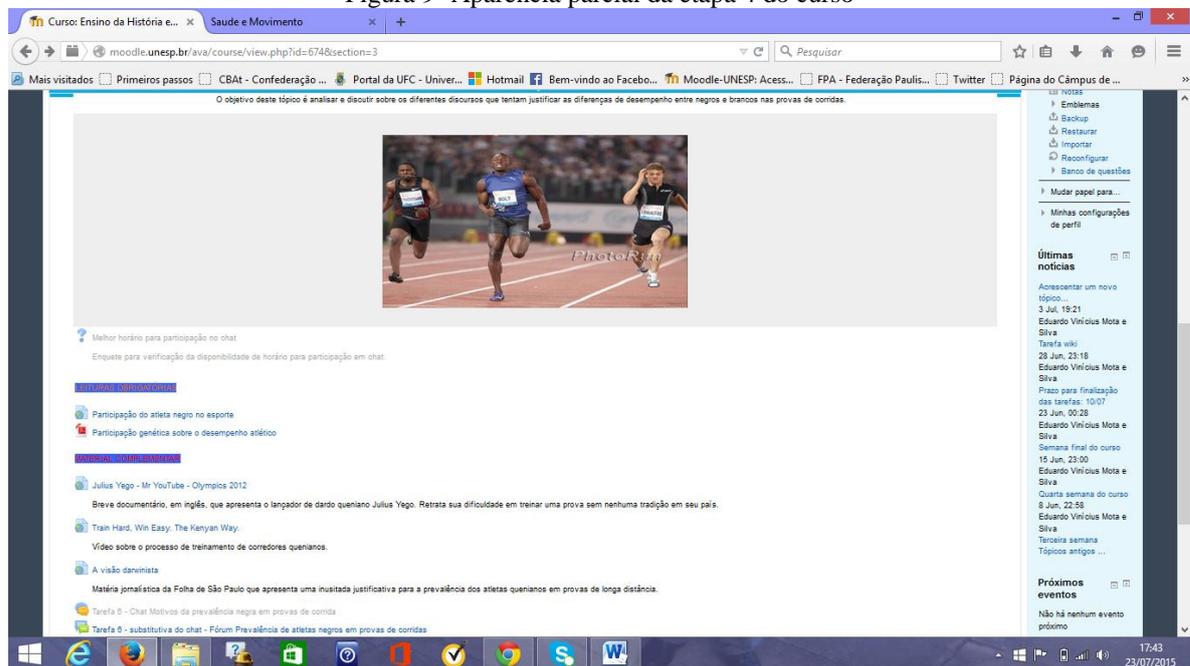
A partir da leitura destes textos foi proposta a realização de um *chat* para que suas visões conflitantes pudessem ser mais bem discutidas. Entretanto, como apenas dois cursistas estiveram disponíveis, no período programado para a realização desta tarefa, foi necessária a sua substituição por mais um fórum.

Como forma de possibilitar o acesso a outras informações foram franqueados, também, aos participantes, materiais complementares. Compuseram estes materiais uma matéria jornalística e dois vídeos. A reportagem “Darwinismo dá vantagem a quenianos em provas de longa distância” (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u84533.shtml>), publicada pelo jornal “A Folha de São Paulo”, apresenta como justificativa para o sucesso dos corredores quenianos uma inusitada teoria “evolucionista” em que estes descenderiam de uma tribo de caçadores em que os mais aptos teriam direito a mais mulheres, o que teria feito com que estes deixassem mais e melhores descendentes. Os vídeos disponibilizados, em contrapartida, tiveram como objetivo mostrar a importância da dedicação dos atletas quenianos para a obtenção de bons resultados. Em “Train hard, win easy – the kenyan way” (<https://www.youtube.com/watch?v=1dmjQfCYEtQ&list=PL2F4007B04631A0ED>) são mostradas cenas do treinamento de atletas quenianos, intercaladas com frases, em inglês, que exaltam a dedicação destes atletas ao treinamento. Já, “Julius Yego – Mr. Youtube – Olympics, 2012” (<https://www.youtube.com/watch?v=clUvbObfqz0>) é um breve documentário, em inglês, que apresenta a dedicação do lançador de dardo queniano Julius

Yego, na aprendizagem e treinamento de uma prova sem nenhuma tradição em seu país. Este atleta, aliás, é o atual campeão mundial da prova.

Com a seleção destes materiais tem-se a intenção de questionar proposições que, muitas vezes, tomadas como verdadeiras, acabam por reificar e naturalizar as diferenças, dando origem a diversos preconceitos. Como afirma Canen (2012), propostas de ensino que se pautem pela perspectiva multicultural crítica devem desafiar a “[...] naturalidade com que normas e diferenças se apresentam na sociedade” (p. 97).

Figura 9- Aparência parcial da etapa 4 do curso

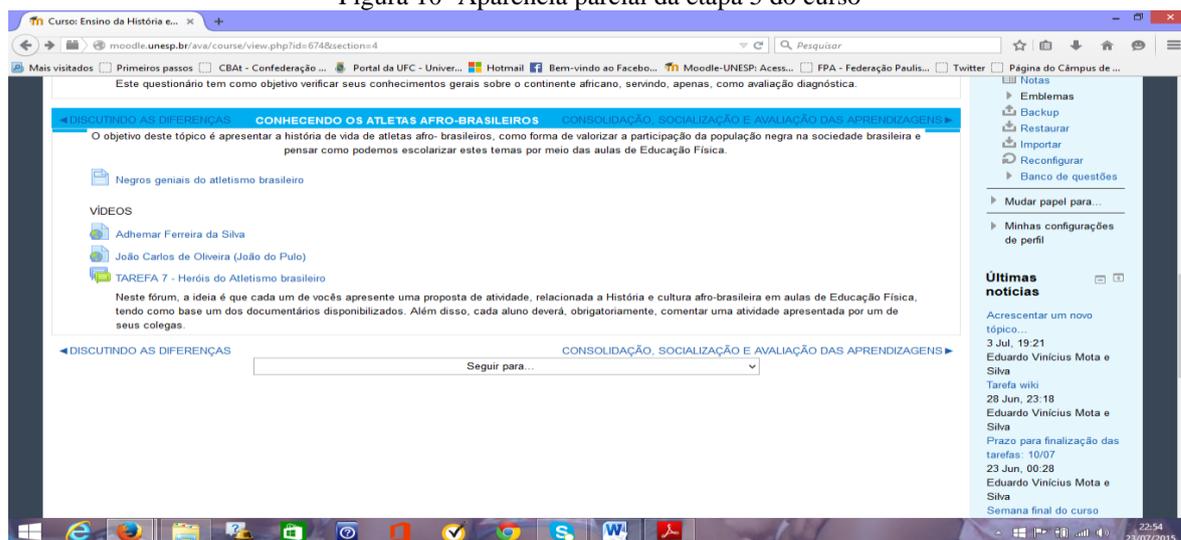


Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

3.2.2.2.4 Conhecendo os atletas afro-brasileiros

Na penúltima parte do curso, “Conhecendo os atletas afro-brasileiros”, cuja aparência final pode ser verificada na figura 10, buscou-se apresentar a história de vida de alguns dos principais atletas afro-brasileiros como forma de valorizar as contribuições deste grupamento étnico que, em muitos casos, vão além das pistas.

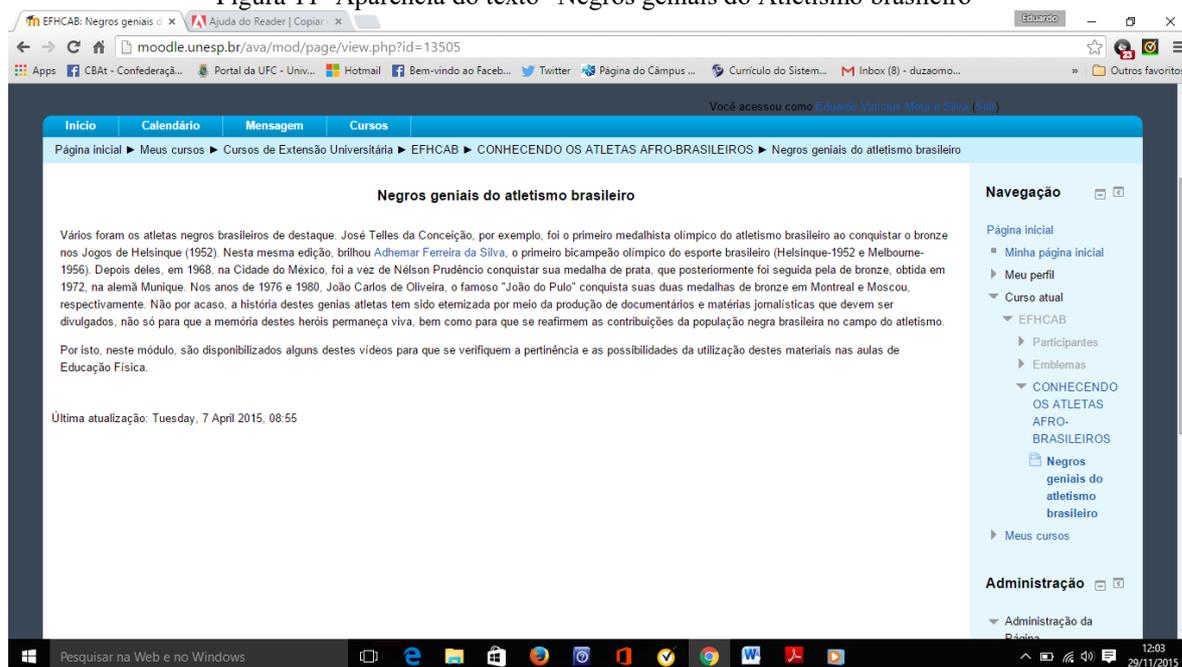
Figura 10- Aparência parcial da etapa 5 do curso



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Para tal, esta parte do curso foi iniciada com um pequeno texto, de autoria do pesquisador, intitulado “Negros Geniais do Atletismo brasileiro” (figura 11) no qual se explana sobre a importância desta temática para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Na sequência, foram disponibilizados vídeos dos seguintes atletas: Adhemar Ferreira da Silva e João Carlos de Oliveira, oriundos do Projeto “A Cor da Cultura” (<https://www.youtube.com/watch?v=9oiDvFxIObI>) e de uma matéria jornalística do programa televisivo Globo Esporte (<https://www.youtube.com/watch?v=Fi-fVRrHzCs&NR=1>), respectivamente. A princípio, seriam disponibilizados, preferencialmente, os documentários produzidos para o Projeto “Memória do Esporte Olímpico brasileiro” com importantes atletas negros do Atletismo brasileiro como Nelson Prudêncio, Aída dos Santos, José Telles da Conceição, Wanda dos Santos além dos citados, anteriormente. Entretanto, à época de realização do curso nenhum destes vídeos estava disponível para exibição. Esta mesma situação, aliás, de documentários produzidos com o apoio do Governo brasileiro e que não são disponibilizados na íntegra, mesmo para finalidades educativas, já havia sido problematizada em produção anterior (SILVA e MATTHIESEN, 2013). A época, inclusive, questionamos via correio eletrônico os responsáveis pelo projeto e fomos comunicados que, por questões de direitos autorais, tais produções somente poderiam ser exibidas na televisão. Felizmente, em acesso realizado no momento da redação final desta tese, todos os vídeos estavam disponibilizados.

Figura 11- Aparência do texto “Negros geniais do Atletismo brasileiro”



Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Como forma de se verificar as possibilidades de utilização deste material em aulas de Educação Física foi solicitado aos participantes do curso a elaboração de uma proposta didática de utilização deste material, que ficaria disponibilizada em um fórum aberto com esta finalidade. Como forma de garantir a interação entre os participantes, solicitou-se que estes comentassem, ao menos, a proposta de outro colega, neste mesmo fórum.

2.2.2.3 Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens

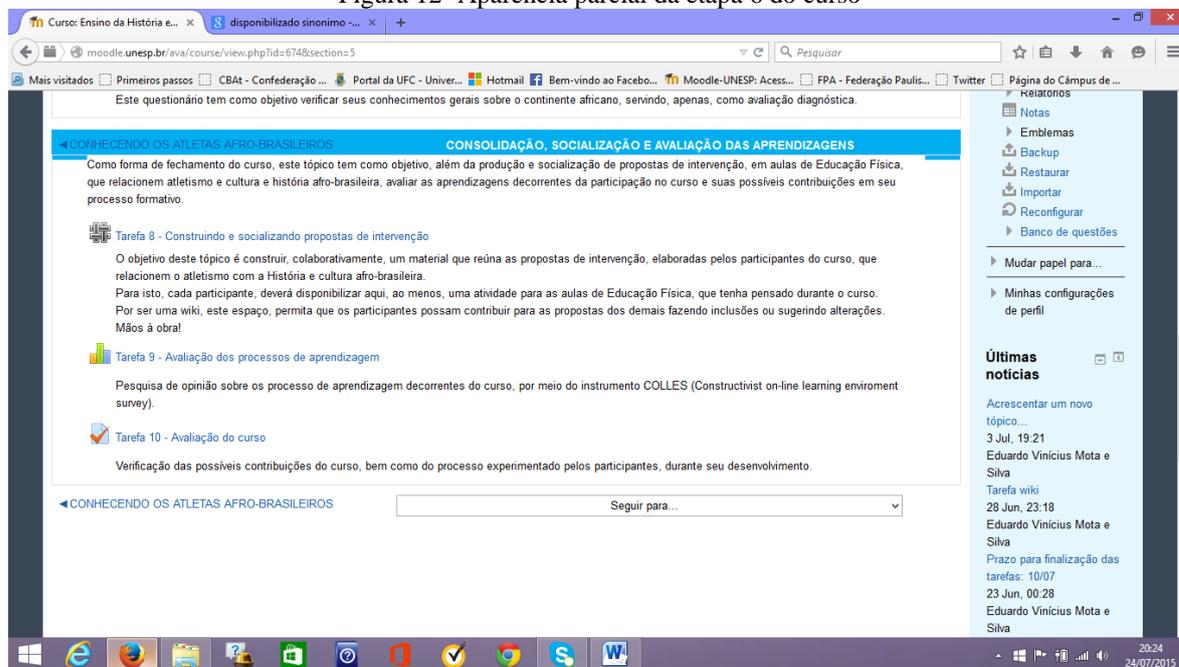
A última etapa do curso foi intitulada “Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens”, cuja aparência pode ser verificada na figura 12, foi pensada para ser a fase de síntese das aprendizagens e fechamento do curso. Como um dos objetivos do curso era elaborar práticas de intervenção para aulas de Educação Física na Educação Básica, baseadas na História e Cultura Afro-Brasileira, a principal tarefa desta etapa foi, justamente a divulgação, entre os participantes do curso, desta produção. Para isso esta deveria ser disponibilizada em uma *wiki*, “ferramenta interativa de construção de uma base de conhecimento” (NAKAMURA, 2008, p. 42), para que todos pudessem ter acesso, fazer inclusões e/ou sugerir modificações no material produzido.

Além desta avaliação foi colocado à disposição dos participantes um questionário (APÊNDICE B), de nossa autoria, composto por cinco questões abertas sobre as possíveis

contribuições do curso, bem como, do processo experimentado pelos participantes, durante o seu desenvolvimento.

Em resumo, esta foi a estrutura básica do curso aplicado.

Figura 12- Aparência parcial da etapa 6 do curso

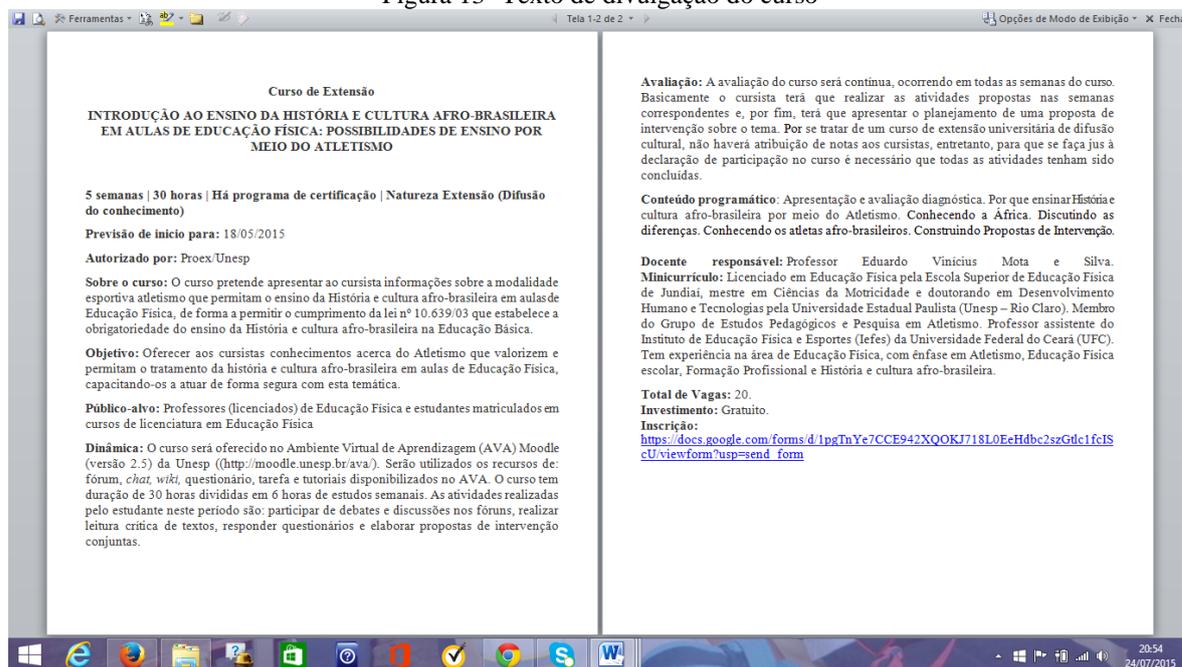


Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

2.2.3 Desenvolvimento do Curso

Conforme descrito anteriormente, o curso de extensão “Introdução ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira: possibilidades de ensino por meio do Atletismo” foi oferecido pelo Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP - Rio Claro, na modalidade a distância. Foram disponibilizadas, 20 vagas voltadas a alunos e profissionais licenciados em Educação Física. As inscrições ocorreram entre os dias 11 e 22 de maio de 2015. Tendo em vista que o curso seria gratuito e certificado pela Unesp, a expectativa era de que as vagas fossem rapidamente preenchidas, o que realmente ocorreu. Por conta desta expectativa, a divulgação do curso, inclusive, se limitou a um convite simples, em que foi anexado um documento (figura 13) com as principais informações do curso, divulgado em alguns grupos existentes na rede social *Facebook*. Foram selecionados para divulgação grupos de estudantes ligados a instituições de ensino superior em que o pesquisador estudou ou atuou como professor.

Figura 13- Texto de divulgação do curso



Fonte: elaborado pelo autor (2015)

As inscrições foram feitas por meio do aplicativo *Google Docs*, no seguinte endereço: https://docs.google.com/forms/d/1pgTnYe7CCE942XQOKJ718L0EeHdbc2szGtlc1fcIScU/viewform?usp=send_form. O número de participantes foi atingido dentro do prazo estabelecido. Foi facultada aos participantes a permissão ou não para a utilização dos dados obtidos, durante o curso, por meio da assinalação da opção “aceito participar” ou “não aceito participar”, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C).

2.2.4 Avaliação do Curso

Conforme citado anteriormente, para a avaliação do curso foi disponibilizado na própria Plataforma *Moodle*, um questionário aberto de autoria do pesquisador, com vistas à obtenção das informações necessárias para que se atingissem os objetivos da presente pesquisa. Este instrumento foi composto por quatro questões relacionadas às seguintes informações: contribuição do curso à formação; utilidade do atletismo como ferramenta para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira; opinião sobre a modalidade de ensino a distância e da Plataforma Moodle, como meios de desenvolvimento do curso, além de espaço para a livre manifestação dos participantes. Triviños (2013) elenca o questionário aberto, juntamente com a análise de conteúdo e outros instrumentos, possivelmente como os “[...]”

mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está interessado o investigador qualitativo” (p. 138).

2.2.5 Análise dos dados

Tanto para a análise das respostas do questionário, quanto às perguntas formuladas por meio dos fóruns disponibilizados aos cursistas foi utilizada a Análise do Conteúdo, proposta por Bardin (2009). Mesmo porque, conforme compreende esta autora, esta técnica é “[...] aplicável [...] a todas as formas de comunicação” (p. 31), além de permitir que se alie a busca dos significados “[...] além das aparências [...]” (p. 31) a busca por rigor na interpretação das mensagens.

Campos (2004), utilizando a Análise de Conteúdo, menciona a existência das seguintes fases: “[...] pré-exploração do material ou de leituras flutuantes [...], seleção das unidades de análise, [...] processo de categorização e subcategorização” (p. 613). Este, aliás, foi o procedimento utilizado na presente tese. Ou seja, inicialmente, foram realizadas “leituras flutuantes de todo o material com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada aspectos importantes para as próximas fases da análise” (CAMPOS, 2004, p. 613). Posteriormente, procedeu-se a análise temática, aquela que se utiliza do tema como unidade de registro. De acordo com Campos (2004): “o tema pode ser compreendido como uma escolha própria do pesquisador, vislumbrada através dos objetivos de sua pesquisa e indícios levantados do seu contato com o material estudado e teorias embasadoras [...]” (p. 613).

Bardin (2009) afirma que no caso de respostas a questões abertas, bastante utilizadas para a obtenção das informações necessárias a esta tese, é frequente a utilização do tema como “[...] unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc” (p. 131).

A etapa seguinte consistiu na categorização dos dados obtidos. Categorias são definidas por Bardin (2009) como: “[...] classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos” (p. 145).

Nesta tese, de certa forma, as categorias já estavam pré-definidas em razão de seus objetivos, ou seja, foi utilizada uma classificação apriorística, aquela que, conforme Campos (2004), é predefinida pelo pesquisador. Foram elas: Contribuição do curso à formação; Educação a Distância; Plataforma *Moodle*; e, Atletismo como ferramenta para o ensino da

História e Cultura Afro-Brasileira. A partir das categorias estabelecidas procedeu-se a sua diversificação em subcategorias, como se verá adiante.

Como critério para a construção das subcategorias utilizou-se a recorrência das unidades de registro, a exemplo do efetuado por Barros (2013) em sua tese, ou seja, foram destacados os temas mais frequentemente citados pelos cursistas.

Além dos questionários também foram objetos de análise as informações geradas pela própria Plataforma *Moodle*, por meio de seus relatórios, como quantidade, momentos de acesso e o grau de interatividade dos sujeitos nas atividades, além das diversas produções registradas pelos cursistas, em especial suas interações nos fóruns e demais tarefas. Borba, Malheiros e Amaral (2011) destacam a quantidade de informações que são geradas pelos ambientes virtuais de aprendizagem já que as transcrições destes dados são automáticas, o que exige um grande processo de análise para que se encontre “as evidências sobre a questão da pesquisa” (p. 126). Além disso, Amaral, Natal e Viana (2008) destacam que, no caso de estudos realizados em ambiente virtual, “o acesso à informação [...] é facilitado, pois a própria criação de dados on-line é feita de forma textual” (p. 37), uma vantagem em relação às pesquisas presenciais.

Com os resultados obtidos, após todas as etapas da pesquisa, acredita-se ser possível visualizar a importância do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em cursos de graduação em Educação Física e o quanto o emprego de tecnologias digitais, baseadas na internet podem contribuir para esta valorização e para a facilitação da aprendizagem dos alunos.

Por fim, vale ressaltar que o presente método de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Biociências da Unesp – Rio Claro, de acordo com o parecer 908.510, em dezembro de 2014 (ANEXO A).

3 REVISÃO DE LITERATURA

Com a intenção de se garantir uma melhor compreensão sobre temas essenciais ao problema investigado, apresenta-se aqui, a revisão de literatura realizada.

3.1 História e Cultura Afro-Brasileira na escola

Conhecer, compreender e valorizar suas origens deveria ser um direito de todo ser humano. Entretanto, no Brasil, durante muito tempo, grande parte da população teve este direito negligenciado (GONÇALVES e SILVA, 2000; NUNES, 2013). Refere-se aqui à população negra, descendente dos povos africanos escravizados, que desde sua captura até e, posteriormente, a sua libertação, sofreu diversas ações tanto do Estado português, quanto do brasileiro para que se apagasse ou, ao menos, se dificultasse a consolidação de sua memória. Para isto, diversas estratégias foram utilizadas, como, por exemplo, a mistura deliberada de pessoas originárias de diferentes etnias nos grupos a serem “comercializados” (FERNANDES, 2009) ou, ainda, a criminalização da prática da Capoeira, no início do século XX (GONÇALVES JUNIOR, 2009). Toda essa situação se torna ainda mais aviltante quando se sabe que o Brasil foi o país que mais importou este tipo de mão de obra, totalizando mais de 4 milhões de pessoas (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

A escola, organização social que, nas opiniões de Rangel (2006) e Nunes (2013), não deveria ser espaço para criação ou reprodução de preconceitos, também contribuiu, e muito, para esta situação, principalmente, em nosso país que sempre teve “um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem” (BRASIL, 2004, p.5). Esta situação atingiu, especialmente, a população negra, pois, durante muito tempo, seu acesso foi impedido e, posteriormente, sua permanência dificultada (ROMÃO, 2005). Além disso, este reconhecimento por parte do Estado brasileiro é recente, pois, anteriormente, silenciava-se sobre este assunto (CAVALLEIRO, 2005, 2006) ou se tentava tornar invisível a presença do negro na história da Educação brasileira (CRUZ, 2005).

Como resultado, grande parte da população afro-brasileira, apesar do trabalho de diferentes atores do Movimento Negro, como a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e o Movimento Negro Unificado, dentre outros, que tentam e tentaram reverter este quadro, muitas vezes servindo como espaços de Educação

(DOMINGUES, 2007; FERNANDES, 2009; GONÇALVES e SILVA, 2000; LEITE e AMORIM, 2014), encontra dificuldades em relação à sua afirmação e identidade pessoal. Mesmo porque, conforme aponta Nunes (2013), durante todo o século XX, esta instituição tratou com descaso os conteúdos relacionados a História Africana e Afro-brasileira, “negando a um povo o direito de conhecer sua própria história” (p. 7). Na visão de Munanga (2005) e Barros (2013), a ausência destes conteúdos foi um dos principais fatores a impedir a escolarização plena da população negra, por desestimulá-la e, conseqüentemente, prejudicar sua aprendizagem. Segundo Cavalleiro (2006), um dos grandes desafios da Educação frente a esta situação é “a afirmação e a revitalização da auto-imagem do povo negro” (p. 15).

Um dos melhores caminhos para a reparação e mudança desta situação é, novamente, a Educação, “um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo”, por meio de uma de suas principais instituições, a escola, pois, ela tem como missão “estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias” (BRASIL, 2004, p. 8), auxiliando na formação da identidade dos alunos (RANGEL, 2006). Desta forma, é sua função possibilitar não só a população negra, mas, a todos os brasileiros, informações e conhecimentos sobre a origem africana de grande parte de sua população e a produção cultural decorrente da diáspora. Este tipo de conhecimento é importante a toda a sociedade brasileira, pois, conforme Munanga (2005) “[...] a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos [...]” (p. 16). Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana destacam que todos “devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática” (BRASIL, 2004). Este documento, por sinal, estabelece que a Educação das Relações Étnico-Raciais “[...] impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto [...]” (BRASIL, 2004, p. 14) e que seu tratamento, apesar de não se dar exclusivamente na escola, perpassa por ela. Munanga (2005), aliás, a classifica como um local de destaque para tal.

Esta importância da escola, inclusive, tem sido cada vez mais destacada por meio de políticas educacionais adotadas nas últimas décadas, que tentam enfrentar este problema, incluindo o tratamento de temáticas voltadas ao conhecimento e reconhecimento da diversidade étnica brasileira. Estas políticas decorrem da publicação da Constituição Federal de 1988 que, além de considerar a Educação um direito social (GOMES, 2011), elegeu a cidadania como grande tema, destacando a necessidade de se respeitar “todas as

manifestações étnico-raciais e culturais” (PEREIRA e CORDEIRO, 2013, p. 13) e das promulgações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que já postulava em um de seus parágrafos que, no ensino da História do Brasil, se deveria incluir as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro (PIRES e SILVA, 2015), e do Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/01) que detalhavam as determinações constitucionais em suas legislações (GOMES, 2011).

Uma das primeiras ações mais específicas aplicadas pelo Estado brasileiro, a partir das legislações anteriores, foi a publicação, nos anos de 1997 e 1998, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Este documento estabelecia, de forma inédita, como grande objetivo da Educação escolar brasileira, a formação do cidadão e apresentava, ainda, como grande avanço, segundo Darido et al. (2001), o tratamento de temas sociais emergentes como o eixo do currículo escolar para que se atingisse esta finalidade. Dada a sua necessidade de serem tratados por todos os componentes curriculares, de forma transversal, tais temas foram oficialmente denominados “Temas Transversais”. Seis foram os temas eleitos: Ética, Meio Ambiente, Trabalho e consumo, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural (BRASIL, 1997).

Um destes temas, Pluralidade Cultural, se volta, especificamente para

[...] o desenvolvimento do respeito e da valorização das diversas culturas existentes no Brasil, contribuindo assim para uma convivência mais harmoniosa em sociedade, com o repúdio a todas as formas de discriminação. (DARIDO et al., 2001, p. 24).

Gomes (2011) entende que a inclusão desta temática foi uma resposta do Governo Federal às pressões exercidas pelo Movimento Negro, especialmente, durante os anos de 1990. Importante salientar, entretanto, que as preocupações com esta temática já existiam, pelo menos, desde a década de 1970, via outros atores deste mesmo movimento (SILVA e PEREIRA, 2013).

Estas temáticas, de acordo com os próprios PCNs, deveriam “ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola” (BRASIL, 1997, p. 15). Para Gomes (2011), esta estratégia não atendeu plenamente a questão racial, pois, esta acabava se diluindo “no discurso da pluralidade cultural” (p. 113) e pressupunha que a inclusão de conteúdos relacionados à temática

[...] seria suficiente para introduzir pedagogicamente questões que dizem respeito a posicionamentos políticos, ideologias, preconceitos, discriminação, racismo e tocam diretamente na subjetividade e no imaginário social e pedagógico (p. 114).

De certa forma, passada mais de uma década, se percebe que muito pouco se avançou neste sentido. Pereira e Cordeiro (2013), ao analisarem o impacto dos PCNs nas escolas afirmam que, na maioria delas, este documento ficou, apenas, “nos armários da biblioteca” (p.

14). Macedo (1999) entende que a própria concepção e apresentação dos temas transversais nos PCNs, de forma isolada e pouco elucidativa, podem explicar a sua não efetivação na prática escolar. Em sua visão, para que esta situação se modificasse, estes temas teriam que assumir, de fato, a centralidade do currículo escolar ao se tornarem princípios estruturadores dos currículos.

Com esta relativa não efetivação dos temas transversais no cotidiano escolar, frustrou-se a esperança de que a temática étnico-racial, especialmente a relacionada à História e Cultura Afro-Brasileira viesse, também, a ser incluída nos currículos, por meio do já citado tema transversal Pluralidade Cultural. Este mesmo ponto de vista é exposto por Monteiro (2006) para quem as políticas públicas implementadas nos anos 1990, dentre as quais se incluem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), além das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Ensinos Fundamental e Médio e os Referenciais Nacionais para a Educação Infantil, parecem ter modificado muito pouco o tratamento destas questões.

Gomes (2011) entende que a falha desta política, por ela considerada universalista, associada ao momento político deflagrado pela 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), da qual o Brasil foi signatário e as decorrentes pressões do Movimento Negro, além de iniciativas afirmativas adotadas pelo Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, criaram as condições para que, a partir de 2000, fossem publicadas leis que alteraram o artigo 26 da LDB tornando, então, obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Estas publicações se caracterizam como políticas de ação afirmativa, uma modalidade, até então, pouco utilizada pelo Estado brasileiro, que significa, de acordo com as DCN das Relações Étnico-Raciais, o conjunto de

[...] ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória (BRASIL, 2004, p. 12).

Assim sendo, foi publicada em 2003, a Lei nº 10.639 que incluiu dois artigos na LDB: o 26-A, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira” e o 79-B, que incluiu o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” no calendário escolar (BRASIL 2004). Gomes (2011) ressalta que por se tratar de uma alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação ela deve ser implantada em toda a rede escolar.

Esta Lei foi muito comemorada por grande parte do Movimento Negro e, também, por vários estudiosos como Santos (2007) para quem, por exemplo, ela demonstra o reconhecimento da importância de se valorizar a história e cultura do povo negro como forma

de reparar os danos causados à sua identidade e aos seus direitos desde a escravatura até os dias atuais.

Gomes (2011) ressalta a necessidade de se entender a publicação desta legislação como “fruto de um processo de lutas sociais, e não uma dádiva do Estado” (p. 117). Este mesmo entendimento é compartilhado por Moreira (2008), Oliveira (2012), Cunha Junior (2013), Maranhão e Gonçalves (2013) e Nunes (2013). Importante notar que a luta por aprovação de leis antidiscriminatórias, no Brasil, remonta, pelo menos, a 1944, ano de fundação do Teatro Experimental do Negro, grupo que se caracterizava pela defesa deste tipo de iniciativa, ao passo que a busca por leis que incluíssem a temática afro-brasileira nos currículos se deu a partir do ano de 1982, quando o Movimento Negro Unificado, em seu programa de ação, estabelece entre suas reivindicações mínimas “a luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares” (DOMINGUES, 2007, p. 114). Não se pode, entretanto, desconsiderar as diversas iniciativas de entidades negras, em períodos anteriores, que mantiveram escolas visando à educação de sua população, tendo em vista que não se acreditava que o poder público se preocupasse com esta. A iniciativa da Frente Negra Brasileira de manter instituição escolar de grande porte, na década de 1930, é considerada a experiência educativa mais completa destas entidades (GONÇALVES e SILVA, 2000).

Passados dez anos da publicação desta primeira lei, Pereira e Cordeiro (2013) acreditam que ela não atingiu seus objetivos, pois, de maneira geral, as escolas continuam enfatizando as datas festivas e comemorativas, quase sempre de forma folclórica, sem discutir seus aspectos históricos, para tratar da temática e justificar a aplicação da lei. Gomes (2011) considera que a efetivação da Lei como política pública tem enfrentado diversos percalços, mas, que por meio da fiscalização governamental e mobilização da sociedade civil este direito à diversidade étnico-racial deve ser garantido.

Cinco anos após sua promulgação, esta mesma Lei foi complementada para que, dentre outros motivos, se incluísse a temática indígena no artigo 26-A. Foi assim, publicada a Lei nº 11.645 (BRASIL, 2010) que estabeleceu o seguinte:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.
Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (p. 34).

A promulgação destas leis, na opinião de Marques, Almeida e Silva (2014), foram bastante significativas por disciplinarem a temática das relações étnico-raciais, problematizando e ressignificando “os currículos monoculturais por meio dos componentes curriculares História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena” (p. 47) desafiando a escola a superar a mentalidade racista. Para Barros (2013), com estas legislações, vislumbrou-se a possibilidade de inclusão destes conteúdos, até então, excluídos ou subutilizados, o que contribuiu “para a construção de um novo olhar sobre África e africanos na diáspora e para a efetivação da possibilidade de existência igualitária para negros, negras e outros segmentos sociais” (p.60). Silva e Pereira (2013), seguindo basicamente na mesma linha, entendem que a inclusão deste tema nos currículos ajuda a reconstruir tanto nos alunos quanto nos professores uma imagem mais positiva do continente africano levando, então, a um aumento da autoestima dos alunos negros e a uma maior aceitação da diversidade étnico-racial aos demais.

Entretanto, ao contrário do esperado, de acordo com Marques, Almeida e Silva (2014), houve uma frustração das expectativas de que estas promulgações fossem capazes de fazer com que houvesse debates, discussão de novas metodologias e conteúdos e cursos de formação continuada, pois, estas leis chegaram, na verdade,

[...] sem muitas reflexões e estudos que pudessem garantir ao docente refletir sobre os conceitos e as categorias relevantes para a desconstrução, reconceitualização das representações e estereótipos presentes nas práticas pedagógicas, e também na perspectiva de identificar e problematizar a diversidade étnico-racial e cultural presentes nas salas de aula (p. 52).

Marques, Almeida e Silva (2014) entendem, ainda, que a superação deste problema, passa pelos responsáveis pela gestão da escola, pois, são eles que devem garantir as ações coletivas escolares articulando projetos e trabalhos interdisciplinares voltados à educação das relações étnico-raciais.

Gomes (2011) afirma que a efetivação destas leis é uma das atuais demandas do Movimento Negro, principalmente porque, tradicionalmente, este tipo de legislação necessita de um efetivo controle público. Além disso, este é um processo que se caracteriza, inicialmente, por um confronto

[...] com as práticas e com o imaginário racial presentes na estrutura e no funcionamento da educação brasileira, tais como o mito da democracia racial, o racismo ambíguo, a ideologia do branqueamento e a naturalização das desigualdades raciais” (p. 116).

Mas, para que esse tipo de legislação alcance êxito é necessário que haja uma inclusão mais contundente da questão racial nas metas educacionais brasileiras, nas práticas pedagógicas e no processo de formação inicial e continuada (GOMES, 2011).

3.2 A Lei nº 10.639/03 e a formação de professores

Inicialmente, é necessário que se entenda que em virtude da existência do mito da democracia racial no Brasil, muitos

[...] não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional (MUNANGA, 2005, p. 15).

Esta situação e a publicação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/07 trazem consigo um grande desafio para os cursos de formação de professores, apesar de estas não se referirem especificamente ao Ensino Superior. Santos (2005) e Moreira (2008), aliás, apontam a não extensão da obrigatoriedade a este nível de ensino como uma das grandes falhas da Lei nº 10.693/03. Para Moreira (2008), aliás, tal fato representou uma ruptura no processo de sua implementação ao não garantir sua inserção nos currículos de formação dos professores.

Esta falha foi parcialmente corrigida com a publicação da Resolução CNE/CP nº 1 de 17 de junho de 2004 (BRASIL, 2004) que instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que devem ser cumpridas, especialmente, pelas instituições responsáveis pela formação inicial e continuada de professores. Santos (2007) entende que:

[...] a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira, também, no Ensino Superior pode significar às escolas e aos estudantes uma aproximação importante com uma outra perspectiva de nossa história, da nossa cultura, da construção das diferenças e das interações sociais que constituem os contextos escolares (p. 145).

A legislação em questão enfatiza que este estudo deva ocorrer, especialmente, nas áreas de Educação Artística, Literaturas e História do Brasil, mas, determina que todas as disciplinas do currículo escolar devam incluí-la (BRASIL, 2008). Apesar desta determinação, muitas vezes, professores das outras áreas se esquivam desta preocupação alegando não ser de sua competência. Marques, Almeida e Silva (2014), aliás, exemplificam esta situação ao relatarem que uma professora de Ciências participante de pesquisa por eles conduzida, confessou não se preocupar com esta temática, por entender que ela deveria ser tratada pelo professor de História. Esta mesma percepção é partilhada por Barros (2013), em sua tese, ao afirmar que, na maior parte das escolas, há a tendência de se compreender esta temática como

exclusiva da História, ao passo que para que ela seja efetivamente tratada, de forma transversal, professores de diferentes áreas deveriam se envolver com ela.

Para que este quadro comece a se modificar, Monteiro (2006) menciona ser necessário se investir na formação inicial dos profissionais de Educação, para que a produção científica acerca do tema chegue à sala de aula. Como alternativas para o tratamento da temática na formação inicial, Monteiro (2006) aponta algumas possibilidades: criação de disciplina específica sobre a História e Cultura Afro-Brasileira ou sobre as relações étnico-raciais e de cursos de extensão. Apesar disto, ainda hoje, os cursos de licenciatura não estão adequadamente adaptados a estes desafios (BARROS, 2013).

Outro grande desafio posto por esta legislação se refere à necessidade de formação continuada para que os professores que tenham terminado sua graduação, anteriormente a sua promulgação, tenham condições de aplicá-las plenamente. Esta necessidade, aliás, é reforçada por Marques, Almeida e Silva (2014) para os quais é fundamental uma

[...] formação docente que venha a problematizar e a questionar a história de ‘desqualificação’ dos povos colonizados, criando uma tensão, um desafio para a implementação das Leis n.º 10639/2003 e n.º 11.645/2008 (p. 59).

A premência desta qualificação é reforçada, também, nas já citadas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), na qual se afirma ser necessário que os professores “recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeduca-las” (p. 17), evitando, conforme Munanga (2005), que estes continuem a praticar a “[...] política de avestruz [...]” (p. 15), ou seja, não ajam, pedagogicamente, perante momentos de discriminação propiciados ou sofridos por seus alunos.

Entretanto, esta não tem sido a realidade em muitas localidades. Pires e Souza (2015), ao questionarem um grupo de professores da cidade de Bagé (RS), a respeito da Lei n.º 10.639/03, foram surpreendidas por um silêncio coletivo, visto que pouquíssimos a conheciam. Em contato com representantes da gestão municipal foram informadas de que as escolas tinham sido alertadas para a necessidade de inclusão da temática em seus projetos pedagógicos, muito embora não tenha havido nenhuma capacitação específica para os professores. Isto, nas palavras das autoras, demonstra “o descaso da gestão pública, que não constrói as condições para o desenvolvimento dessa política, restringindo-a apenas a um simples informe” (PIRES e SOUZA, 2015, p. 201). Ou seja, a gestão pública passa a

responsabilidade para as escolas, que, por sua vez a repassa para os professores, que, muitas vezes, não são capacitados para tal. Barros (2013) também alerta para esta

[...] transferência, para os indivíduos, do papel do Estado no que se refere à garantia das condições para o desenvolvimento e fiscalização das mudanças previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (p. 106).

Como forma de referendar a necessidade de capacitação, podemos citar Moreira (2008) que, em estudo desenvolvido com alunos e professores soteropolitanos sobre esta temática, percebeu que alunos de professores que participaram deste tipo de atividade demonstraram, ao menos, conhecimentos sobre esta legislação, diferentemente dos demais que a ignoram quase que completamente.

Entretanto, Pereira e Cordeiro (2014), entendem que nos dez anos que se passaram da promulgação da primeira lei, apesar da oferta de cursos de formação continuada poucos foram os professores que os procuraram, o que pode significar a pouca importância atribuída por estes a esta temática. Talvez, esta baixa adesão seja reflexo da visão de alguns educadores de que a Lei foi “uma atitude isolada do Estado brasileiro [...] de caráter demagógico” (NUNES, 2013, p. 7) ou mesmo da “resistência de profissionais que consideram a abordagem do tema desnecessária ou mero modismo” (BARROS, 2013, p. 47).

Desta forma, fica nítida a compreensão de Sobanski (2008) de que não basta que documentos oficiais ou legislações sejam produzidos para que as intenções do currículo sejam realmente implantadas. Pereira e Cordeiro (2014) entendem que, no caso da introdução da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, seja necessário que se criem “formas de superação e de reconhecimento da diversidade social, racial e cultural, por meio de políticas públicas de formação continuada dos educadores, debates com a comunidade” (p. 18), para que ela realmente aconteça. Para Moreira (2008), a dificuldade para a implementação destas leis, ao menos no caso da cidade de Salvador, objeto de seu estudo, não se dá por motivos simples, mas, sim como uma reação a possível quebra de “hegemonias e fenômenos que edificaram as diferenças” (p. 91), o que denota que, ainda vivemos em uma sociedade racista interessada em manter as desigualdades e privilégios.

Rodrigues (2013), em seu estudo, destaca, ainda, o fato de que tanto o corpo docente quanto a equipe gestora da escola, por ele investigada a respeito da presença do racismo, acredita não haver necessidade de políticas afirmativas por crerem que, independentemente da raça, todos são seres humanos e que tratar de questões que discutam o racismo acabam por incentivar a sua prática. Como destaca Cunha Junior (2013), quem assim age “colabora na permanência da prática social racista” (p. 11). Consideramos que com este tipo de pensamento

difícilmente haverá uma inclusão mais efetiva da História e Cultura Afro-Brasileira. Barros (2013), ao estudar as motivações para participação em um curso sobre esta temática, percebeu que estas se deviam mais a sensibilidade prévia destes professores sobre o assunto do que pela obrigatoriedade de seu ensino.

Aliás, mesmo nas propostas curriculares publicadas, nos últimos anos, por diferentes redes de ensino, não se percebe grande ênfase na introdução da História e Cultura Afro-Brasileira.

Isto demonstra, mais uma vez, que “nem mesmo a existência de leis tem garantido a efetivação plena do ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas” (BARROS, 2013, p. 47) nas escolas.

3.3 Educação Física, História e Cultura Afro-Brasileira

Conforme verificado anteriormente, os diferentes componentes curriculares da Educação Básica devem incluir “conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira” em seus currículos (BRASIL, 2008). Logo, procurar-se-á, nesta fase da revisão bibliográfica, investigar como esta tem se dado no campo da Educação Física.

O fato de a Educação Física, de acordo com os Parâmetros Curriculares, ser a “disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento” (BRASIL, 1998, p. 29)”, por si só, abre espaço para que se pense em elementos desta cultura, originários da África e sua diáspora, que possam ser tematizados, em suas aulas, como forma de atender aos anseios da lei nº 10.639/03. Guerra (2008) pressupõe a existência de uma “Cultura Corporal de Movimento do homem afro-brasileiro herdeiro de uma Corporeidade de matriz africana” .

Infelizmente, esta parece não ser uma compreensão generalizada, pois, mesmo em materiais oficiais, como as “Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais”, publicadas pela SECAD-MEC, nas quais se afirma que é função de todos os educadores, independente de sua área, apoiados por seus gestores, implementar a Resolução CNE/CP 1/2004 – Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais, o capítulo dedicado as Licenciaturas, de autoria de Monteiro (2006), não menciona a Educação Física como um dos cursos de formação de professores que devem aplicar essa Resolução. O mesmo ocorreu, conforme descreve Moreira (2008), no documento “As relações étnico-raciais, a cultura afro-brasileira e o projeto político-pedagógico: currículo, relações raciais e cultura afro-brasileira”, publicado pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, no

qual, mais uma vez, a Educação Física foi a única não contemplada, pois, nele, referências à cultura corporal, ocorreram apenas relacionadas à área de Artes.

Mesmo nos programas de pós-graduação é difícil encontrar estudos que relacionem a Educação Física com a temática étnico-racial. Estudo realizado por Aquino et al. (2010), a respeito das áreas de estudos dos professores de pós-graduação da UFPB, demonstra não haver sequer um docente do Programa de Educação Física que se dedicasse a esta relação.

Soares (2015), com base em estudo feito por ela em cinco periódicos bem conceituados da área de Educação Física, entre os anos de 2003 e 2013, referenda esta situação, ao destacar o baixo número de produções (1%) que buscam relacionar a temática afro-brasileira com a área de Educação Física.

Rodrigues (2010) atribui este esquecimento e não presença da Educação Física entre as áreas prioritárias para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, tanto ao desconhecimento generalizado sobre seus objetos de estudo, por parte das autoridades educacionais, de grande parcela dos próprios professores e do senso comum, quanto à “incrustação das fortes nuances preconceituosas encobertas pelos variados discursos procedentes do mito da democracia racial” (p. 137), existentes na gênese da Educação Física brasileira, que fazem com que esta tenda a se silenciar em relação ao tema. Esta compreensão também é partilhada por Martins (2012), para quem o fato de esta disciplina ter estado a serviço da eugenia, desejada pelas elites dirigentes, fez com que ela adotasse o modelo branco europeu como hegemônico. Estes ideais, aliás, segundo Rodrigues (2010b), permanecem até os dias atuais nas aulas de Educação Física, agora com uma roupagem pós-moderna,

[...] já que as tendências de encaminhamento dessa área à saúde e ao rendimento esportivo acabam por construir indicadores de “normalidade” atrelados ao bem estar, somente para as/os praticantes de determinadas atividades físicas, restritas (no sentido de condições ideais às suas práticas) a determinados grupos, onde toda uma estereotipia cultural (e somente a mesma) conduz à legitimação. Diante de tal situação e movendo-se ao sabor da assepsia euro-estadunidense, as escolas públicas brasileiras vão reproduzindo modelos de exclusão a cada identidade negada das suas alunas e alunos.

Apesar desta constatação, Rodrigues (2010) entende que, contrariamente, a Educação Física não só deva tratar desta temática como poderia ser uma de suas áreas prioritárias graças às novas representações na contemporaneidade que a aproximam da área da linguagem e do multiculturalismo. Tradicionalmente, entretanto, a Educação Física Escolar tem se limitado, nas palavras de Rodrigues (2013), a oferecer práticas, apenas, “do modelo euro-estadunidense, masculino e branco” (p. 12). Rangel (2006) também demonstra a necessidade de que a Lei nº 10.639/03 fosse observada na área de Educação Física, apontando, inclusive algumas possibilidades para a sua inclusão.

Silva (2005), relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, também valoriza as possibilidades de a área de Educação Física incluir esta temática em seus currículos, pois:

[...] na medida em que esta disciplina se dedica à educação do corpo, incluindo a dança em seu currículo, é incompreensível que no Brasil deixe de haver seções de danças de raízes africanas e, na área de jogos, a inclusão da capoeira (p. 162).

Esta compreensão, aliás, apesar de não ser tão abrangente, muito se assemelha a perspectiva apontada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, conforme verificado por Moreira (2008), para a qual houve uma valorização, especialmente, das danças regionais “consideradas de raízes afro-brasileiras, indígena-brasileiras e africanas” (p. 86). Rangel (2006), nesta mesma linha, apresenta como possibilidades de tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira, a inclusão de “danças folclóricas, músicas e jogos” (p. 75) de diferentes países africanos, desde que não apenas em datas comemorativas ou sem fazer parte do planejamento da disciplina.

Apesar disto, Maranhão, Gonçalves Júnior e Corrêa (2007) e Maranhão e Gonçalves Júnior (2009) afirmam que mesmo a Capoeira, tida como a mais conhecida das práticas corporais de raiz africana no Brasil, raramente é desenvolvida nas aulas de Educação Física e, mesmo, quando isto ocorre, se limita à vivência de alguns movimentos de forma descontextualizada, não contribuindo, assim, para maiores aprendizagens.

Aliás, ainda sobre a Capoeira, a proposta curricular de Educação Física do Estado de Minas Gerais, entende que esta deva ser valorizada muito em virtude da “riqueza de movimentos e de ritmos que sustentam a capoeira e a necessidade de não separá-los da história e de seu caráter como manifestação cultural” (p. 43). Da mesma forma, Gonçalves Junior (2009) entende ser necessário “[...] conhecer minimamente a história do povo africano para percebermos a capoeira de modo contextualizado [...]” (p. 703). Rangel (2006) entende que ela é um “conteúdo da cultura corporal de movimento que pode e deve ser discutido e vivenciado através de sua origem, instrumentos, vestimentas e diferenciações” (p. 75).

Oliveira e Daólio (2011), entretanto, apoiados nos pressupostos da educação intercultural, afirmam ser preocupante a proposta de Rangel (2006) de relacionar a prática da Capoeira com a possibilidade de valorização da cultura negra, pois, entendem que, ao contrário do proposto, este trabalho pode reforçar o estereótipo e o preconceito ao proporcionar uma “visão engessada de cultura” (p. 6). Considera-se que este risco só ocorra, caso este conteúdo, assim como qualquer outro seja ensinado sem maiores contextualizações e reflexões conforme explicitado em Rangel et al. (2008), não atingindo, desta forma, os

objetivos da Lei nº 10.639/03 (MATTOS, 2007). Um exemplo, aliás, deste tipo de enfoque é apresentado por Pires e Souza (2015) que ao entrevistarem professores de Educação Física da cidade de Bagé (RS) perceberam que alguns destes, ainda “consideram a capoeira como única referência de desenvolvimento da cultura afro-brasileira, desconsiderando as questões sociais, históricas e culturais envolvidas no tema” (p. 202). Soares (2015), em seu já citado estudo sobre a presença da temática afro-brasileira em periódicos científicos da Educação Física, destaca que a maior parte dos artigos trata tão somente da Capoeira ou da Dança Afro o que, em sua opinião, limita maiores reflexões sobre as possibilidades de sua aplicação.

A exemplo do afirmado, anteriormente, por Rangel (2006), o trabalho com a História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física, muitas vezes, se limita a apresentações em datas comemorativas, o que também se repetiu na percepção de Oliveira (2012) e no estudo conduzido por Pires e Souza (2015). Rodrigues (2010) denomina esta tendência de “Fetiches de restrições excêntrico-comemorativas” que, em suas palavras se referem

[...] às datas comemorativas, geralmente folclóricas, onde, em um/ns dia/s ou em uma/s semana/s, nos momentos de uma atividade pedagógica ou até mesmo nas conversas de fim ou começo de aula, dá-se certo enfoque, muitas vezes num sentido pluralista e acrítico – ex.: ao se falar da abolição da escravatura, não destacar as terríveis consequências trazidas por esse episódio que imobilizou a legitimação política do povo negro, há tempos deflagrada pelas insurgências quilombolas –, aos eventos onde o povo negro e sua cultura pudessem ser de fato e de direito, exaltados [...] (p. 145).

Este tipo de iniciativa é, também, criticada por Mattos (2007) para a qual as intervenções relacionadas a Lei não podem se restringir ao calendário folclórico. Para Canen (2007), este tipo de enfoque, apesar de propiciar a “[...] apreciação da riqueza cultural” (p. 102), não coaduna com um processo de construção de uma cidadania crítica e democrática.

Pensar esta inclusão, no caso específico da Educação Física, passa a ser, então, um grande desafio, principalmente, tendo em vista o pequeno número de publicações ou de propostas de intervenção voltadas a esta temática (RANGEL, 2006; RANGEL et al., 2008; RODRIGUES, 2013; MARANHÃO e GONÇALVES JÚNIOR, 2009; MARANHÃO, GONÇALVES JÚNIOR e CORRÊA, 2007; MATTOS, 2007; SANTOS, 2007). Entretanto, nos últimos anos, como reflexo da publicação das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08 outros trabalhos acadêmicos que buscam relacionar a Educação Física à História e Cultura Afro-Brasileira têm sido produzidos, muitos deles propondo caminhos a serem desenvolvidos com outros conteúdos. É o caso dos estudos produzido por Maranhão, Gonçalves Júnior e Corrêa (2007) e Maranhão e Gonçalves Júnior (2009) que apresentam relatos sobre um projeto com jogos e brincadeiras africanas, desenvolvido com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental,

em que perceberam como resultado uma mudança da percepção dos alunos sobre a África, atendendo aos pressupostos das leis.

Similarmente a estes estudos, Pereira, Gonçalves Júnior e Silva (2009) realizaram um projeto que, neste caso, além dos jogos e brincadeiras incluía danças, contos e outras manifestações de origem africana e afro-brasileira, no qual perceberam, também, avanços nos conhecimentos apresentados pelas crianças. Guerra (2008), em seu estudo, aponta a dança como possibilidade de se incluir a História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física justificando esta inclusão no fato de que a maior parte da cultura corporal de movimento brasileira tem referência na corporeidade de matriz africana.

Referente ao tema esporte, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), havia o seguinte destaque: “O estudo da história do futebol no Brasil permite a reflexão sociopolítica sobre a condição do negro” (p. 86), além da citação dentre os temas relevantes dos jogos e esportes, “a inclusão e exclusão do negro nos esportes em determinados momentos históricos” (p. 95), que apontam, em nossa opinião, um ótimo caminho para a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira que, aliás, se busca utilizar na presente pesquisa.

Em uma linha bem próxima deste raciocínio, Rangel (2006) e Santos (2007) apontam que um caminho para que se inclua esta temática na área, é conhecer e divulgar as histórias dos atletas, ginastas e dançarinos negros bem sucedidos, principalmente porque a Lei nº 10.639/03 apresenta como uma de suas propostas

[...] a necessidade de dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira e seus descendentes, no sentido de proporcionar aos estudantes o reconhecimento e a valorização de negros importantes na construção da sociedade brasileira, como possibilidade de conhecimento e respeito à história e às contribuições dos diferentes grupos étnico-raciais (SANTOS, 2007, p. 126).

Ambos os autores, entretanto, salientam que não se pode admitir

[...] que a imagem do negro fique ‘aprisionada’ ao estereótipo de atleta significado em massa corporal que somente joga, pula ou corre; seria dar continuidade às representações de animalidade relacionadas aos negros [...] (SANTOS, 2007, p. 127).

Da mesma forma, Rodrigues (2010) entende que a repetição, principalmente na mídia, de discursos que afirmam a superioridade do negro em alguns esportes serve para criar subjetividades que reforçam os estereótipos produzidos a esta população criando verdadeiros estigmas. Este autor entende, aliás, que estas compreensões, muitas vezes, se baseiam em um pseudocientificismo.

Rangel et al. (2008) também apresentam possibilidades de tratamento étnico-racial do conteúdo esporte ao afirmarem que este “[...] pode ser um grande pólo de reflexão sobre os

problemas relacionados a diversidade étnica e cultural [...]” (p. 164), por meio do tratamento de questões relacionadas a constante “[...] prática de declarações preconceituosas em momentos de grande tensão [...]” (p. 164), durante sua prática, ou, ainda da discussão dos “[...]motivos da grande presença de determinados grupos étnicos em esportes populares (futebol, atletismo, basquete), em detrimento da pequena participação destes mesmos grupos em esportes mais elitizados (automobilismo, golfe, natação, tênis) [...]” (p. 164), algo que, de certa forma, procura-se contemplar no curso de extensão a distância desenvolvido para esta tese.

Outro ponto destacado nos estudos que abordam a relação entre Educação Física e História e Cultura Afro-Brasileira é a necessidade de que sejam produzidos ainda mais conhecimentos que os relacionem, tratando-os pedagogicamente para que possam ser aprendidos pelos alunos. Para que isto venha a ocorrer, Rodrigues (2010b) entende ser imperativa a necessidade de que nas licenciaturas em geral e, também, na Educação Física, existam disciplinas que abordem a temática racial. O mesmo é proposto por Brasil [2010?] ao estabelecer que seja função das Instituições de Ensino Superior “incluir conteúdos e disciplinas curriculares relacionados à Educação para as Relações Etnicorraciais nos cursos de graduação do Ensino Superior” (p. 42).

Entretanto, se analisarmos os cursos de licenciatura em Educação Física, perceberemos a pequena presença de conteúdos que contribuem para uma educação anti-racista (MARANHÃO e GONÇALVES, 2009). Como forma de referendar esta percepção, pode-se citar o levantamento realizado, por Silva e Matthiesen (2015), nos projetos pedagógicos dos cursos públicos de licenciatura em Educação Física do Estado de São Paulo no qual se percebeu a quase inexistência destes conteúdos, pois, dos quatro cursos que disponibilizam este documento na internet, apenas um fazia referência a uma temática relacionada à questão étnica “negra” em seu projeto pedagógico, ao descrever a ementa da disciplina Capoeira. Nos demais, não há nenhuma referência à educação das relações étnico-raciais ou ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, ao contrário do verificado em cursos públicos de outros Estados da federação. Ao menos no caso das Universidades Públicas Paulistas esta ausência pode ser justificada pelo entendimento expresso por seu Conselho Estadual de Educação, em 2011, de que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana não se aplicam

[...] às instituições de ensino superior em face do quanto dispõe o art. 26-A da LDB, que determina ser obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira, apenas nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio (SÃO PAULO, 2011).

Diferentemente, desta concepção, Silva (2007), relatora destas Diretrizes, afirma que a educação das relações étnico-raciais foi estabelecida como um dos núcleos dos projetos pedagógicos das instituições de diferentes graus de ensino, salientando que este fator, inclusive, é um dos quesitos a ser considerado “ao se avaliar a qualidade das condições de oferta de educação por escolas e universidades” (p. 490).

Para Santos (2007) incluir esta temática nos cursos de formação de professores de Educação Física e valorizá-la pode significar a aproximação dos estudantes a “outra perspectiva de nossa história, da nossa cultura, da construção das diferenças e das interações sociais que constituem os contextos escolares” (p. 145). Neste mesmo sentido, Rangel (2006) ao referir-se, neste caso, ao preconceito racial aponta que uma das possibilidades para tratar deste assunto na formação de professores é discutir com os alunos as características do preconceito, levantando, inclusive, seus próprios preconceitos para que ele possa ser compreendido ou superado.

Ao nos atermos à aplicação da lei, diretamente no ambiente escolar, destacamos a presença, na proposta curricular de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul, de elementos da História e Cultura Afro-Brasileira, por meio de estratégias que poderiam propiciar aos alunos o conhecimento da herança africana nas diferentes manifestações da cultura corporal (GONZALEZ; FRAGA, 2009). O mesmo ocorre em sua congênere mineira, na qual em três distintos momentos, pelo menos, fica expressa a importância de se valorizar questões relacionadas ao negro: na inadequação de brincadeiras, aparentemente inocentes, que reforçam o racismo; na importância da Capoeira na luta por sua emancipação e na utilização do Hip-hop como um exemplo de tematização das danças, expondo sua gênese negra (MINAS GERAIS, [2007?]). No caso do Estado de São Paulo, o currículo oficial de sua rede de ensino (SÃO PAULO, 2011b) não faz nenhuma citação direta a Lei ou à temática afro-brasileira. Oliveira (2012), entretanto, ao analisar a Proposta Curricular deste Estado, publicada em 2008, identifica a presença de conteúdos que valorizam a História e a Cultura Afro-Brasileira, na área de Educação Física, casos da Capoeira e do Jongo. Salientamos, entretanto, que este último conteúdo aparece, em verdade, na área de Artes. Soares (2015) classifica o tratamento dado ao tema, neste currículo, como superficial. Ao se analisar este documento, há apenas um destaque, especialmente na parte voltada ao Ensino Médio, aos preconceitos, de forma geral. Há, inclusive, uma referência específica ao preconceito racial quando se faz uma exemplificação dos possíveis temas a serem tratados se referindo, no caso, à sua presença no campo esportivo.

A respeito dos possíveis benefícios da inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física, Moreira (2008) entende que o surgimento de leis deste tipo, a exemplo da pioneira iniciativa do município de Belém (PA), o primeiro a obrigar o estudo da Raça Negra em seus currículos, pode ser uma grande oportunidade para a valorização e estudo das manifestações culturais e locais de origem afro-brasileira fazendo com que a cultura corporal das diferentes localidades passe “a ser estudada e reconhecida nas escolas” (p. 36).

3.3.1 Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a disciplina Educação Física é responsável por tematizar as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento:

[...] o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos (BRASIL, 1998, p. 26).

Além disso, no item anterior desta revisão de literatura, verificou-se que, na maior parte das vezes, quando se pensa na inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física, fato que ocorre raramente, faz-se a opção, principalmente, pela Capoeira ou por alguma dança que tenha ligação com uma origem africana.

O objetivo da presente tese é apresentar e discutir as possibilidades de se fazer esta inclusão naquela que é a mais predominante manifestação da cultura corporal no período contemporâneo, o esporte (GALVÃO, RODRIGUES e SANCHES NETO, 2011). Tema este, aliás, que, conforme pode ser verificado em vários estudos foi ou é praticamente hegemônico nas aulas de Educação Física (BRACHT, 2010), além de limitado “ao contexto estadunidense e/ou europeu do futebol, voleibol, basquetebol e handebol” (GONÇALVES JUNIOR, 2009, p. 704). Além disso, muitas vezes, seu ensino se limita a um fazer descompromissado, deixando de lado uma grande oportunidade de se discutir as grandes questões sociais que o envolvem.

Outro fator que poderia dificultar sua utilização seria a sua origem europeia, podendo, então, ser considerada como eurocêntrica. Entretanto, durante seu desenvolvimento no último século, o esporte passa a ser universal, tendo, inclusive, vários filhos da diáspora africana como protagonistas em seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2008). Rodrigues e Galvão (2011) reforçam o entendimento de que o esporte, apesar de a uma primeira vista, não parecer possibilitar discussões relacionadas às questões étnico-culturais, também pode ser utilizado com esta finalidade por “estar sempre presente na mídia, relevando e revelando conflitos” (p.

90-91) geradores de reflexões sobre temas como a prática de discriminação nas atividades esportivas, dentre outros.

No caso da presente pesquisa fez-se a opção por estudar este fenômeno via Atletismo, uma de suas principais modalidades, considerado um conteúdo clássico da Educação Física por Matthiesen (2007). Um dos fatores que atestam sua importância é o de estar presente nos Jogos Olímpicos Gregos desde a sua primeira edição, em 776 a.C., quando foi realizada, exclusivamente, a prova do *stadion* (VIEIRA e FREITAS, 2007).

De acordo com a INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS (2015), esta modalidade esportiva é definida como “provas atléticas de pista e de campo, corridas de rua, marcha atlética, corrida através do campo (“cross country”) e corridas em montanhas e trilhas” (p. 3). Conforme pode ser verificado, em outros momentos, sua história é muito ligada a Grécia Antiga, muito embora, conforme afirmação de Oro (2009), com base em informações de especialistas alemães, suas origens estejam muito além do mundo grego, pois, incluem, “também exercícios de origem africana” (p. 18), dentre outros. Com base em Vieira e Freitas (2007) depreendemos que o autor faça referência, neste caso, a descoberta feita por outros estudiosos, não citados, de que havia provas de arremesso de pedras, precursoras do arremesso do peso, em festividades da civilização egípcia.

Além desses fatores, a opção pelo enfoque no Atletismo se deveu, também, as possibilidades do tratamento das questões afeitas às relações étnico-raciais e a História e Cultura Afro-Brasileira, tendo em vista a existência, durante todo seu desenvolvimento histórico, de diversos fatos ou fatores que fizeram com que os povos de origem africana tivessem papel destacado. Este destaque não se limitou, apenas, a sua predominância nas pistas, por meio de inúmeros títulos e recordes, mas, também, fora delas, tanto que o último presidente de sua principal entidade, a Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF) foi um africano, o senegalês Lamine Diak.

Esta possibilidade de se tratar o ensino do Atletismo para além da sua prática já fora alertada por Schmolinsky (1982), para o qual há a necessidade de se envolver o tratamento de suas influências políticas e sociais. Neste sentido, aliás, identificamos a existência de trabalhos que, por meio de diferentes temas, tratam dessa modalidade esportiva com tal enfoque, como os trabalhos de Vieira (1999) e Vieira e Vieira (2001b), que discutem sobre os talentos esportivos no Estado do Paraná, a partir de uma perspectiva sociológica; de Pilatti (2000) e Vieira e Vieira (2001a) que fazem uma análise do Atletismo federado no Brasil, em sua dimensão política; Miranda (2007), que discute o profissionalismo no Atletismo brasileiro; de Terra e Pizzani (2009) que analisam o filme ‘Carrugens de Fogo’ em busca de

imagens que o relacionem com o momento inicial do Esporte Moderno; e, de Mazo, Maduro e Pereira (2010), que estudam a história do Atletismo na cidade de Porto Alegre.

Além disso, o Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA) da Unesp-Rio Claro, do qual fazemos parte, que apresenta como uma de suas linhas de pesquisa o ensino de aspectos históricos da modalidade em aulas de Educação Física, têm buscado desenvolver vários estudos nesta área. Uma de suas últimas produções, aliás, busca subsidiar o professor de Educação Física para que este possa ensinar o Atletismo “com base nas transformações que ocorreram ao longo de sua história” (MATTHIESEN, 2013, p. 11).

Mais especificamente a respeito das relações étnico-raciais, temos trabalhos que discutem, especificamente, a presença dos descendentes de africanos no Atletismo, como os de Sailes (1991), Entine (2000) e Oliveira (2008), dentre outros que abordam a possível supremacia negra no esporte, em geral, e no Atletismo, respectivamente e os estudos de Farias (2011; 2012) que destacam a trajetória de atletas negras brasileiras durante a Ditadura Militar brasileira e a tripla marginalização sofrida por serem mulheres, negras e pobres.

Sabemos, entretanto, que este protagonismo negro na modalidade, não se deu sem conflitos, como se pode verificar, por exemplo, por meio das históricas vitórias (100 metros rasos, 200 metros rasos, revezamento 4x100 metros rasos e salto em distância) de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, frustrando a tentativa de Adolf Hitler de comprovar a superioridade da ‘raça’ ariana (VIEIRA e FREITAS, 2007), bem como abrindo espaço para que na sequência os velocistas negros viessem a dominar estas provas (OLIVEIRA, 2008). Mas, o mais interessante é perceber que, mesmo muitos anos após estas vitórias, o racismo impregnado no sul dos Estados Unidos da América, fez com que o Memorial planejado para honrar estas vitórias em 1952, em virtude da falta de apoio da população local (maioria branca), só fosse concluído em 1996, por conta da realização dos Jogos Olímpicos naquele país (ENTINE, 2000). Especificamente no caso brasileiro, podemos destacar, por exemplo, as dificuldades enfrentadas por atletas negras como Aída dos Santos, única mulher a fazer parte da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, que experimentou uma verdadeira situação de abandono, por parte dos dirigentes, nesta oportunidade, e, mesmo assim, conquistou um inédito 4º lugar na prova do salto em altura. Farias (2012) atribui este descaso à “[...] hierarquização de gênero, somada às exclusões de classe, raça e etnia vivenciadas por ela [...]” (p. 27).

Outra característica importante do Atletismo é a diversidade de seus praticantes, que, talvez, se justifique pela simplicidade da maior parte das suas provas que acabam “reunindo gente de todo tipo, abrindo possibilidades de glória para quem, muitas vezes, contava com

pouco ou nenhum recurso (VIEIRA e FREITAS, 2007, p. 23). Este foi o caso, por exemplo, do primeiro africano a se tornar campeão olímpico da Maratona, o etíope Abebe Bikila que venceu esta prova nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, sem a utilização de nenhum calçado, superando, inclusive, o recorde da prova. Especificamente no Brasil, esta ligação entre Atletismo e as classes menos abastadas da sociedade, é bastante forte. Freitas (2012), após afirmar ser o Atletismo “[...] uma modalidade majoritariamente praticada por afro-brasileiros, pertencentes às camadas populares [...]” (p. 28), entende que esta situação fez com que lhe fosse conferido “[...] um valor de inferioridade em relação ao status superior de outras modalidades esportivas, como esgrima, hipismo, tênis e natação, por exemplo” (p. 28), o que pode ser atestado pelas experiências de marginalização sofridas por seus atletas no período da Ditadura Militar.

Para Vieira e Freitas (2007) uma característica marcante do Atletismo é a de refletir as mudanças sociais pelas quais passaram o mundo. Um exemplo é o famoso gesto feito por atletas afro-americanos, nas cerimônias de premiação de suas provas, de manifestarem seu descontentamento com o racismo vigente nos Estados Unidos da América. Nesta mesma edição pode-se destacar o aumento do número de atletas africanos vencedores das provas de resistência.

Outra informação referente aos Jogos Olímpicos Modernos que é passível de tratamento sob a ótica negra é a de que o primeiro atleta negro a vencer uma prova olímpica *individual* (grifo nosso) foi o norte-americano William DeHart Hubbard, vencedor do salto em distância na edição de 1924, realizada em Paris (VIEIRA e FREITAS, 2007). Antes dele, John Taylor, em 1908, nos Jogos Olímpicos de Londres foi vencedor do revezamento compondo a seleção norte-americana com três atletas brancos (GARUFFI e MATTHIESEN, 2013).

Situações, como esta, fazem com que seja muito difícil se pensar nesta modalidade esportiva sem este componente étnico, o que pode ser de grande valia para os objetivos do ensino desta temática. Silva (2008), aliás, reforça estas possibilidades de tratamento ao afirmar que as disciplinas voltadas aos fundamentos esportivos devem ter seu contexto sócio-histórico-cultural como conteúdo e devem perpassar as questões relacionadas à raça.

Em relação à história do Atletismo brasileiro, com exceção dos já citados estudos de Farias (2011; 2012), praticamente não há nada que faça referência direta às questões étnicas, muito provavelmente, em virtude das preocupações, vigentes no Brasil de não se pronunciar sobre tal assunto, reforçando a tentativa de se tornar invisíveis estas questões, o que se torna ainda mais dramático quando se sabe que grande parte dos praticantes de Atletismo no Brasil

são negros. Dados obtidos por Melo (2010), com um grupo de participantes do Troféu Brasil de Atletismo, demonstram esta grande prevalência, pois, 57% destes se declararam pretos ou pardos, sendo que dentre os que já foram vencedores desta competição, que é a principal da modalidade no Brasil, esta concentração atingiu 75%.

Diferentemente, existem diversas produções videográficas que se referem ao assunto, com destaque ao projeto “Memória do Esporte Olímpico Brasileiro” (<http://memoriadoesporte.org.br/>) que tem como objetivo “homenagear grandes nomes do esporte nacional, difundir e estimular a prática esportiva” (MEMÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO, 2013) e já produziu documentários sobre atletas afro-brasileiros de Atletismo de grande renome, como José Telles da Conceição, Adhemar Ferreira da Silva e Aída dos Santos, muitas vezes problematizando questões raciais.

3.4 Tecnologias educacionais e História e Cultura Afro-Brasileira

Um dos possíveis caminhos para maior inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos, dos diferentes componentes curriculares, é a produção de materiais didáticos, relacionados a esta temática, para os diferentes níveis e graus de ensino, algo que, conforme Araújo (2006), ainda não tem ocorrido efetivamente.

Considerando-se, ainda, a importância assumida pelas TIC na Sociedade da Informação (AQUINO, 2007; 2013), é fundamental que estes materiais didáticos tenham esta interface. Esta premência, aliás, tem sido bastante aparente nos documentos produzidos, nos últimos anos, tanto relativos à Educação em geral, quanto à Educação das relações étnico-raciais, da qual a introdução da História e Cultura Afro-Brasileira, aliás, faz parte. Senão, vejamos: o novo Plano Nacional de Educação que apresenta como estratégia para o atendimento de diferentes metas o desenvolvimento, a divulgação e a utilização pedagógica de tecnologias educacionais, destacando-se, na estratégia 14.4, a previsão de “expandir a oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, utilizando inclusive metodologias, recursos e tecnologias de educação a distância” (BRASIL, 2014). Já no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ficam estabelecidas como ações para os núcleos de estudos e grupos correlatos “atender às necessidades de [...] produção de material didático [...] ou/e pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de tecnologias de educação que atendam à temática” (BRASIL, [2010?], p. 46).

Entretanto, para que isto aconteça de fato, há a necessidade de que os professores sejam capacitados tanto para utilizá-las (FONSECA, 2007) quanto para produzi-las (KENSKI, 1999), além de se posicionarem criticamente “às imposições sócio-políticas das invasões tecnológicas indiscriminadas às salas de aula” (KENSKI, 1999, p. 51) ou ainda para que possam “saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para, então, transformá-los em ferramentas e parceiros, em alguns momentos, e dispensá-los, em outros instantes” (AQUINO, 2007, p. 15). Bezerra e Aquino (2011) defendem que os professores devem aprofundar seus conhecimentos sobre as tecnologias para que possam ter metodologias de ensino mais adequadas ao cenário atual.

Infelizmente, este não é o quadro, pois, conforme Masetto (2006), os cursos de formação inicial ou continuada de professores não têm preparado seus alunos para o correto uso das tecnologias como ferramenta, nem as utilizado em seus próprios processos de formação, o que acaba limitando sua ação. Fonseca (2007) também defende a necessidade de que os professores sejam capacitados, continuamente e em exercício.

Neste mesmo sentido, Bianchi e Hatje (2007), ao estudarem a área de Educação Física, afirmaram que ainda são poucos os estudos que relacionam as tecnologias de informação e comunicação com a formação de seus profissionais, mas que, lentamente, esta situação vai se modificando.

Um alerta importante a respeito da utilização das tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem é feita por Marinho e Lobato (2008) os quais consideram que não se pode depositar a esperança de uma efetiva mudança, apenas na maior utilização do computador nas escolas, pois, estas expectativas já foram, de certa forma, frustradas. As alterações que ocorreram, especialmente, nas escolas públicas, foram pequenas e superficiais. Isto se deveu, na opinião de Fonseca (2007), justamente, a ênfase dada na aquisição de computadores em detrimento da capacitação dos professores para sua adequada utilização.

Reforçando esta situação, Marinho e Lobato (2008) entendem que o mais importante, no caso do uso das tecnologias é, substancialmente, o uso que o professor faz delas. E, para isso, é fundamental, conforme salientado anteriormente, que os processos de formação tanto inicial quanto continuado, se preocupem em preparar os professores e gestores para a sua utilização, buscando ressignificar o ensinar e o aprender na Sociedade da Informação.

3.4.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação baseadas na internet e a formação profissional

Como este estudo tem como objetivo avaliar a eficácia de um curso de extensão baseado na Plataforma *Moodle*, é interessante verificar as possibilidades de utilização dos recursos tecnológicos, principalmente, os relacionados à internet, na formação de professores.

Masetto (2006), ao se referir à internet, de forma geral, destaca como suas principais características: a facilidade e o conforto de seu acesso, a possibilidade de atualização e sua dinamicidade. Uma forma de compreendermos a importância da internet nos tempos atuais aparece na afirmação de Marinho e Lobato (2008) para os quais “se o computador pode ser tomado como a máquina da sociedade contemporânea, seu grande espaço de informação e comunicação está na internet, a grande rede mundial de computadores” (p. 1). Borba, Malheiros e Amaral (2011) reforçam a importância da internet na educação atual ao afirmarem que o não acesso a ela, na atualidade, “é análogo ao que representou o acesso a escola no passado, e ainda hoje representa quando se pensa no ingresso à escola de qualidade” (p. 19).

Fonseca (2007), ao buscar compreender o estranhamento que a internet causa a muitos professores, afirma que isto se deve a característica ambígua desta ter “o lixo e a pérola, ao mesmo tempo, a disposição e se propondo a fazer e dar formação cultural e educacional, mas também de difundir informação” (p. 179). Desta forma, fica, mais uma vez, nítida a necessidade de que os professores sejam capacitados para usufruir, positivamente, de algo tão onipresente, conforme destacado anteriormente. Mesmo porque, para Borba, Malheiros e Amaral (2011), a internet “é símbolo da diversidade” (p. 20) e nela podem ser encontrados aqueles que a utilizam, na Educação, para reproduzir práticas tradicionalmente já desenvolvidas, podendo, então, não representar uma efetiva inovação graças a esta falta de visão crítica.

Como reflexo desta necessidade e da potencialidade da internet vários são os trabalhos produzidos, nos últimos anos, que se referem às diversas utilizações da internet como ferramenta para a formação de diferentes profissionais. A seguir, citamos e descrevemos, de forma resumida, alguns deles. Peres, Meira e Leite (2007), Juliani e Kurcgant (2009), na área de Enfermagem e Ribeiro (2006) na de Engenharia, relatam experiências com a utilização de *websites* como auxílio à aprendizagem dos futuros profissionais. Alves et al. (2006), também na Enfermagem, fazem o mesmo em uma proposta de formação continuada. Por sua vez, os trabalhos de Araújo (2004), Marinho (2008), Marinho e Lobato (2008) investigam as

possibilidades de utilização da internet, de forma geral, no processo de ensino-aprendizagem em cursos de formação inicial de professores, ao passo que o estudo de Grossek, Marinho e Tárzia (2009) o faz na realidade de um curso a distância.

Foram encontrados, ainda, trabalhos que buscam investigar as possibilidades educativas das redes sociais virtuais na formação profissional de diferentes profissionais como médicos (MAIA, 2009) e educadores (COSTA, 2007; PATRICIO; GONÇALVES, 2010). Especificamente sobre a formação continuada de professores para atuação com a História e Cultura Afro-Brasileira podem ser destacados os trabalhos de Oliveira (2010) sobre o Projeto A Cor da Cultura e de Barros (2012) sobre a pertinência de cursos de Educação a Distância para este tipo de formação.

Como se pode verificar o campo de pesquisas sobre as diferentes possibilidades de utilização das TIC nos processos educativos e formativos é bastante ampla. Entretanto, quando se tenta verificar estudos que as relacionam com a temática étnico-racial, pouco se encontra. De certa forma, esta carência, por si só, traz um grande desafio para que se produzam pesquisas e produtos que preencham esta lacuna.

3.4.1.1 Ambientes virtuais de aprendizagem e formação de professores

Uma das áreas educacionais que mais sofreram mudanças com o advento da internet foi, sem dúvida alguma, a Educação a distância (EAD) que da mera transmissão e recepção de informações via correio passou a integrar a tecnologia digital com os recursos da telecomunicação, conforme Almeida (2003). Para esta autora, as TIC reavivaram as práticas da EAD graças as seguintes características: flexibilidade de tempo, rompimento das barreiras espaciais, envio e recebimento imediato de materiais e a possibilidade de desenvolver atividades interativas e de produção do conhecimento. Kenski (2005), também destaca que o uso da internet e, conseqüentemente, dos ambientes virtuais de aprendizagem, mudaram bastante “[...] os processos de interação e comunicação humana em EAD [...]”. Barros (2012; 2013) destaca que a incorporação das TIC, nas últimas duas décadas, fez com que a EAD se tornasse um fundamental meio de produção e difusão do conhecimento. Tudo isto fez com que, a partir daí, esta modalidade de Educação passasse a ser, cada vez mais, utilizada nos processos de formação profissional iniciais ou, principalmente, continuados. Mesmo porque a flexibilidade de tempo, no caso de profissionais já formados, acaba sendo um aspecto muito importante. Isto tanto é verdade que maior parte dos professores participantes de um curso a distância sobre o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, investigado por

Barros (2013), relatam sua opção por esta modalidade de ensino em virtude da falta de tempo disponível para o aprimoramento profissional.

Borba, Malheiros e Amaral (2011) denominam “esta modalidade de educação que acontece primordialmente por interações via internet e tecnologias associadas” (p. 17) de Educação a Distância *online* (Eadonline), o que permite que pessoas distantes geograficamente entre si, se aproximem por meio dela.

Dentro desta realidade, uma tecnologia educacional digital que tem sido bastante utilizada na formação de professores, inicial ou continuada, com as mais diferentes finalidades e não exclusivamente na EAD é a dos ambientes virtuais de aprendizagem (MARINHO et al., 2003). Necessário, entretanto, salientar que, originalmente estes ambientes foram preparados, especificamente, para suportar a educação *on-line* (FERRARI, 2008).

Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) também denominado ambiente digital de aprendizagem são, segundo Almeida (2003), “sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação” (p. 331). Disponibilizam, comumente, diversos recursos existentes na própria internet como correio eletrônico, *chat*, fórum e conferências (ALMEIDA, 2003), além de ferramentas de gerenciamento de conteúdo e avaliação, bem como, de administração dos cursos (DIAS e LEITE, 2010). Esses recursos, como bem lembra Ferrari (2008), surgem como ferramentas de comunicação e são apropriados didaticamente na EAD. Além de possibilitar a integração destes diferentes recursos, os AVAs permitem que: as informações sejam disponibilizadas de maneira organizada; se desenvolvam interações e se elaborem e socializem produções (ALMEIDA, 2003). Kenski (2005) destaca a possibilidade de utilização de diferentes tipos de mídia (vídeos, textos, animações, dentre outros), simultaneamente, em tempo real e em uma única tela.

Esta mesma autora faz uma bela síntese sobre as possibilidades abertas pelos ambientes virtuais de aprendizagem nos processos de ensino, mencionados a seguir:

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos acessam diretamente textos, desenhos, fotos, animações, sons e vídeos, na própria página do curso na Internet. Podem salvar os arquivos disponíveis ou imprimi-los. Interagir com professores e os outros alunos em chats e fóruns de discussão. Criar suas próprias apresentações, nos mais variados suportes, e veiculá-las pelo ambiente. Testes, exercícios e demais atividades individuais e/ou em grupos são possíveis de serem executadas e enviadas imediatamente para o professor ou para todos os participantes. Os alunos podem comentar as atividades e contribuições de seus colegas, criando um clima de trocas intelectuais em que todos cooperam para a aprendizagem dos demais. (KENSKI, 2005)

Para Dias e Leite (2010), um AVA nada mais é que “uma sala de aula virtual acessada via web” (p. 92), muito embora em outro momento do mesmo texto afirmem que, na verdade, ele procura ser uma escola virtual.

Existem AVAs de dois tipos: os livres e os comerciais. Livres são aqueles que além de não visarem lucros, permitem o acesso e a modificação de sua programação a quem quer que seja. Já os comerciais, como visam lucro, muitas vezes só permitem acesso pago pelos usuários ou pelas instituições que os desejam usar. Dias e Leite (2010) entendem que com a grande difusão da EAD a tendência é a de que cada instituição tenha seu próprio AVA.

Ferrari, Angotti e Tragtenberg (2009) atestam a eficiência da utilização dos AVAs, o *Moodle* neste caso específico, ao afirmar que um minicurso sobre um tema contemporâneo, desenvolvido por eles, somente se tornou “viável a partir da utilização de um ambiente virtual de aprendizagem, por agregar as ferramentas de comunicação que permitem a interação on-line, como o fórum, o blog e o chat” (p. 100). Borba, Malheiros e Amaral (2011) destacam que dependendo dos recursos disponíveis nos diferentes AVAs, o ensino e a aprendizagem podem ser qualitativamente diferenciados.

Outra característica importante dos AVAs em relação às formas de interação é a de que estas podem ser de dois tipos: síncronas e assíncronas que, conjuntamente, ajudam a diminuir as diferenças entre a educação presencial e a distância ao possibilitar diálogos efetivos (KENSKI, 2005; FERRARI, 2008). Ferramentas assíncronas como listas de discussão e fóruns permitem que os alunos possam se expressar nos momentos do seu dia que considerarem mais adequados, ao passo que as síncronas como *chats* e videoconferências permitem o compartilhamento em tempo real, mesmo com as pessoas em espaços diferenciados (BORBA, MALHEIROS e AMARAL, 2011). Estas ferramentas, na opinião de Dias e Leite (2010), permitem um encurtamento da distância comunicacional.

Ademais, estes ambientes permitem comunicações multidirecionais, ou seja, além da interação entre professor-aluno há a comunicação entre os alunos (FERRARI, 2008). Estas possibilidades permitem que ocorra a colaboração entre estes diferentes autores, característica fundamental da EaDonline (BORBA, MALHEIROS e AMARAL, 2011).

Segundo Marinho et al. (2003), a utilização de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) traz várias mudanças em relação ao ensino presencial, sendo uma das mais significativas para a alteração de um paradigma predominantemente oral para outro predominantemente escrito. Entretanto, é necessário que as modificações não se limitem a isso, ou seja, que também se ressignifique o papel do professor que deve deixar de ser um transmissor de informações tornando-se um moderador da aprendizagem, já que o foco desta

deve ser o aluno. A plasticidade dos AVAs, na opinião de Ferrari (2008), permite que possam ser desenvolvidas “formas de aprendizagem inovadoras para a educação a distância” (p. 22).

Estas características, entretanto, não devem ser exclusividade da EAD, pois, a educação presencial muito ganharia com estas preocupações. Neste sentido, aliás, é importante ressaltar que os AVAs, também, podem ser muito úteis como apoio às aulas presenciais, estendendo as interações para além da sala de aula ou como suporte para cursos semipresenciais (ALMEIDA, 2003). Kenski (2005), inclusive, considera que a utilização de “[...] mídias cada vez mais interativas em educação têm alterado, e muito, a concepção do que é educação presencial e a distância [...]” sendo possível haver uma integração maior entre elas.

3.4.1.1.1 Plataforma *Moodle*

Dentre os diversos ambientes virtuais de aprendizagem existentes um dos mais utilizados segundo Ferrari (2008) é o *Moodle*. Seu nome é a sigla de *Modular Oriented-Object Dynamic Learning Environment* (FERRARI, 2008; DIAS e LEITE, 2010). De acordo com Valente, Moreira e Dias (2009), *moodle* é, em inglês, um verbo que descreve uma ação que pode conduzir à obtenção de resultados criativos. Foi criado, em 1999, por Martin Dougiamas, com a intenção de possibilitar aos seus usuários o intercâmbio de “[...] saberes, experimentando, criando novas interfaces para o ambiente em uma grande comunidade aberta” (ALVES, BARROS e OKADA, 2009, p. 7).

Este AVA, segundo Dias e Leite (2010), é “uma plataforma de código aberto, livre e gratuito para aprendizagem a distância (virtual ou online)” (p. 95) que possibilita a um professor/tutor a utilização de dois tipos de conteúdos: recursos e atividades. Nestes, são disponibilizados os materiais didáticos (FERRARI, 2008). Os recursos são os seguintes: criação de páginas de textos simples e páginas *web*, *link* a arquivos ou *sites*, visualização de diretório/pasta e inserção de rótulos. Já as atividades podem ser do tipo: fórum, envio de tarefas, *wiki*, glossário e *chat*.

Barros (2013) define o *Moodle* como um “software aberto, dotado de ferramentas para registro dos *logs* e acompanhamento da aprendizagem” (p. 88). De acordo com Moodle.net (2015), o Brasil é o terceiro país do mundo em número de usuários desta plataforma. Comparativamente a outros ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) como e-Pro-Info e Solar, o *Moodle* foi a plataforma preferida pelos educadores investigados em sua tese (FERNANDES, 2008).

Para Ferrari (2008), um dos fatores que faz com que o *Moodle* seja muito difundido é justamente o fato de ser um *software* livre, ou seja, que permite que seu código de programação seja modificado (FERRARI, 2008). Outra grande vantagem desta plataforma, na opinião de Machado Júnior (2007), é a sua finalidade educacional que permite ao professor uma maior interação com seus alunos e entre seus alunos em comparação a um *website* comum. Valente, Moreira e Dias (2009) salientam, entretanto, que embora a criação desta plataforma tenha sido baseada em abordagens construtivistas, não se garante que, automaticamente, ela seja utilizada efetivamente com estes princípios, pois, não é a tecnologia, mas sim “[...] as formas da sua utilização, nomeadamente na interação e construção social e cognitiva das aprendizagens que definem o ambiente” (p. 42).

Por tudo isso, paulatinamente, esta plataforma passa a ser cada vez mais estudada nos programas de pós-graduação brasileiros. Levantamento feito por Silva e Matthiesen (2012) no Banco de Teses da Capes encontrou 18 teses de doutorado e 110 dissertações de mestrado que continham o acrônimo entre suas palavras chave. Importante salientar que tudo isso ocorreu em um período de cinco anos, pois, o primeiro estudo foi publicado em 2007.

3.4.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação e História e Cultura Afro-Brasileira

Apesar de alguns autores, como Araújo (2006), apontarem a necessidade de produção de materiais didáticos específicos para os diferentes níveis e graus de ensino, em decorrência da publicação da Lei nº 10.639/03, é possível perceber, graças ao pequeno número de trabalhos encontrados que se voltam a esta temática, que esta produção não ocorreu, ainda, de forma suficiente. Oliveira (2010) tem a mesma percepção, pois, afirma em sua dissertação que, apesar da grande quantidade de informações existentes na cibercultura, existem “graves lacunas informacionais em relação à disseminação e democratização da informação sobre a história e cultura dos sujeitos afrodescendentes” (p. 23), opinião esta, aliás, partilhada, também por Barros (2013).

Esta carência de informações se deve, em grande parte a, já citada, “invisibilidade” das questões étnico-raciais e do negro, especificamente. Nas palavras de Oliveira (2010), a ausência de memória sobre os afrodescendentes se deve a “política tecnológica e científica de esquecimento do que eles produzem” (p. 69), disseminando apenas informações relacionadas ao escravismo. Para Aquino et al. (2010), ainda hoje, se reproduz o modelo vigente no final do século XIX em que é negado o direito à voz dos negros e de outros grupos discriminados, empurrando-os “para a periferia da Sociedade da Informação” (p. 122). Outra possibilidade

para esta baixa produção, no caso específico da EAD, pode ser o preconceito existente sobre a possível inadequação desta modalidade de ensino para o tratamento da temática que, segundo esta visão, mais do que ensinada deveria ser vivenciada nas práticas sociais. Barros (2012; 2013), ao apontar esta situação, acredita que caso se utilize um modelo colaborativo de EAD, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira pode, sim, ocorrer.

Deve-se, entretanto, entender esta carência, como um grande desafio para que se produzam pesquisas e produtos que preencham esta lacuna, ou seja, que se disseminem informações étnico-raciais, pois, estas podem “mudar o estado de conhecimento atual de sujeitos negros/as e não negros/as para um novo estado de conhecimento ajudando a exercer um melhor comportamento dos sujeitos para uma interação inter-étnica mais igualitária” (AQUINO et al., 2010, p. 122). Mesmo porque, como destaca Barros (2012), o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira a distância, por exemplo, pode, graças à utilização do ciberespaço apresentar novas possibilidades e formas de reconhecimento de sua importância.

Estas produções têm aumentado, também, muito em virtude de grupos de estudos e pesquisas que se dedicam a esta temática, bem como, aos diversos órgãos do governo federal e a alguns militantes do Movimento Negro brasileiro, mas, que ainda não são, na opinião de Oliveira (2010), devidamente visibilizadas. Aquino et al. (2010), ao analisarem a produção científica das universidades públicas brasileiras sobre a temática étnico-racial, classificam esta evolução como tímida e insuficiente.

Desta forma, quando se busca, então, estudos que relacionem o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira às tecnologias educacionais digitais, conforme verificado anteriormente, pouco se encontra. Apesar disso, destacamos novamente o pensamento de Oliveira (2010) para o qual há a necessidade de produção de informações étnico-raciais com recorte afrodescendente como uma possibilidade da efetiva aplicação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Uma característica básica deste tipo de informação é que ela visa “a reparação de um passado histórico da população africana, repetível no presente contra os afrodescendentes” e tem um “conteúdo capaz de identificar a discriminação racial, propor soluções e ajudar a resolver os problemas sociais do mundo com a disseminação da informação” (AQUINO, 2010, p. 33).

Podem ser citados como trabalhos que tratam desta temática os produzidos por Oliveira (2010), que analisa tecnologias educacionais voltadas ao assunto, além dos de Barros (2012; 2013) sobre cursos de EAD voltados para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Passaremos, agora, dada a proximidade destes estudos com o escopo desta pesquisa, a descrever as principais contribuições destes estudos para a elaboração desta tese.

O trabalho de Oliveira (2010) se volta à análise do projeto educativo “A cor da cultura”, que pode ser considerada uma grande exceção à pequena utilização das tecnologias no tratamento das questões étnico-raciais. Este projeto, segundo BRASIL (2009), tem como finalidade oferecer, aos professores, “ferramentas educativas que apoiem os processos de ensino-aprendizagem sobre a história africana e afro-brasileira” (p. 152). As ferramentas utilizadas por este projeto são, basicamente, recursos audiovisuais que são disponibilizados tanto pela internet, por meio do *site* www.acordacultura.org.br, quanto por um *kit* educativo disponibilizado e enviado, gratuitamente, às escolas que o incluam em seus projetos pedagógicos. Este projeto tem como um de seus produtores o canal Futura e foi indicado pelo Guia de Tecnologias Educacionais 2009 do MEC, como tecnologia educacional inovadora na categoria *Diversidade e Educação de Jovens e Adultos* (BRASIL, 2009). Segundo Santos (2007), a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre aproveitou-se da parceria e participação neste projeto na formação das escolas e dos professores sobre a temática étnico-racial.

Oliveira (2010), ao analisar o impacto do Projeto “A cor da cultura” percebeu que os professores e alunos, após “o acesso e uso da informação etnicorracial” (p. 125) contida no projeto, apresentaram-se “mais sensíveis à necessidade de eliminação de práticas de discriminação, preconceito e racismo” (p. 125). De qualquer forma, é necessário que se tome cuidado, pois se, por um lado, as tecnologias podem ter este uso, por outro, como alerta Aquino (2013) “podem ser acessadas e utilizadas para o exercício de atividades ilícitas e antigas discriminações e racismos que ferem o sentido da moralidade e da ética” (p.63). Por isso, é extremamente necessário que se verifique as possibilidades abertas pelas TIC no desenvolvimento de metodologias que consigam resolver problemas tão antigos quanto o preconceito e a discriminação.

Os estudos de Barros (2012; 2013) investigaram, a exemplo da presente tese, as implicações de um curso a distância para a formação para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Entretanto, o caso estudado pela autora diferencia-se bastante do aqui proposto por se voltar à análise de um projeto de formação continuada, bastante abrangente, de professores das redes públicas do Estado da Bahia, ao passo que este se volta a um número limitado de estudantes e licenciados, exclusivamente em Educação Física. Apesar destas diferenças, os estudos de Barros (2012; 2013) trazem grandes contribuições ao desenvolvimento desta tese por apresentar, a partir do curso por ela analisado, os limites e as possibilidades do ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras a distância.

Finalizada esta revisão de literatura, passa-se, agora à apresentação e discussão dos resultados obtidos no desenvolvimento da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicia-se, agora, a descrição e análise dos principais resultados encontrados a partir do desenvolvimento do curso de extensão a distância: “Introdução ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira: possibilidades de ensino por meio do atletismo”. Com a intenção de aperfeiçoar a compreensão dos dados obtidos, optou-se por realizar a discussão de cada um dos resultados, logo na sequência de sua apresentação.

4.1 Perfil dos participantes

Conforme exposto anteriormente, as vinte vagas disponibilizadas para o curso de extensão foram rapidamente preenchidas. Importante ressaltar que dos inscritos, dois não autorizaram a utilização de seus dados na pesquisa.

A facilidade na obtenção do número de participantes, muito provavelmente, se deveu a fatores como: gratuidade do curso, certificação por uma instituição pública de renome (Unesp) e simplicidade do processo de inscrição (via Formulários *Google*). Por outro lado, estas mesmas características podem ter estimulado à realização de inscrições sem maior comprometimento com a efetiva participação no curso.

Este fenômeno foi facilmente percebido ao se notar que dos dezoito inscritos que permitiram a utilização de seus dados na pesquisa, cinco (27,7%) sequer acessaram a Plataforma *Moodle* da Unesp para a efetivação de seu cadastro no curso. Curiosamente, esta situação se deu, exclusivamente, entre os alunos de graduação que se inscreveram no curso o que, de certa forma, reforça a impressão de que estas foram feitas, talvez, por impulso, sem maiores reflexões sobre a possibilidade de se estar preenchendo vagas de outros possíveis interessados. Talvez, uma forma de mitigar esta situação seria realizar a inscrição dos cursistas em etapas, disponibilizando, novamente, as vagas que não fossem devidamente preenchidas. Esta opção, entretanto, no caso do curso oferecido, não seria possível em virtude da necessidade de se cumprir os prazos determinados para a realização da presente pesquisa.

No quadro 2 são apresentados, então, os perfis dos dezoito participantes do curso de extensão com base nos dados disponibilizados, pelos participantes, na ficha de inscrição do curso e nas mensagens disponibilizadas no fórum de apresentações pessoais. Para garantir o anonimato dos participantes seus nomes reais foram substituídos por outros fictícios.

Quadro 2- Perfil dos participantes do curso

| Nome | Formação | Experiência prévia | Atuação | Motivo | Completo o curso? |
|----------|-------------------------|--------------------|--|---|-------------------|
| Talita | Licenciada | EAD | - Professora Educação Básica | - Aquisição de conhecimentos - Interesse pelo tema | Sim |
| Felipe | Licenciado | Extensão | - Professor Ong | - Interesse pelo tema - Conteúdo a ser ensinado | 30% |
| Taís | Estudante | Extensão | | - Curiosidade - Aquisição de conhecimentos | Não acessou |
| Manuela | Estudante | Extensão | | - Ensinar o tema em sala de aula. | Não acessou |
| Mariana | Licenciada | EAD | - Professora Educação Básica - Técnica de Atletismo | - Atualização profissional - Certificação - Rede de contatos | Sim |
| Armênia | Estudante | Extensão | | - Interesse pelo tema | Não acessou |
| Ivo | Estudante | EAD | | - Aquisição de conhecimentos. | Não acessou |
| Laura | Estudante | Extensão | | - Aprender mais sobre o Atletismo e sua história | 20% |
| Edson | Estudante | EAD | | - Aprender mais sobre o Atletismo | Não acessou |
| Diogo | Licenciado Especialista | EAD | - Coordenador - Técnico de Atletismo | - Atualização profissional | 50% |
| Alícia | Licenciada Mestre | Extensão | - Professora Educação Básica - Doutoranda | - Interesse pelo tema | 50% |
| Júlia | Licenciada | Extensão | | - Aprender mais sobre o Atletismo | Sim |
| Rodrigo | Estudante | EAD | | - Interesse pelo tema - Divulgação da temática afro. | 60% |
| Eduardo | Licenciado | Extensão | - Técnico de Atletismo | - Interesse pela cultura afro-brasileira. - Conteúdo a ser ensinado | Sim |
| Patrícia | Licenciada Mestre | Extensão | - Coordenadora - Professora Educação Básica - Mestre | - Interesse pela Lei 10.639/3. - Já desenvolve trabalho com esta temática | Sim |
| Irene | Licenciada Mestre | Extensão | - Professora Educação Básica - Doutoranda | - Interesse pelo tema - Formação continuada - Aplicação em sala de aula - Conhecimento do Atletismo e da cultura negra | Sim |
| Amanda | Licenciada | Extensão | - Professora Educação Básica - Mestre | - Ensinar em sala de aula | Não |
| Dalila | Licenciada | - | - Mestranda | - Interesse pelo tema | Sim |

Fonte: Elaborado pelo autor (2015)

Conforme pode ser percebido no quadro 2, se inscreveram no curso oito estudantes de graduação (44,5%) e dez licenciados (55,5%). No total, apenas oito (44,5%) cursistas concluíram o curso. Este índice foi bastante próximo ao atingido (50%) por curso de EAD

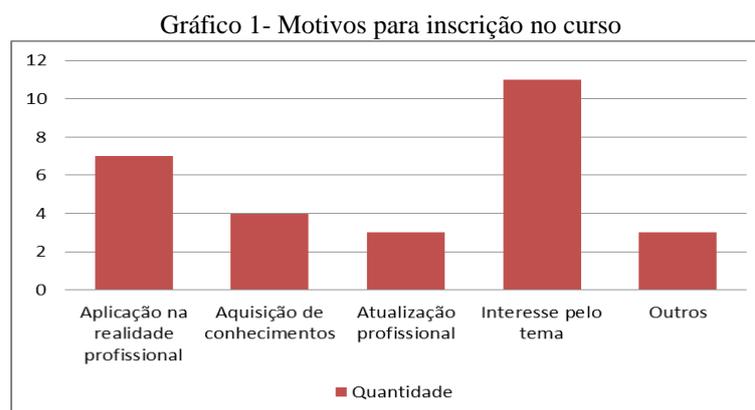
sobre a mesma temática, analisado por Barros (2013) em sua tese, quando este foi realizado inteiramente a distância.

Dentre os concluintes do curso, todos eram licenciados, o que demonstra que, embora a intenção tenha sido a de oferecer um curso que pudesse ser acessado por ambos, este atendeu mais aos professores formados. Aliás, há que se destacar que o índice de aproveitamento do curso, entre eles, foi de 80%. Consideraram-se como concluintes aqueles que realizaram, ao menos, 70% das tarefas exigidas. Entre os inscritos destacou-se o fato de que cinco (27,8%) deles cursavam ou haviam cursado pós-graduação *stricto sensu*. Destes, três concluíram o curso.

Em relação às experiências prévias de formação, onze (61,1%) já haviam participado de cursos de extensão, ao passo que apenas seis (33,3%) haviam participado de cursos de Educação a Distância.

No gráfico 1, estão agrupados os motivos pelos quais os participantes se interessaram pelo curso. Como pode ser percebido, o que mais atraiu as pessoas para a sua realização foi o interesse pela temática. Pelas respostas dos cursistas pode-se perceber que havia aqueles que se interessavam isoladamente pelo atletismo ou pela temática étnico-racial e outros que se interessavam, justamente, pela possibilidade de estudarem estas temáticas agrupadas como um só tema. Pelas respostas obtidas, não foi possível apontar, com precisão, a quantidade de participantes que se encaixavam em cada um destes grupos. Como segundo motivo principal compareceu a preocupação com a aplicação desta temática em aulas de Educação Física, o que, aliás, foi um dos objetivos do curso e reflete de certa forma, a necessidade existente entre os professores de compreender como implementar adequadamente o proposto pela Lei nº 10.639/03. Estes resultados apontam que a maior parte dos inscritos se motivou a participar do curso por questões pessoais de afinidade com o tema. No estudo desenvolvido por Barros (2013), que tinha uma temática de estudo parecida, a maior parte dos inscritos se inscreveu por “interesses de natureza coletiva” (p. 99). Talvez, esta diferença se deva ao fato de este último ter sido disponibilizado a todos os professores de uma rede de ensino e que a sua conclusão possibilitasse, a estes, evolução funcional em seu plano de carreira, o que permitiria que, inclusive, aqueles que não tivessem tanta ligação pessoal com o tema se matriculassem. Em outro momento, entretanto, esta mesma autora afirma que, também, seu “[...] curso atraiu majoritariamente profissionais que já haviam tido contato anterior com a temática, e, portanto, eram mais sensíveis ao tema” (BARROS, 2013, p. 101). Para ela isto significa “[...] a baixa efetividade da lei 10.639/03, que, apesar de obrigatória, não se sobrepõe à sensibilidade prévia ao tema” (p. 101). Esta situação faz com que, conforme exposto por Oliveira (2012), muitas

vezes o encargo sobre o tratamento da temática nas escolas recaia sobre “professores militantes negros” (p. 28), fazendo, de certa forma, com que os demais se sintam desresponsabilizados, contrariando o exposto pelas DCNs das Relações Étnico-Raciais de que “a luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (BRASIL, 2004, p. 17).



Fonte: elaborado pelo autor (2015)

Em alguns momentos do curso de extensão, a inexperiência dos participantes com esta modalidade de ensino tornou-se patente, o que foi percebido por meio de mensagens recebidas, por meio da própria plataforma, as quais continham questionamentos a respeito de informações sobre como acessar o conteúdo, realizar tarefas, além de pedidos para que fosse verificado se as atividades haviam sido realizadas a contento. Esta situação, também, foi notada no curso observado por Barros (2013), a qual, inclusive destacou que para cursistas que nunca haviam experimentado esta modalidade de ensino, este contribuiu para o desenvolvimento da competência para utilização das tecnologias digitais.

Após esta breve apresentação do perfil dos cursistas passemos, agora, a análise de seu processo de desenvolvimento com ênfase nas suas implicações para o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física.

4.2 O desenvolvimento do curso

O curso foi planejado para ter cinco semanas de duração, devendo ocorrer entre os dias 25 de maio e 28 de junho de 2015. Entretanto, dada a dificuldade encontrada, por grande

parte dos cursistas, de finalizar as tarefas solicitadas nos prazos previstos, a data de encerramento do curso foi prorrogada até 19 de julho de 2015.

A participação no curso foi decrescente, conforme pode ser verificado no quadro 3 em que são disponibilizadas a participação dos inscritos, em relação a cada uma das dez tarefas exigidas para a sua conclusão.

Quadro 3- Participação dos cursistas em relação às tarefas planejadas

| Nome | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|-------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|
| Dalila | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Felipe | X | X | X | | | | | | | |
| Mariana | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Laura | X | X | | | | | | | | |
| Diogo | X | X | X | X | X | | | | | |
| Alícia | X | X | X | X | X | | | | | |
| Júlia | X | X | X | X | | X | X | | X | X |
| Rodrigo | X | X | X | X | X | X | | | | |
| Eduardo | X | X | X | | | X | X | X | X | X |
| Patrícia | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| Irene | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Darlene | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |

Fonte: elaborado pelo autor (2015)

Bittencourt e Mercado (2014) entendem que as causas da grande evasão verificada nos cursos de EAD, em geral, podem ser classificadas como endógenas, que dizem respeito ao aluno em relação ao próprio curso como, por exemplo, o grau de exigência pedagógica; ou exógenas, relacionadas à pessoa do aluno como, por exemplo, suas “[...] características individuais e conjecturais” (p. 467). Compreendemos que, no caso do curso aqui investigado, as evasões possam ter ocorrido por ambos os motivos. Enquanto para alguns a exigência de participação efetiva e constante nas atividades que, de certa forma, se afasta de outros modelos existentes mais voltados à recepção de informações, ou mesmo, a uma falsa expectativa de que um curso a distância fosse mais fácil de ser acompanhado (BARROS, 2013) possam ter sido o fator preponderante para a sua não conclusão (causa endógena), para outros, a impossibilidade momentânea (causa exógena) de acompanhar o curso pode ter sido o principal fator. Uma análise mais apurada do desenvolvimento das diferentes etapas do curso pode ajudar na compreensão da decrescente participação dos cursistas.

4.2.1 Conhecimentos sobre a África, Atletismo e atletas afro-brasileiros

Como forma de se ter um diagnóstico acerca dos conhecimentos dos participantes sobre temas fundamentais para o desenvolvimento do curso de extensão foi elaborado um

questionário de múltipla escolha composto por cinco itens com cinco alternativas de respostas, cada um. Analisaremos, a seguir, cada uma das questões e as respostas obtidas.

A primeira questão buscava verificar a capacidade de identificação da denominação de países africanos, por parte dos cursistas. Para isto, estes, deveriam assinalar a alternativa que continha, exclusivamente, países localizados no continente africano. As possibilidades de resposta eram: a) Argélia, Bahrein, Camarões, Djibuti e Eritreia; b) Burundi, Mauritânia, Qatar, Tanzânia e Zâmbia; c) Angola, Cabo Verde, Laos, Moçambique e Namíbia; d) Congo, Egito, Jordânia, Marrocos e Zaire; e, e) Angola, Etiópia, República Centro-Africana, Senegal e Togo. A alternativa correta era a “e”, pois, nas demais havia, sempre, um país que não era do continente. Metade (50%) dos participantes assinalou a alternativa correta.

Neste mesmo sentido, outra questão versava sobre os países africanos de língua portuguesa, conhecimento bastante importante para que se pudessem conhecer as nações africanas que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Assim como na questão anterior, os participantes deveriam selecionar a alternativa que contivesse, exclusivamente, países africanos que tenham o português como uma de suas línguas oficiais. As alternativas disponibilizadas foram: a) Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; b) Andorra, Angola, Guiné, Moçambique e Timor Leste; c) Cabo Verde, Guiné-Bissau, Ilhas Maurício, Luxemburgo e Timor Leste; d) Argélia, Laos, Namíbia, São Tomé e Príncipe e Serra Leoa; e, e) Camarões, Gabão, Guiné, Senegal e Timor Leste. Neste caso, a alternativa correta foi a “a”, que, aliás, foi apontada por 83% dos respondentes. Este, aliás, foi o maior percentual de acerto do questionário, o que pode demonstrar, de certa forma, que o público do curso foi formado por pessoas que apresentavam um relativo conhecimento e interesse pela África, diferentemente dos participantes de curso com temática semelhante, desenvolvido por Barros (2013), que além de admitirem certo desconhecimento sobre este continente, o atribuíam a falta de tratamento da temática tanto na escola, quanto na família. Esta diferença, muito provavelmente se deveu a maior abrangência do curso desenvolvido por esta autora que contou com um público muito maior do que o desta pesquisa.

Na terceira questão, buscava-se iniciar a análise de conhecimentos específicos que relacionassem atletismo e África. Aproveitando-se do fato de o presidente da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), à época, ser africano, questionou-se, aos participantes, a nacionalidade de Lamine Diack. Foram disponibilizadas as seguintes alternativas: a) argelina; b) camaronesa; c) congoleza; d) queniana; e, e) senegalesa, sendo que esta última era a correta e foi apontada por 58%.

Aprofundando nas questões de História do Atletismo relacionadas a África, a questão seguinte se referia ao nome do conhecido atleta africano que venceu a Maratona dos Jogos Olímpicos de Roma (1960), mesmo correndo descalço. Foram oferecidas às seguintes possibilidades de resposta: a) o queniano Paul Tergat; b) o etíope Haile Gebrselassie; c) o etíope Abebe Bikila; d) o queniano Samuel Wanjiru; e, e) o ugandense Stephen Kiprotich. A maior parte (75%) assinalou a alternativa correta (c).

A última questão fez referência ao Atletismo brasileiro, questionando qual dos nomes apontados era o do único atleta do Atletismo brasileiro que foi bicampeão olímpico. As alternativas continham os nomes de cinco importantes atletas afro-brasileiros: a) Adhemar Ferreira da Silva; b) Néelson Prudêncio; c) João Carlos de Oliveira, o "João do Pulo"; d) Jadel Gregório; e, e) Róbson Caetano. Surpreendentemente, apenas 33% dos participantes apontaram o nome de Adhemar Ferreira da Silva (alternativa "a").

Obviamente que estas questões, por si só, não representam o real conhecimento prévio dos cursistas, mas, apenas apresentam alguns indícios sobre o grau de proximidade destes para com os temas, objetos do curso, mesmo por que testes de múltipla escolha não, necessariamente, são a melhor opção para este tipo de verificação. Interessante notar que o índice de acertos das questões que cobravam conhecimentos mais relacionados a África foi maior do que o da questão que tratava, especificamente, sobre atletas negros brasileiros. Tal fato reforça o imperativo de se abordar, nas aulas de Educação Física, aspectos históricos fundamentais para a compreensão da presença do atletismo na cultura brasileira, como a história, conforme proposto por Santos e Matthiesen (2013), de "[...] grandes nomes do passado" (p. 120).

A maior parte das questões, principalmente as últimas, tinha como intuito, também, demonstrar aos participantes diversos fatos do Atletismo que se relacionam a História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Importante ressaltar que, aproveitando possibilidade aberta pela Plataforma *Moodle*, as questões e suas alternativas eram apresentadas em ordem aleatória a cada participante.

4.2.2 Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira por meio do Atletismo?

Como forma de se introduzir os cursistas nas discussões existentes sobre os motivos pelos quais o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira deve estar presente nas aulas dos diferentes componentes curriculares da Educação Básica, bem como, as possibilidades de se utilizar o Atletismo como conteúdo para tratamento desta temática na

área de Educação Física, disponibilizou-se, nesta etapa, os seguintes materiais didáticos: um texto elaborado pelo próprio autor, com base nas informações levantadas na revisão de literatura da presente tese e um vídeo intitulado: “Relações étnico-raciais e educação: Petronilha Silva at TEDxUFF” em que a pesquisadora e relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apresenta uma análise sobre os 10 anos de promulgação da Lei nº 10.639/05. Este vídeo se encontra disponível na rede social *Youtube*, no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=3jzxBnlpySY>.

Como forma de tratar adequadamente as questões levantadas por estas produções, optou-se pela realização de um fórum subdividido em três grandes temáticas: “Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira?”, “História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física” e “Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira”. A seguir, faremos uma compilação dos principais aspectos levantados em cada uma delas.

4.2.2.1 Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira

Como forma de motivar a participação dos cursistas nesta etapa do fórum e verificar suas compreensões a respeito do texto e do vídeo disponibilizados, foi elaborada a seguinte pergunta que deveria ser respondida por todos os participantes: Quais são os motivos para a proposição de uma legislação específica para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica?

Participaram deste fórum oito dos cursistas inscritos e que autorizaram a utilização de seus dados na pesquisa. Todos se limitaram a responder a pergunta elaborada, não interagindo entre si, nem com o responsável pelo curso que havia comentado cada uma das contribuições, procurando destacar os motivos que levaram ao surgimento desta legislação e o papel da luta histórica do movimento negro para sua promulgação.

O grande mote da maior parte das respostas elaboradas foi, principalmente, a necessidade de se reconhecer as contribuições da população negra para a História e Cultura brasileiras por meio da valorização destes aspectos no ambiente escolar, algo que, na opinião de muitos, não vem ocorrendo a contento.

Dois dos participantes destacaram o fato de esta legislação se tratar de uma política afirmativa que, na fala de Irene está pautada “*na perspectiva de corrigir injustiças, anos de escravidão, discriminação e preconceito [...] que o povo africano sofreu aos longo dos anos em terras brasileiras*”, inclusive para que haja maior inserção da população negra no

ambiente escolar, diminuindo, na opinião de Darlene “*aquela visão de subalterno e mostrar que eles foram e são tão importantes quanto os índios, portugueses e outras populações*”.

Tais falas estão em total conformidade com o exposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais cuja função deve ser a de auxiliar “a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial” (BRASIL, 2004, p. 10).

4.2.2.2 História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física

Neste fórum, a questão chave visava verificar se, na opinião dos participantes do curso, a História e Cultura Afro-Brasileira estavam sendo incluídas nas aulas de Educação Física.

Participaram deste fórum 10 dos inscritos que se limitaram, a exemplo do ocorrido no anterior, a responder a questão elaborada.

Seis destes consideraram que a temática afro-brasileira não é contemplada nas aulas de Educação Física, ao passo que outros três afirmaram existir um tratamento limitado a datas como a “Semana da Consciência Negra” ou por meio do ensino da Capoeira. Um dos participantes não se referiu diretamente à questão. Estes posicionamentos dos participantes, aliás, corrobora tudo o que foi verificado na revisão de literatura a respeito desta questão, ou seja, que esta temática é praticamente inexistente na realidade da área e que quando ocorre este tratamento, é quase sempre sob uma perspectiva mais folclórica ou liberal que, apesar de valorizar a pluralidade cultural, acaba se limitando “[...] a aspectos exóticos, folclóricos e pontuais” (p. 93), conforme alertado por Canen (2007).

Os principais motivos apontados para esta situação foram relacionados à figura do professor, como a sua falta de formação, interesse ou incentivo para o tratamento do tema. Mereceu destaque, também, o fato de a História e a Cultura Afro-Brasileira não despertar interesse na maior parte dos professores. Estas percepções são reforçadas por Munanga (2005) que considera existir, realmente uma má formação pessoal e profissional dos professores em relação ao racismo e que a efetividade do combate ao racismo, passa pela transformação da mentalidade dos professores que precisam se tornar

[...] verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira (p. 18).

Com base nesta constatação procurou-se, durante as intervenções, valorizar a necessidade de que os professores se comprometam a tratar destas temáticas e de que haja, conseqüentemente, oportunidades para a sua formação específica.

4.2.2.3 História e Cultura Afro-Brasileira por meio do Atletismo nas aulas de Educação Física

No terceiro fórum, o objetivo foi questionar os participantes sobre a adequação da utilização do Atletismo como conteúdo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física e suas justificativas para tal. Este, aliás, foi o que contou com a maior participação, totalizando onze envolvidos. Além disso, foi o único, neste tópico do curso, em que houve interação entre os participantes, os quais, em diversos momentos, comentaram as postagens de seus colegas. Provavelmente, por ter sido o mais específico dos três fóruns, este tenha alcançado tal grau de participação.

Foi unânime o entendimento de que o Atletismo é sim, um conteúdo que possibilita o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira. Necessário ressaltar que o fórum foi realizado após a leitura de um texto, de nossa autoria, intitulado “Por que ensinar História e Cultura Afro-Brasileira por meio do Atletismo?” em que se apontavam alguns motivos pelos quais esta modalidade seria adequada a este ensino. Apesar disso, apenas uma aluna, Patrícia, afirmou desconhecer, previamente à leitura do texto, as possibilidades deste tratamento. Em suas palavras: *“Acredito que sim! Agora que vi o curso. Mas, nunca havia pensado nesta possibilidade. Sempre visualizei este ensino, no conteúdo de atividades rítmicas e expressivas, em lutas e em jogos e brincadeiras”*.

O principal motivo, apontado por sete dos participantes, que justificaria esta adequação seria o destaque alcançado pelos negros nas diversas provas do Atletismo o que geraria a oportunidade de se estudar desde como se deu a inserção desta população na modalidade até os motivos para sua prevalência em determinadas provas. Bastante reveladora destas possibilidades foi a afirmação, mais uma vez, da aluna Patrícia, que demonstra uma visão bastante recorrente nos diversos discursos que buscam explicações para a alta incidência de negros no Atletismo:

Quando trago para a aula a prevalência de pessoas negras inseridas no Atletismo e em outros esportes. Tento refletir e mostrar ... como se deu a inserção inicial de pessoas negras no nosso país ... Como a ocupação e profissão da maioria dos negros no Brasil foi e ainda são formas de trabalho braçais, estas pessoas e seus descendentes tem a tendência em serem mais fortes e resistentes, contribuindo para um bom desempenho esportivo ... E quando voltamos o nosso olhar para o Atletismo, tem várias características do esporte que corroboram ou favorecem na participação dos negros brasileiros. Como por exemplo, a maioria de pessoas

pobres e de baixa renda no Brasil são negros. O Atletismo é um esporte que demanda poucos ou quase nenhum material/equipamentos para os treinamentos; Há projetos sociais, que eles podem se inserir [...].

A respeito desta compreensão é importante destacar que há, realmente, no caso brasileiro, uma grande ligação entre o Atletismo e a população mais pobre e negra, conforme apontado por Farias (2012).

O segundo motivo, apontado por três dos estudantes, foi a possibilidade de se refletir sobre o processo de luta dos negros para a sua inserção na modalidade e, também, na sociedade de forma geral. Inclusive, o aluno Eduardo, em sua intervenção, utilizou como exemplo o protesto feito por atletas negros norte-americanos nos Jogos Olímpicos de 1968, realizados na Cidade do México, quando “fizeram o símbolo dos Black Panthers ao subirem no pódio dos 200m rasos e foram banidos da competição pelo COI em uma época os negros estadunidenses lutavam por direitos civis”. Esta, aliás, foi uma das poucas passagens do fórum em que houve a intervenção de outro cursista que afirmou desconhecer esta história e achar muito interessante tratar deste assunto com alunos adolescentes, por exemplo.

A posição destes alunos vai, completamente, ao encontro das determinações das DCNs das Relações Étnico-Raciais que destacam a necessidade de que sejam divulgadas e estudadas a “participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial” (BRASIL, 2004, p. 22).

Mereceram destaque, ainda, na opinião dos cursistas o fato de a modalidade, em si, reproduzir a diversidade étnica brasileira e ser, possivelmente, um local em que a cultura negra é apresentada/difundida.

4.2.3 Conhecendo a África

Serão, aqui, apresentados e analisados os resultados decorrentes das duas tarefas programadas para a segunda semana do curso: a elaboração de um texto reflexivo sobre as possibilidades e dificuldades de utilização da metodologia utilizada em um trabalho científico, realizado pelo autor desta tese, em formato de pôster, apresentado no II Fórum de Ensino Superior sobre os desafios para o ensino de História e Cultura Africana e Indígena, realizado na cidade de São Paulo, em 2010, intitulado “Possibilidades de ensino da história da África por meio do Atletismo” e a participação em um fórum de discussão sobre o vídeo “Descobrimos nossa Jamaica”, apresentado, anteriormente nos “Procedimentos Metodológicos”.

4.2.3.1 Conhecendo a África por meio do Atletismo

Elaboraram o texto reflexivo sobre o pôster, o qual objetivava demonstrar as diferentes origens dos melhores atletas corredores de provas de velocidade e de fundo e suas relações com o continente africano, nove dos participantes. Unanimemente, estes, afirmaram ser possível a realização da atividade proposta em aulas de Educação Física, apesar de algumas poucas ressalvas em relação à sua aplicabilidade em determinadas faixas etárias e a possível indisponibilidade dos cursistas em participar de atividades que não fossem práticas.

Fora estes comentários, vários cursistas exaltaram a possibilidade de se tratar de conteúdos históricos sem perder de vista a especificidade da Educação Física, ao se fazer referência às provas de corridas do Atletismo e à possibilidade de se complementar a proposta apresentada, de natureza mais conceitual, com atividades procedimentais de ensino e vivência deste grupo de provas, até mesmo porque como afirmou Alicia: “*Outro cuidado importante a se tomar é não transformar a aula de Educação Física em aula de história*”. Importante ressaltar que este destaque, também, foi feito por nós ao comentarmos os textos elaborados. Neste sentido, aliás, é sempre bom lembrar o alerta feito por Betti e Zuliani (2002) de que “a Educação Física não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura” (p. 75). Por este motivo, inclusive, em vários momentos do curso, procurou-se enfatizar a necessidade de que o trabalho com a História e Cultura Afro-Brasileira, nas aulas de Educação Física, apesar de enfatizar o ensino de conceitos e valores deve estar associado às vivências motoras do conteúdo, fruto de análise. De certa forma, esta preocupação ficou patente nas atividades planejadas pelos cursistas para o ensino do Atletismo sob a perspectiva afro-brasileira, apresentadas mais à frente no quadro 4.

Outro destaque, várias vezes efetuado pelos participantes, foi a possibilidade de se tratar interdisciplinarmente o conteúdo apresentado.

Como dificuldade para implantação da proposta apresentada foi apontada, principalmente, a falta de conhecimentos dos professores sobre a temática, o que dificultaria o seu ensino. Interessante destaque foi feito pela aluna Patrícia que afirmou ser sua maior dificuldade, conseguir aprovação da direção de sua escola para desenvolver temas relacionados à cultura negra, relatando inclusive uma experiência que demonstra esta dificuldade:

numa festa Junina, sugeri e ensaiei uma música que falava da ÁFRICA com os alunos do 3o ano e a Diretora [...] pediu para mudar e a fala dela foi: Se usarmos esta música, os pais vão achar que estamos contemplando só os negros e podem se sentir ofendidos.

Esta cursista, entretanto, salientou que, talvez, utilizando o Atletismo como conteúdo seja mais fácil a aceitação, por parte da direção, do tratamento da temática. Esta mesma dificuldade, em relação à resistência das equipes diretivas e demais colegas, também, foi destacada pelos participantes do curso de formação para o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras, analisado por Barros (2013).

4.2.3.2 Descobrimo a nossa Jamaica

Nesta etapa, foi organizado, mais uma vez, um fórum, desta vez com a perspectiva de se discutir o vídeo “Descobrimo a nossa Jamaica” em que é apresentado um projeto de extensão, desenvolvido pelo Prof. Dr. Fernando de Oliveira, que busca encontrar no interior do Estado de Minas Gerais atletas que tenham o mesmo potencial dos atletas jamaicanos por, possivelmente, descenderem dos mesmos ancestrais e, também, o pôster mencionado anteriormente, de nossa autoria.

Os questionamentos elaborados para fomentar as discussões foram os seguintes:

- “Os materiais apresentados podem ser utilizados para um maior conhecimento sobre a África e sua diáspora?”;
- “Quais seus limites e suas possibilidades?”;
- “De que outra maneira isto poderia ser feito?”.

Deste fórum, participaram oito cursistas. A quantidade de interações entre os participantes, ou seja, de comentários a partir das colocações dos demais colegas foi, significativamente, maior.

Todos os participantes apresentaram o entendimento de que tanto o pôster quanto o vídeo contêm elementos que permitem sua utilização como material didático. Foram apresentadas como justificativas, principalmente, os fatos de: se referirem à realidade brasileira; possibilitarem o tratamento da temática étnico-racial em suas diversas dimensões (social, biológica, cultural e histórica); além, de estimular o interesse das pessoas pelo tema.

Como dificuldades de utilização destes materiais foram destacadas, principalmente: a falta de infraestrutura existente nas escolas para a utilização das tecnologias, neste caso, a exibição do vídeo, além de, mais uma vez, o possível desinteresse dos alunos por atividades

deste tipo. Em relação à primeira dificuldade apontada, esta é uma realidade que acompanha grande parte das experiências de inclusão das TIC em ambiente escolar, como foi o caso do estudo desenvolvido por Diniz e Darido (2015), em que se apontou como uma das principais dificuldades para a implantação da proposta de trabalho elaborada, a estrutura insuficiente das escolas em relação aos equipamentos básicos de informática.

Destacável, também, a opinião emanada por vários dos participantes sobre a grande qualidade do trabalho desenvolvido pelo professor entrevistado no vídeo, advogando, em vários momentos, a necessidade de que sua metodologia fosse implantada em suas localidades ou mesmo em âmbito nacional, o que, demonstra, em nossa opinião, uma crença bastante forte na existência de populações de descendentes de africanos, que tenham as condições apropriadas para obter sucesso no Atletismo e que não foram, ainda, descobertas. Esta percepção, aliás, foi apontada, por nós, aos participantes, ao comentarmos suas colocações da seguinte forma:

a matéria foi selecionada para ser exibida por dois motivos: primeiro para reforçar a relação existente entre a África e sua diáspora no Atletismo, por meio da nítida relação entre os atletas que se destacam, na atualidade, em provas de corrida e sua origem étnica comum e, em, segundo lugar, para demonstrar como esta percepção impacta no imaginário social daqueles que militam no Atletismo.

Um exemplo desta forte compreensão é a seguinte fala do aluno Diogo:

Aprender a cultura, entender a genética são possibilidades de conhecimento através deste estudo. Já iniciei uma pesquisa com meus 100 atletas para ver se tem familiares em Minas Gerais. Pois aqui na comunidade já tínhamos um estudo que a maioria dos moradores vinham de lá. Vou registrar e quantificar.

4.2.4 Discutindo as diferenças

Um tema que está sempre presente quando se relaciona o Atletismo à questão étnica é a prevalência de atletas negros (africanos ou afrodescendentes) em provas de corridas. Muito se discute se este fato se deve tão somente a questões genéticas ou se há a influência de aspectos culturais. Refletir sobre esta temática foi o grande objetivo desta etapa do curso.

Por se tratar de uma questão bastante polêmica e, também, para que as interações ocorressem de forma mais efetiva e com acompanhamento imediato houve a intenção de se utilizar uma atividade síncrona, o *chat*, para discussão dos materiais didáticos disponibilizados. Entretanto, sua realização tornou-se inviável devido à indisponibilidade dos alunos para este tipo de atividade. Muito, provavelmente, esta situação tenha ocorrido devido à própria característica do público participante do curso de professores de Educação Física Escolar, treinadores de Atletismo e estudantes de pós-graduação que contam com uma grande

quantidade de compromissos em suas agendas semanais. Contribui, também, o não estabelecimento prévio, à própria inscrição dos cursistas, da data de realização desta atividade, muito embora, neste caso, a possível indisponibilidade representasse a não inscrição no curso. A tentativa de estabelecer, com apenas uma semana de antecedência, a melhor data para a sua realização, por meio da atividade *Escolha*, disponibilizada na Plataforma *Moodle*, não obteve grande êxito, pois, apenas quatro dos participantes optaram por uma das datas disponibilizadas, sendo que somente dois estiveram conectados no momento preestabelecido.

Como forma de manter esta importante discussão foi proposta, inicialmente, aos dois cursistas que efetivamente acessaram o *chat* e, posteriormente, aos demais, mais uma vez, a realização de um fórum para substituir a atividade cancelada.

Com vistas a fomentar as discussões foram lançadas, logo em seu início, cinco questões que deveriam ser respondidas pelos participantes da atividade. As questões elaboradas foram as seguintes:

- “Quais são os motivos para o sucesso dos negros no Atletismo?”;
- “Como se deu o processo de inserção do negro na modalidade?”;
- “Valorizar os aspectos biológicos como explicação para este sucesso, traz, algum risco?”;
- “Estas questões devem ser escolarizadas?”;
- “Como tratar esta temática nas aulas de Educação Física?”.

Além de responderem a estas questões foi solicitado aos participantes que procurassem contemplar as colocações dos demais, o que, efetivamente, aconteceu, pois, em várias das intervenções houve citação às falas dos demais colegas. Alguns participantes, inclusive, destacaram o quanto os textos de seus colegas contribuíram para uma melhor compreensão da temática. Dalila, por exemplo, fez o seguinte depoimento a respeito das contribuições do participante Eduardo: “*Ao ler as perguntas fiquei pensando se eu conseguiria respondê-las, não sei se responderia com esta grande riqueza de detalhes e informações importantíssimas, mas me sinto contemplada ao ler sua resposta*”. Aliás, outros participantes também apontaram, em suas falas, certa insegurança em responder as questões elaboradas por não se sentirem especializados em Atletismo.

Participaram deste fórum sete cursistas. Destacamos, a seguir, as principais contribuições a cada uma das perguntas elaboradas.

4.2.4.1 Motivos para o sucesso dos atletas negros

Os textos disponibilizados para esta etapa do curso, de autoria de Vancini e Lira (2005) e Oliveira (2008), apresentavam, respectivamente, duas perspectivas bastante distintas para explicar os motivos para a contemporânea prevalência de atletas negros em provas de corridas: a biológica e a sociológica. De certa forma, esta dualidade também apareceu no discurso dos cursistas ainda que de forma mais agregadora. Basicamente, todos os participantes entenderam que ambos os fatores apresentam influências, havendo, entretanto, aqueles (três) que consideravam mais importantes as influências históricas e sociais e outros (dois) os aspectos genéticos.

Este, aliás, foi o ponto de vista que buscamos defender em nossas intervenções, o de que não há como desconsiderar a relevância dos aspectos genéticos, mas, que é um grande equívoco desconsiderar as condicionantes sociais que levaram a tal situação.

4.2.4.2 A inserção dos atletas negros no Atletismo

Em relação a este tópico, o artigo de Oliveira (2008) foi a principal referência por descrever em seu ensaio como se iniciou o período de prevalência dos atletas negros nas provas de corrida. Assim sendo, as contribuições dos participantes, em grande parte, reproduziam as afirmações do autor. Entretanto, poucos deles deram ênfase a esta pergunta em suas respostas e os que a fizeram destacaram o papel de Jesse Owens como grande ícone para a superação de “um discurso secular de inferioridade das pessoas negras dentro do esporte” (OLIVEIRA, 2008). A importância deste tópico, a nosso ver, está em demonstrar que os discursos sobre superioridade racial no esporte são extremamente voláteis, modificando-se de acordo com a época vivida e os inúmeros fatores sociais que as influenciam, sendo inadequado naturalizar estas questões. Neste sentido, Kerr (2010) nos lembra que, no caso das provas de fundo, antes do atual domínio queniano, iniciado nos anos 1980, australianos, americanos e britânicos se destacavam nestas provas, além de afirmar que se a raça não é um conceito geneticamente ou biologicamente válido, tampouco, o desempenho atlético pode ser atribuído a ela.

4.2.4.3 Riscos da naturalização das superioridades

Como, a nosso ver, a limitação das diferenças a aspectos biológicos ou genéticos leva a perigosas generalizações, verificar a compreensão dos cursistas a respeito do tema foi o objetivo desta etapa do fórum. A maior parte dos participantes (cinco) teceu comentários sobre o assunto. Destes, apenas uma das participantes, Júlia, considerou não haver problema em fazer esta associação e que, ao contrário, este aspecto mais biológico deveria ser ressaltado, inclusive por ser "*motivo de cobiça por outras etnias esta virilidade, garra e facilidade física para desempenhar as atividades físicas*". Irene, em sua fala, faz um contraponto ao afirmar que, neste caso, "*outras diferenças podem ser justificadas pelo mesmo viés, gerando preconceito e discriminação*".

A questão dos estereótipos advindos da naturalização das diferenças, também, foi destacada tanto pelos cursistas, quanto por nós. Um exemplo é o importante alerta de Dalila para a qual "*Focar muito no fator genético talvez perpetue as frases 'preto só serve para correr e jogar futebol' ou 'os brancos são bem melhores que os pretos na natação porque o osso deles é mais leve', será mesmo???*". Inclusive, para reforçar esta sua preocupação, a aluna sugere aos colegas um episódio da série televisiva "Todo Mundo Odeia o Cris" em que seu protagonista é um dos únicos alunos negros de uma escola norte-americana e pelos simples fato de ter arremessado uma bola de papel no cesto de lixo, seu professor de Educação Física passa a considerá-lo um grande talento, apesar de, na verdade, ele ser um péssimo jogador. A respeito desta naturalização, Freitas (2012) apresenta o seguinte relato da nadadora brasileira negra Eliana Pereira de Souza, participante dos Jogos Panamericanos de 1967 e 1971, sobre as dificuldades enfrentadas para se manter nesta seleção, pois:

[...] o técnico Carlos Roberto Pavel afirmava, com insistência, não existirem negros na natação devido a seus ossos serem muito pesados para a água e, portanto, Eliane deveria praticar o atletismo – reconhecido como um "esporte de negros" – no qual teria mais sucesso [...]" (p. 919).

Este depoimento atesta o risco de se tomar certas verdades como absolutas e o quanto elas acabam impactando o imaginário das pessoas. Durante o próprio curso, apresentamos aos participantes a história contada por um ex-aluno, negro e alto, que foi matriculado por sua mãe em aulas de natação em uma unidade do Sesi, mas, que foi "convencido" por aquela que deveria ensiná-lo, a tentar o atletismo, já que, em sua visão, este não levava jeito para a modalidade em questão. Como resultado, este aluno não se tornou atleta de atletismo e nem aprendeu a nadar, apresentando, posteriormente, grande dificuldade em acompanhar as aulas de natação durante seu curso de graduação em Educação Física.

Importante considerar, no tratamento desta questão, que de acordo com as próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana deve-se buscar o rompimento “com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais” (SILVA, 2007, p. 490). Este mesmo alerta é reforçado por Santos (2007; 2011) para o qual a imagem do negro não pode ser limitada ao estereótipo de atleta, sob o risco de se criar um estigma.

Além disso, Munanga (2005) entende que é papel da educação oferecer “[...]a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados [...] pela cultura racista” (p. 17) e que esta mudança passa, preliminarmente, pela compreensão desta questão pelos professores.

4.2.4.4 A escolarização da temática

Aproximando-se da temática principal do curso que era a atuação com o tema no campo escolar, nesta fase do fórum pretendeu-se ouvir a opinião dos participantes sobre a adequação de se tratar desta temática no ambiente escolar como forma de se discutir as relações étnico-raciais e a História e Cultura Afro-Brasileira.

Apenas um dos participantes não fez nenhuma referência, em sua resposta, a esta questão. Os demais foram unânimes em afirmar que esta temática deve ser escolarizada. Dois destes, inclusive, destacam, mais uma vez, a potencialidade para tratamento interdisciplinar do assunto.

Vários cursistas destacaram, inclusive, a importância do tema. Irene, por exemplo, afirma que, ao contrário, “*o que não podemos fazer é ignorar a atuação do negro no esporte, bem como em outras modalidades de maneira que o tema não seja tratado na escola*”. Dalila também defende o tratamento pedagógico da questão, mas, alerta para o cuidado necessário para que não se reforcem os estereótipos e o racismo.

4.2.4.5. O tratamento da temática nas aulas de Educação Física

Finalmente, tratando especificamente da Educação Física na escola, esta última questão buscou verificar a compreensão dos participantes a respeito do tratamento a ser dado a esta temática nas aulas deste componente curricular.

A maior parte das respostas (três) destacou, mais uma vez, o cuidado necessário para que não se reforce o estereótipo da aptidão natural do negro para as provas de corrida. Para isso, defendem que sempre se contextualize a predominância desta população nestas provas por meio da apresentação das condicionantes sociais e históricas. Entendemos que esta mesma problematização deva ocorrer em relação às provas do Atletismo internacional em que não há esta prevalência de atletas negros, caso do arremesso do peso, dos lançamentos, do salto com vara e da marcha atlética.

Em relação aos possíveis caminhos para se atingir tal objetivo destaca-se a sugestão da utilização de vídeos, apontado por três dos participantes. Irene, em seu depoimento apresenta, de certa forma, um resumo das possibilidades de tratamento desta questão:

debates, vídeos, pesquisas, problemas para os alunos resolverem a partir dessa discussão que perpassa pela genética, de modo que, os alunos possam refletir sobre essas questões e assumir um posicionamento crítico sobre o tema.

4.2.5 Conhecendo os atletas afro-brasileiros

Neste tópico do curso, o objetivo foi apresentar a história de vida de atletas afro-brasileiros, como forma de valorizar a participação da população negra na sociedade brasileira e pensar como podemos escolarizar estes temas nas aulas de Educação Física.

Para isto, a partir dos vídeos disponibilizados, os cursistas deveriam participar de mais um fórum, entretanto, neste caso, apresentando propostas de atividades que poderiam ser desenvolvidas em aulas de Educação Física com a utilização deste material, além de comentar as atividades propostas pelos colegas. A expectativa era a de que os cursistas fossem capazes de planejar atividades que integrassem o ensino das diferentes provas do Atletismo com aspectos históricos que remetessem à discussão de elementos da História e Cultura Afro-Brasileira, seguindo, assim, o proposto por Betti e Zuliani (2002) de que os conhecimentos tratados pela Educação Física sejam, sempre, associados a “uma vivência concreta” (p. 75).

Apresentam-se, a seguir, no quadro 4, as atividades propostas pelos participantes:

Quadro 4- Atividades propostas pelos cursistas

| Participante | Atividade proposta |
|--------------|---|
| Dalila | <p>Público: 1º ano do Ensino Médio</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discutir com alunos um pouco sobre a história do atletismo e como esta modalidade se desenvolveu no Brasil. Após isto, passar o vídeo sobre a história do atleta Adhemar Ferreira da Silva; - Depois do vídeo, pedir para que os alunos pesquisem na internet o que estava ocorrendo no período em que este atleta foi campeão, tanto no contexto mundial quanto no contexto brasileiro (creio que não é a realidade de muitas escolas públicas brasileiras disponibilizarem o laboratório de informática e, quando isto ocorre, muitas vezes há |

| | |
|---------|---|
| | <p>poucas máquinas que funcionam e muitas vezes não há internet, mas sei que em algumas escolas isto seria possível);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Após os alunos mostrarem os principais dados que eles encontraram, o professor pede para que se dividam em grupos de mais ou menos sete pessoas e dramatizem como foi a repercussão desta medalha no Brasil e no mundo e, como este evento é tratado nos dias de hoje. |
| Mariana | <p>Objetivo: vivenciar o salto em altura Materiais: cordas elásticas, colchão (caso tenha), data show e notebook Duração: 2 aulas Atividade 1: Pega bandeira adaptado</p> <ul style="list-style-type: none"> - 2 equipes são formadas, ao fundo do campo de cada equipe é amarrado um elástico (de lado a lado, de preferência do tamanho do fundo do campo). Neste jogo os alunos têm o objetivo de ultrapassar a altura do campo adversário. - Os alunos devem invadir o campo adversário. Caso seja pego, deve retornar ao seu campo; caso toque no elástico enquanto salta, deve retornar ao seu campo. A equipe que conseguir que todos ultrapassem o elástico ganha a rodada. Após cada rodada a altura do elástico deve aumentar. <p>Atividade 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizando um colchão ou algo macio e elástico, caso contrário, dependendo do seu piso, não aumentar muito a altura do elástico. Os alunos aprenderão algumas técnicas de salto em altura. Aproveitando a primeira atividade, peça para que cada aluno tente ultrapassar da mesma forma, depois disto inicie com as evoluções das técnicas: rolos ventrais, tesoura e fosbory flop. <p>Atividade 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizando um data-show, mostre vídeos da evolução técnica, da evolução da área de queda e conte brevemente a história de Aída dos Santos, única mulher brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 e única no Atletismo, ficou em 4º lugar no salto em altura. <p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Caça palavras com elementos do salto em altura e história de Aída dos Santos. |
| Eduardo | <p>Atividade: Atletismo educativo Objetivo: Orientar os alunos sobre aspectos biológicos e sociais que geraram grandes campeões afro-brasileiros nas provas de saltos no atletismo. Método: Após apresentação dos campeões nas provas de saltos e sua história, os alunos terão uma vivência das provas de salto pelos alunos onde os mesmos devem identificar quais são as exigências físicas dessa prova (velocidade, força, baixo peso corporal, alta estatura, coordenação motora) e relacionar tais características com o sucesso desses atletas. Vivência: O professor ensinará a sequência pedagógica do salto triplo através de exercícios simples até complexos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aquecimento: pega-pega saci - Técnica: saltos na amarelinha unilateral, bilateral. <p>Saltos triplos alternados. Direita, esquerda, e direita, ou o contrário. Triplo unilateral. Direita, direita, direita. Triplo com corrida pós-salto, direita, direita, esquerda terminando correndo. Salto triplo parado. Salto triplo com três passadas de corrida.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos serão divididos em duplas. - Um dos alunos de cada dupla atuará como treinador e o outro aluno será o atleta. - O treinador tem a função de auxiliar o atleta a realizar a técnica correta de cada um dos elementos da sequência pedagógica do salto triplo, prezar por sua segurança ao realizar os exercícios, anotar seu desempenho, e principalmente suas dificuldades e sensações sobre as características da prova. - O atleta tem a função de desenvolver-se nas sequências pedagógicas dentro de seus limites físicos seguros, e relatar suas dificuldades, facilidades, e expectativas ao realizar o treinamento ministrado pelo professor com auxílio de seu treinador. - Os alunos mudarão de papel e todos vivenciarão a atividade. |

| | |
|--------|---|
| | <p>Discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Após a vivência será feita uma conversa com os alunos com o objetivo de extrair informações importantes sobre as características físicas, biológicas, traços de personalidade (competitividade, concentração, determinação, persistência, ...) e sociais que são presentes nessa prova e que são importantes para um atleta. Deverá ser traçado um paralelo dessas características com os atletas/indivíduos afro-brasileiros com o objetivo de constatar quais motivos levaram tais atletas a tais postos de sucesso. - O professor atuará como mediador nesse momento de discussão que também passará por outras provas do atletismo a partir dessa ótica e até outras modalidades. - A atividade também pode ter caráter interdisciplinar e envolver disciplinas de História, Sociologia, e Biologia caso haja possibilidade é interesse de todos de relacionar tais assuntos em contexto mais abrangente. |
| Júlia | <p>Público: 2º ano do ensino médio</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois de mostrar os vídeos e dar uma introdução do atletismo no Brasil, dividir a classe de 4 a 6 grupos, com no máximo 6 pessoas, para elaborarem um questionário onde deverão entrevistar os funcionários e alguns moradores ao redor da escola e até mesmo seus familiares com as seguintes questões: - Você conhece algum atleta afro brasileiro? Se sim, qual é o nome e a prova prática? - O que você acha do esporte no Brasil? Se fosse para ser um atleta do atletismo qual gostaria de ser? - Já praticou atletismo na escola? Se sim, qual prova que gostava mais? - Tem algum conhecido que pratica o atletismo? Se sim, qual prova? <p>Entre outras perguntas que fossem surgindo no decorrer do trabalho.</p> <p>-Depois, irão analisar e discutir os resultados encontrados e buscar através de um debate, o porquê dessas respostas e se se deve ou não trabalhar o atletismo na escola e quais são os pontos positivos e negativos de se trabalhar ou não o atletismo como conteúdo na escola.</p> <p>- Talvez, depois desta atividade, proporcionar uma excursão didática onde eles possam ter contato com a pista ou até mesmo conhecer algum atleta da modalidade, onde terão com atividade elaborar um questionário com questões que gostaria de saber deste atleta como carreira, como fez para chegar onde chegou? E o que acha do esporte atualmente? etc...</p> |
| Talita | <ul style="list-style-type: none"> - Inserir a modalidade atletismo na cultura dos alunos e a partir daí, mostrar vídeos e outros materiais visuais para os alunos, pedir para pesquisarem em casa com os pais imagens de revistas, jornais e materiais da internet. - A partir daí criar uma roda de conversa sobre o tema e ir colhendo deles informações e dando informações sobre a História e cultura afro-brasileira. E no decorrer das aulas ir apresentando algumas atividades e jogos pré-desportivos que mostrem um pouquinho das provas do atletismo. |
| Irene | <p>Público: Primeiro ano do Ensino Médio</p> <p>Duração prevista: 100 min.</p> <p>Materiais: imagens, vídeos, fita métrica, pedaços de E.V.A., arcos, giz.</p> <p>Objetivo: Vivenciar o salto triplo e conhecer atletas brasileiros que praticam a modalidade.</p> <p>Roda Inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pergunte aos alunos se eles conhecem o salto triplo. Como essa modalidade é realizada? Conhece algum atleta que pratica ou já praticou a modalidade? Como o Brasil é reconhecido mundialmente devido os resultados alcançados? Qual a técnica básica? - A partir dessas perguntas monte um quadro na lousa com as informações apresentadas pelos alunos (Talvez não sejam muitas). <p>Ao final, apresente que na aula de hoje, eles vivenciarão essa modalidade.</p> <p>Atividade 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Separe os alunos em grupos e apresente a técnica básica do salto triplo. - Peça para que espalhados pelo espaço, eles procurem executar o salto repetindo o toque no solo com uma das pernas (esquerda/esquerda ou direita/direita) e finalizando com a outra. Se necessário use arcos de cores diferentes ou marcações com giz para que os alunos consigam se familiarizar com essa técnica. <p>Atividade 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois que os alunos estiverem familiarizados solicite que os mesmos procurem associar |

| | |
|--|---|
| | <p>a corrida com as passadas. Para tanto, peça que eles se posicionem em um espaço que permita uma corrida antes da realização do salto.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coloque uma placa de EVA ao final da fase de corrida para que eles experimentem uma adaptação de uma tábua de impulsão. <p>Por se tratar de um movimento difícil possibilite que eles explorem bastante os movimentos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ao final, promova um pequeno festival entre os alunos, medindo a distância que o grupo alcançou nos saltos. <p>Atividade 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ao final da aula, retome as informações tratadas no começo e peça para que os alunos apresentem mais informações que foram abordadas nesse dia. Aos poucos, vá acrescentando na lousa de modo que seja possível comparar. - Além disso, apresente imagens ou até mesmo vídeos dos atletas Adhemar Ferreira da Silva e João do Pulo, que alcançaram resultados expressivos no salto triplo, ressaltando a importância desses atletas, e o reconhecimento que merecem. Ademais, refletir sobre a cultura afro-brasileira e suas relações com o atletismo. - A partir dessa discussão os alunos deverão trazer para a próxima aula outros exemplos de atletas negros que foram importantes dentro do atletismo. - Como forma de avaliação, peça para que o grupo compare o que eles sabiam sobre o salto triplo e a participação afro-brasileira no atletismo antes de iniciar essas aulas (primeiro quadro construído na lousa) e as informações obtidas após as aulas e atividades desenvolvidas. |
|--|---|

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Conforme pode ser verificado, seis participantes realizaram as atividades propostas. Houve boa interação entre os participantes, por meio dos comentários feitos ao final de cada exposição de atividades. Apenas uma aluna se limitou a apresentar sua proposta sem comentar as do demais.

Em relação à expectativa de que os cursistas planejassem atividades integradoras dos conhecimentos históricos com os vivenciais foi plenamente atingida, pois, em todas as propostas havia momentos em que o assunto era tratado mais conceitualmente, mas, sempre seguido ou precedido por uma intervenção procedimental.

Interessante notar que, apesar, de não ter sido solicitada, metade dos cursistas apontou, em suas atividades, a série escolar ou o nível de ensino mais adequado para a aplicação da atividade, que, no caso, foi o Ensino Médio (1º ano, 3º ano e sem especificação).

4.2.6 Consolidação, socialização e avaliação das aprendizagens

Nesta etapa final do curso foram realizadas atividades voltadas para o seu fechamento e que visavam à avaliação das aprendizagens dos cursistas, bem como, a divulgação dos materiais produzidos. Para isso, foram realizadas duas tarefas pré-elaboradas por nós, sendo uma *wiki* e uma tarefa que consistiu na resposta a um questionário.

4.2.6.1 Construindo e socializando propostas de intervenção

Este tópico teve como objetivo a construção colaborativa de um material que reunisse as propostas de intervenção, elaboradas pelos participantes do curso, sobre a temática Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira.

Para isto, foi feita a opção pela ferramenta *wiki*, justamente por esta permitir a colaboração direta entre os participantes na construção de um texto único em que todos “[...] serão atores e autores [...] podendo, inclusive, ilustrar com imagens e incluir “links” que dão ao texto um formato hipertextual que pode vincular outros textos fora do ambiente (intertextualidade) ou dentro do ambiente (intratextualidade)” (ALVES, 2009, p. 198). Participaram desta atividade, postando suas propostas de aulas, seis cursistas.

Por ser uma ferramenta não tão utilizada, pelo menos, pelo grupo de participantes do curso, houve alguns pequenos contratempos no decorrer de sua construção, como: digitação do texto na área de *tags* ou de comentários, exclusão acidental de texto escrito por outros colegas, baixa utilização da área dedicada, especificamente, aos comentários e utilização apenas da *First Page* da ferramenta, sendo que esta possibilitava a abertura de outros espaços. Talvez, tenha faltado uma intervenção maior, neste aspecto, por parte do pesquisador.

Percebeu-se, também, que os participantes, em nenhum momento, alteraram um material que tivesse sido elaborado por outro. Entretanto, uma das participantes elaborou sua atividade como continuidade da anteriormente planejada por um colega. Esta dificuldade também é percebida por Alves (2009) para o qual esta se deve ao fato de não sermos preparados, durante a escolarização, para este tipo de produção coletiva, fazendo com que os textos produzidos se assemelhem a

[...] uma colcha de retalhos, já que os alunos tendem a incluir parágrafos sem efetivar o elo de ligação entre eles, não se sentem à vontade para interferir no texto do outro e quando o fazem podem melindrar o colega que postou a mensagem inicial (p 199).

A *wiki* funcionou, então, basicamente, como um local para registro de produções isoladas, não havendo maiores interações. Ao final, realizamos uma intervenção neste material, basicamente, para que houvesse uma padronização dos textos.

Verifique-se, a seguir, no quadro 5, o material produzido pelos cursistas:

Quadro 5- Material produzido pelos cursistas

| | |
|--------------------|---|
| Proposta A | Participante que não autorizou a utilização de seus dados e produção na pesquisa. |
| Proposta B – Irene | Após essas vivências, poderia ser desenvolvido um festival de salto triplo na escola, de modo que os alunos assumissem o protagonismo na organização. O |

| | |
|--------------------|---|
| | <p>professor poderia mediar o evento construindo comissões que se responsabilizariam pela alimentação, patrocínio, premiação, árbitros, imprensa, entre outras. A proposta é que os alunos vivenciem diferentes espaços dentro da organização desse evento.</p> <p>Ademais, proponha formas diversificadas de competição e em conjunto com os alunos definam qual melhor se adapta a realidade do grupo. Linhas que sugerem um festival mais inclusivo são bastante interessantes e podem gerar novas dinâmicas dentro do espaço educativo. Por exemplo, fazer o festival por equipes, de modo que ao final do salto de cada aluno a metragem de toda equipe seja somada, e assim, tenhamos um resultado mais coletivo. Outra proposta é que cada aluno procure melhorar o seu resultado individual, ou seja, se em um primeiro salto ele fizer 2m, no segundo ele precisa tentar melhorar o seu resultado individual, e caso isso ocorra, ele seja premiado. Outra ideia de premiação interessante é dividir o número total de participantes em três grupos: série ouro, série prata e série bronze, ou seja, se tivermos 30 participantes, os 10 melhores resultados conquistam medalha de ouro, 10 de prata e 10 de bronze, valorizando a todos os participantes.</p> <p>As medalhas, bem como o nome do próprio festival, poderiam ser personalizadas ou fazer referência aos atletas afro-brasileiros que alcançaram resultados expressivos nessa modalidade (salto triplo), reforçando a importância dessas figuras, e claro discutindo esses elementos com os alunos, para que não sejam ações isoladas.</p> |
| Proposta C – Irene | <p>Primeiro ano do Ensino Médio Duração prevista: 100 min. Materiais: imagens, vídeos, fita métrica, pedaços de E.V.A., arcos, giz. Objetivo: Vivenciar o salto triplo e conhecer atletas brasileiros que praticam a modalidade.</p> <p>Roda Inicial: Pergunte aos alunos se eles conhecem o salto triplo. Como essa modalidade é realizada? Conhece algum atleta que pratica ou já praticou a modalidade? Como o Brasil é reconhecido mundialmente devido os resultados alcançados? Qual a técnica básica? A partir dessas perguntas monte um quadro na lousa com as informações apresentadas pelos alunos (Talvez não sejam muitas). Ao final, apresente que na aula de hoje, eles vivenciarão o essa modalidade.</p> <p>Atividade 1: Separe os alunos em grupos e apresente a técnica básica do salto triplo. Peça para que, espalhados pelo espaço, eles procurem executar o salto repetindo o toque no solo com uma das pernas (esquerda/esquerda ou direita/direita) e finalizando com a outra. Se necessário use arcos de cores diferentes ou marcações com giz para que os alunos consigam se familiarizar com essa técnica.</p> <p>Atividade 2: Depois que os alunos estiverem familiarizados solicite que os mesmos procurem associar a corrida com as passadas. Para tanto, peça que eles se posicionem em um espaço que permita uma corrida antes da realização do salto. Coloque uma placa de EVA ao final da fase de corrida para que eles experimentem uma adaptação de uma tábua de impulsão. Por se tratar de um movimento difícil possibilite que eles explorem bastante os movimentos. Ao final, promova um pequeno festival entre os alunos, medindo a distância que o grupo alcançou nos saltos.</p> <p>Atividade 3: Ao final da aula, retome as informações tratadas no começo e peça para que os alunos apresentem mais informações que foram abordadas nesse dia, aos</p> |

| | |
|----------------------|--|
| | <p>poucos, vá acrescentando na lousa de modo que seja possível comparar. Além disso, apresente imagens ou até mesmo vídeos dos atletas Adhemar Ferreira da Silva e João do Pulo, que alcançaram resultados expressivos no salto triplo, ressaltando a importância desses atletas, e o reconhecimento que merecem. Ademais, refletir sobre a cultura afro-brasileira e suas relações com o atletismo.</p> <p>A partir dessa discussão os alunos deverão trazer para a próxima aula outros exemplos de atletas negros que foram importantes dentro do atletismo.</p> <p>Como forma de avaliação, peça para que o grupo compare o que eles sabiam sobre o salto triplo e a participação afro-brasileira no atletismo antes de iniciar essas aulas (primeiro quadro construído na lousa) e as informações obtidas após as aulas e atividades desenvolvidas.</p> |
| Proposta D – Dalila | <p>Tema: Atletismo, arremesso do peso Série: 7ºano do Ensino Fundamental Duração: duas aulas duplas</p> <p>Objetivo: O objetivo destas atividades é explicar para os alunos que o atletismo possui diversas provas, que esta modalidade não se limita a corrida e, em cada prova há a necessidade de algumas capacidades físicas e biotipos. Quero que com esta aula os alunos entendam o quanto sofrem influência da mídia para formar algumas concepções, que negro alto e magro não é sinônimo de atletismo, que há muitas possibilidades dentro desta modalidade esportiva.</p> <p>Atividade 1: Roda inicial com os alunos perguntando o que eles conhecem sobre o atletismo, provas, atletas, regras, enfim, falarem tudo o que eles conhecem e já viram sobre o atletismo.</p> <p>Atividade 2: Estafeta com palavras e imagens. Separar os alunos em colunas com o objetivo de pegar 5 palavras e 5 imagens que são referentes ao atletismo, ganha quem pegar as 10 peças primeiro. A equipe campeã vai falando o que pegou e porque, as equipes vão falando se pegaram peças iguais e se concordam ou não com a justificativa. Provavelmente as palavras velocidade, agilidade, corpos magros e de pessoas negras serão as mais utilizadas, daí o professor irá contextualizar a questão de muitos fazerem a relação do negro magro com o atletismo, falando sobre o caráter biológico, contexto histórico e social desta modalidade, até chegar na fala em que o atletismo possui diversas provas e que vários biotipos o compõe, como no arremesso do peso.</p> <p>Atividade 3: Vivência do arremesso do peso, proporcionando as crianças esta nova experiência sem se prender muito as regras e as técnicas, passando somente o fundamental.</p> <p>Atividade 4: Perguntar para os alunos o que acharam da vivência, pontos positivos e negativos. Dividi-los em dois grupos e pedir para que façam um debate um sendo a favor do mito "negro e magro deve ir para o atletismo" e outro grupo contra e trazer novas possibilidades, eles iriam se dividir em sala de aula, discutir e trazer para a próxima aula elementos para o debate para reforçar sua fala, podem fazer entrevistas com conhecidos, trazer reportagens de jornal, posts das redes sociais, notícias da tv, enfim, elementos que os auxiliem a reforçar suas falas. Ao final, o professor pergunta sobre o que acharam de fazer este trabalho, se foi fácil ou difícil e, se depois de todas essas experiências eles são a favor ou contra essa fala, depois da resposta dos alunos fazer um fechamento.</p> |
| Proposta E - Mariana | <p>Objetivo: vivenciar o salto em altura Materiais: cordas elásticas, colchão (caso tenha), data show e notebook Duração: 2 aulas</p> <p>Atividade 1 Pega bandeira adaptado - 2 equipes são formadas, ao fundo do campo de cada</p> |

| | |
|----------------------|--|
| | <p>equipe é amarrado um elástico (de lado a lado, de preferência do tamanho do fundo do campo), neste jogo os alunos tem o objetivo de ultrapassar a altura do campo adversário.</p> <p>Os alunos devem invadir o campo adversário, caso seja pego, deve retornar ao seu campo; caso toque no elástico enquanto salta, deve retornar ao seu campo. A equipe que conseguir que todos ultrapassem o elástico ganha a rodada. Após cada rodada a altura do elástico deve aumentar.</p> <p>Atividade 2 Utilizando um colchão ou algo macio e elástico, caso contrário, dependendo do seu piso, não aumentarei muito a altura do elástico. Os alunos aprenderão algumas técnicas de salto em altura, aproveitando a primeira atividade peça para que cada aluno, tente ultrapassar da mesma forma, depois disto iniciarei com as evoluções das técnicas: rolos ventrais, tesoura e fousbory flop.</p> <p>Atividade 3 Utilizando um data show, mostrarei vídeos da evolução técnica, da evolução da área de queda e contarei brevemente a história de Aída dos Santos, única mulher brasileira nos Jogos Olímpicos no Japão em 1964 e única no Atletismo, ficou em 4º lugar no salto em altura.</p> <p>Avaliação Caça palavras com elementos do salto em altura e história de Aída dos Santos.</p> |
| PROPOSTA F – Talita | <p>Atividade proposta para o 5º ano do ensino fundamental, apresentar o atletismo para eles, então primeiro fazer um levantamento sobre aquilo que eles já sabem da cultura popular deles, pedir uma pesquisa para ser feita em casa para eles perguntarem para os pais e outros familiares o que eles sabem sobre o atletismo, pesquisar imagens de revistas, jornais e materiais da internet que falem sobre o tema. Depois recolher os materiais coletados por eles e fazer uma roda de conversa sobre o tema, colhendo informações deles e ir dando informações sobre a história e cultura afro-brasileira. E no decorrer das aulas ir apresentando algumas atividades e jogos pré desportivos que mostrem um pouco das provas do atletismo. E ainda ver com os alunos se dentro da cultura popular deles, existe alguém que eles conheçam que pratique atletismo, se tiver fazer o contato e convidar essa pessoa para vir a escola e dar depoimento de suas experiências na modalidade.</p> |
| Proposta G- Patrícia | <p>(5º ano) Objetivo: vivenciar o revezamento 4x100 e conhecer a história de atletas Materiais: cones, bastões de cabo de vassoura e giz de lousa Duração: 3 aulas</p> <p>Aula 1 Roda de conversa: Perguntar e apresentar aos alunos a modalidade de revezamento 4x100. Quais as características da prova. Em qual local ocorre? Quantas pessoas podem participar? 1- Aquecimento educativos do atletismo; 2- Transferir os movimentos dos educativos para um pega-pega; 3- Começando no revezamento na quadra. Dividir a volta da quadra em 4 setores demarcando com cones. Pedir para os alunos riscarem o chão para identificarem as raias (sugiro até 3 raias). Divida as crianças em equipes. - oriente a largada e a chegada; - oriente a passagem do bastão; - oriente o trabalho em equipe; Discussão: Ao final, avise os alunos que na próxima aula percorreremos um espaço maior de corrida. Utilizaremos o campo do bairro ou a volta na área verde, que temos em frente da escola, a qual tem aproximadamente 100 metros cada lado.</p> <p>Aula 2 1- Educativos de corrida – aquecimento; 2- Dividir os alunos em equipes com cores de coletes diferentes e</p> |

| | |
|----------------------|---|
| | <p>organização dos cones em cada setor e em cada raia. (Sugiro, colocar o número das raias com giz de lousa no chão, para facilitar a visualização, a noção espaço-temporal, evitando que eles entrem na raia do colega);</p> <p>3- Vivenciar;</p> <p>4- Discussão: Como foi para vocês vivenciarem esta prova? Qual foi a maior dificuldade, desafio, conquista? Como serão os treinos dos atletas para eles terem sucesso nesta prova? Será que a cor de pele influencia na corrida? Por que será que temos muitos atletas negros no atletismo?</p> <p>Na próxima aula teremos 2 atletas negros participantes do revezamento, da nossa cidade, para conhecermos a história deles.</p> <p>Aula 3</p> <p>1- Conhecendo e conversando com os atletas negros do atletismo da cidade de Piracicaba;</p> <p>2- Questões norteadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como vocês começaram? Como são os treinos? Dificuldades e superação. - Compartilhar jornais, revistas, troféus e medalhas... - O que mudou na vida de vocês com o esporte? Comentem sobre o preconceito, valorização.... |
| Proposta H - Eduardo | <p>Atividade: Atletismo educativo</p> <p>Objetivo: Orientar os alunos sobre aspectos biológicos e sociais que geraram grandes campeões afrobrasileiros nas provas de saltos no atletismo</p> <p>Método: Após apresentação dos campeões nas provas de saltos e sua história, os alunos terão uma vivência das provas de salto pelos alunos onde os mesmos devem identificar quais são as exigências físicas dessa prova (velocidade, força, baixo peso corporal, alta estatura, coordenação motora ...) e relacionar tais características com o sucesso desses atletas.</p> <p>Vivência:</p> <p>O professor ensinará a sequência pedagógica do salto triplo através de exercícios simples até complexos.</p> <p>Aquecimento: pega-pega saci</p> <p>Técnica: saltos na amarelinha unilateral, bilateral.</p> <p>Saltos triplos alternados. Direita, esquerda, e direita, ou o contrário.</p> <p>Triplo unilateral. Direita, direita, direita.</p> <p>Triplo com corrida pós-salto: direita, direita, esquerda terminando correndo.</p> <p>Salto triplo parado.</p> <p>Salto triplo com três passadas de corrida.</p> <p>Os alunos serão divididos em duplas.</p> <p>Um dos alunos de cada dupla atuará como treinador e o outro aluno será o atleta.</p> <p>O treinador tem a função de auxiliar o atleta a realizar a técnica correta de cada um dos elementos da sequência pedagógica do salto triplo, prezar por sua segurança ao realizar os exercícios, anotar seu desempenho, e principalmente suas dificuldades e sensações sobre as características da prova.</p> <p>O atleta tem a função de desenvolver-se nas sequências pedagógicas dentro de seus limites físicos seguros, e relatar suas dificuldades, facilidades, e expectativas ao realizar o treinamento ministrado pelo professor com auxílio de seu treinador.</p> <p>Os alunos mudarão de papel e todos vivenciarão a atividade.</p> <p>Discussão</p> <p>Após a vivência será feita uma conversa com os alunos com o objetivo de extrair informações importantes sobre as características físicas, biológicas, traços de personalidade (competitividade, concentração, determinação, persistência, ...) e sociais que são presentes nessa prova e que são importantes para um atleta. Deverá ser traçado um paralelo dessas características com os atletas/indivíduos com o objetivo de constatar quais motivos levaram tais atletas a tais postos de sucesso.</p> <p>O professor atuará como mediador nesse momento de discussão que também</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>passará por outras provas do atletismo a partir dessa ótica e até outras modalidades.</p> <p>A atividade também pode ter caráter interdisciplinar e envolver disciplinas de História, Sociologia, e Biologia caso haja possibilidade é interesse de todos de relacionar tais assuntos em contexto mais abrangente.</p> |
|--|---|

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Em relação ao material produzido foi possível perceber um grande esforço dos cursistas em atrelar o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, mais conceitual, ao ensino de diferentes provas do Atletismo, o que ocorreu em todas as aulas propostas. Para isto, a maior parte dos cursistas (quatro) optou por planejar o desenvolvimento dos temas propostos para mais de uma aula.

Destacável, também, foi a diversidade de provas do Atletismo englobadas pelas propostas dos cursistas que contemplaram os três grandes grupos de provas do Atletismo (corridas, saltos e arremesso e lançamentos). Além disso, em todas elas houve o planejamento de utilização das TIC como vídeos e internet. Embora esta não fosse uma exigência do curso, o fato de estas terem sido bastante utilizadas nos materiais didáticos disponibilizados aos cursistas, pode ter influenciado nesta situação.

4.3 Avaliação do curso

Nesta última etapa, buscamos verificar as possíveis contribuições do curso, bem como, do processo experimentado pelos participantes, durante seu desenvolvimento. Para isso, foi disponibilizada a atividade *Questionário* na qual os participantes se manifestaram sobre cinco diferentes temas, diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, que serão detalhados a frente.

Para melhor compreensão das respostas dos cursistas, lançou-se mão, aqui, de uma apresentação da síntese das principais ideias desenvolvidas por cada um dos seis cursistas, que responderam ao instrumento, em relação aos diferentes temas, no quadro 6.

Quadro 6- Síntese das respostas dos cursistas

| | EAD | Moodle | Atletismo para HCAB | Contribuições formação |
|-------|---|--|--|--|
| Irene | <ul style="list-style-type: none"> - Oportunidade de reunir pessoas distantes - Ótimo para a formação continuada - Difícil para a formação | <ul style="list-style-type: none"> - Excelente plataforma didática - Simples - Gratuita - Colaborativa (promoveu trocas) - Destaque | <ul style="list-style-type: none"> - Rica possibilidade (negro na sociedade e no esporte) - Sucesso dos negros no alto rendimento - Existência de | <ul style="list-style-type: none"> - Atuação docente - Formação como cidadão - Aprendizagem significativa - Material produzido - Troca de |

| | | | | |
|---------|---|--|---|--|
| | inicial | instrumentos: fórum e <i>chat</i> - Melhorar ferramentas de edição de texto - <i>Chat</i> deveria ser mais estimulado | preconceito e discriminação - Interferência genética e outros vieses - Diversidade de estratégias apresentadas - Existência de outros conteúdos, além do Atletismo, para tratamento do tema | informações - Necessidade de mais experiências de formação |
| Dalila | - Primeira experiência - Expectativa de dificuldade - Aprovação da experiência - Tarefas bem explicadas - Tutor disponível - Adequado à formação continuada - Flexibilidade tempo-espço | - Simples de usar - Ferramenta adequada - Destaque para o envio automático de e-mails - Boa apresentação | - Conteúdo bom - Conteúdo surpreendente / inovador - Traz estereótipos que precisam ser problematizados - Oportunidade de conhecer a África, a origem dos negros brasileiros, aspectos sociais e biológicos. | - 100% - Ampliação das possibilidades de tratamento da temática - Conhecer a história do país - Conhecer a própria história - Aprofundar conhecimento sobre a lei. - Necessário em um país de maioria negra, que é marginalizada e vive sobre o mito da democracia racial |
| Mariana | - Experiência prévia - Aprovou a modalidade | - Simples - Limitação: não abrir em smartphones | - Facilita o ensino da HCAB - Apresenta estratégias diversificadas | - Ampliou conhecimentos - Novos olhares - Maior senso crítico |
| Talita | - Experiência prévia - Aprovou a modalidade - Aprovou o modelo com tutoria e utilização do fórum | - Dificuldade no começo - Aprovou | - Não conhecia a possibilidade - Possível de ser utilizado no dia-a-dia - Socializável aos pares | - Ampliou conhecimentos - Aplicável na prática profissional |
| Júlia | - Atualização profissional - Flexibilidade tempo-espço - Não deve ser o único formato de atualização | - Dificuldade no começo - Interessante - Pouca possibilidade de personalização | Permite um bom tratamento do tema nas aulas de Educação Física | - Explicou como intervir - Ampliou conhecimentos |

| | | | | |
|---------|--|---|--|---|
| Eduardo | <ul style="list-style-type: none"> - Experiência nova. - Flexibilidade distância - Aprovou a modalidade | <ul style="list-style-type: none"> - Sem dificuldades, após a familiarização com a plataforma - Aprovou o recurso <i>chat</i> - Sugere melhorias na apresentação da plataforma | <ul style="list-style-type: none"> - Conteúdo (atletismo) fundamental nas aulas de EF - Proporciona muitas possibilidades de ensino. - Excelente para o ensino da HCAB (expoentes afro-brasileiros, facilidade de aplicação e possibilidades inclusivas) - Modalidade mais adequada ao tratamento do tema - Explica como intervir | <ul style="list-style-type: none"> - Aprimorou conhecimentos - Necessidade de valorização do tema na escola para construção de uma sociedade mais solidária |
|---------|--|---|--|---|

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Na sequência apresenta-se uma análise de cada uma das questões respondidas pelos cursistas, apresentando as principais inferências. Para tal, foram estabelecidas categorias em que se buscou agregar e classificar temas de acordo com sua proximidade. Como forma de se garantir a globalidade desta análise, foram também incluídas, em itálico, subcategorias inferidas da observação do desenvolvimento do curso, principalmente, por meio de análise das manifestações dos cursistas nos diferentes fóruns de discussão realizados.

4.3.1 Educação a Distância

Neste item, os participantes foram conclamados a opinar sobre a experiência com a Educação a Distância, vivenciada neste curso. No quadro 7, apresentam-se as categorias e subcategorias referentes à opinião dos cursistas sobre a metodologia de ensino, EAD, empregada no curso.

Quadro 7- Categorias e subcategorias referentes à Educação a Distância

| |
|---|
| CATEGORIA 1 – Educação a Distância |
| <ul style="list-style-type: none"> - Positiva - Adequada à formação continuada - Flexibilidade espaço-tempo - O modelo utilizado, com tutoria e tarefas, propiciou interação - <i>Evasão</i> |

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Duas das participantes tinham experiências prévias com esta modalidade de ensino e as consideraram como positivas. Uma delas, inclusive, com base nestas experiências afirmou ter gostado bastante do modelo utilizado neste curso, destacando a existência de alguém responsável pela tutoria, bem como, pelas oportunidades de troca com os colegas por meio dos fóruns. Em suas palavras, Talita afirma: "*esse método de tutor, fórum, acho bem produtivo e rende mais [..]. Consigo ter um maior desenvolvimento na aprendizagem*". Esta opinião, aliás, vai ao encontro da visão que defendemos para a Educação a distância e que buscamos desenvolver no curso oferecido. A respeito do fórum de discussão, ferramenta massivamente utilizada neste curso, entende-se, inclusive pela fala desta aluna, que estes tenham cumprido bem a sua função de “promover debates entre os participantes e estimular a aprendizagem” (BARROS, 2013, p. 27). Por sinal, na proposta de curso a distância, desenvolvido por esta autora, o fórum, também foi a ferramenta principal.

Importante salientar que, por meio da observação do curso, percebeu-se uma crescente interação entre os alunos. Esta, porém, muito se deveu as constantes intervenções realizadas pelo tutor, nas quais se solicitava aos cursistas que comentassem as manifestações e tarefas dos demais e a adoção de estratégias que tornassem, de certa forma, compulsório este comportamento.

Outra significativa percepção foi a de que a maior participação nos fóruns se deu quando estes se referiam, mais especificamente, à temática central do curso, a relação entre Atletismo e a História e Cultura Afro-Brasileira.

Em relação à tutoria, também citada pela cursista Talita, os autores Valente, Moreira e Dias (2009) destacam que esta, realmente, tem um papel fundamental nos processos educativos ocorridos em espaços *online*, pois, tem a função de promover “[...] a criação de conhecimento por todos os elementos do grupo” (p. 48). Perosa e Santos (2012), partilham da mesma opinião, afirmando que o trabalho de coordenação, em propostas de ensino *online*, é um dos principais fatores para que exista a cooperação e a comunicação entre os participantes.

De forma geral, os cursistas que responderam ao questionário e que não tinham experiência prévia com esta modalidade de ensino a consideraram bastante satisfatória. Uma destas participantes, Dalila, afirmou que tinha a expectativa de que participar de um curso a distância fosse muito difícil o que, em sua opinião, acabou não acontecendo. Dentre as justificativas apontadas para justificar a satisfação com a EAD, as que mais se fizeram presentes foram tanto a possibilidade de se reunir pessoas geograficamente distantes para estudar um mesmo assunto, quanto a possibilidade de se acessar este conhecimento em

momentos distintos, de acordo com sua própria disponibilidade. Importante ressaltar que esta é uma característica dos cursos de EAD mais contemporâneos, que se baseiam no uso da internet, pois, suas “[...] possibilidades síncronas e assíncronas [...] viabilizam o contato entre pessoas e dados situados nos mais diferenciados espaços, a qualquer hora” (KENSKI, 2005). Barros (2013) também destaca esta característica de redimensionamento do tempo e do espaço proporcionados pelos cursos *online*. Reforçando esta característica um dos participantes do curso, Eduardo, destacou que “*Apesar da distância, é possível manter diálogos bastante vivo entre os participantes*”.

Além disso, estes cursistas consideraram que esta modalidade representa uma ótima oportunidade de se manterem atualizados, promovendo uma formação continuada, inclusive por poderem organizar a realização das atividades do curso dentro de sua disponibilidade de tempo. Esta, aliás, é a característica comum daqueles que buscam este tipo de formação, de acordo com Barros (2013), adultos que tem alguma atividade profissional.

Entretanto, alguns aspectos não citados, neste tópico, pelos cursistas, merecem destaque. Um deles, talvez o principal, tenha sido a percepção do grande índice de evasão de alunos experimentado nesta proposta, muito embora, este tenha sido, conforme verificado anteriormente, compatível ao de outras experiências com a mesma característica. Evasão esta que ocorreu nas diferentes etapas do curso, se iniciando já no período pós-matrícula (quando alguns inscritos sequer acessaram a plataforma) e se estendendo até as semanas finais do curso (quando, mesmo alunos que haviam concluído grande parte das tarefas, desistiram de fazer as demais).

Particularmente, esta inédita experiência de conduzir o processo de desenvolvimento de um curso, completamente, a distância, foi revestida de grandes aprendizagens, mas, também, de desafios. Talvez, o maior deles tenha sido o de tentar ser capaz de administrar e desempenhar as inúmeras demandas e tarefas necessárias para o seu planejamento e desenvolvimento, o que tornou bastante compreensível o envolvimento de diversos profissionais para desempenhar estas tarefas, principalmente, em cursos de educação a distância de grande abrangência, diferentemente do que ocorre nas modalidades presenciais de ensino, conforme destaca Barros (2013).

4.3.2 Plataforma Moodle

Aqui, os cursistas opinaram sobre a Plataforma *Moodle*, enquanto ferramenta para o desenvolvimento do curso. No quadro 8, apresentam-se as categorias e subcategorias que emergiram de suas opiniões.

Quadro 8- Categoria e subcategorias referentes à Plataforma *Moodle*

| |
|--|
| CATEGORIA 2 – Plataforma Moodle |
| <ul style="list-style-type: none"> - Boa usabilidade - Dificuldades iniciais - Propicia a aprendizagem colaborativa - Aspectos a serem aprimorados |

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Os participantes classificaram a plataforma como bastante simples e facilitadora do processo didático. Uma das participantes, Dalila, destacou o envio automático de mensagens de correio eletrônico (*email*) para cada atividade realizada na plataforma como um item que facilitou o acompanhamento do curso. Em seu depoimento foi feita a seguinte declaração, que destaca esta característica: "*não entrava nesta plataforma com frequência, na verdade, eu acompanhava as atividades através dos emails que recebia*".

Três dos participantes citaram uma dificuldade inicial para a compreensão do funcionamento da plataforma, mas, que esta foi rapidamente superada. Conforme manifestado na apresentação dos resultados relativos ao perfil dos participantes, os óbices encontrados pelos alunos foram percebidos, também, por meio das mensagens enviadas nas quais eram solicitadas explicações sobre o funcionamento da plataforma. Em outros momentos, alunos sem experiência em EAD expressavam suas dúvidas técnicas ou seu estranhamento em relação à modalidade, como foi o caso da mensagem da aluna Patrícia, a seguir reproduzida:

Eu não estou conseguindo acessar o fórum. Respondi as perguntas sem interagir com os demais. Assisti ao vídeo e li o texto. Estou sentindo a necessidade de enxergar as coisas acontecerem por aqui. É a primeira vez que faço um curso online. Help.

Em geral, os cursistas entenderam que o *Moodle* é uma plataforma bastante adequada para a Educação a distância por permitir a realização dos fóruns e *chats*, além da disponibilização de vídeos e textos com uma boa qualidade.

Algumas críticas isoladas foram feitas em relação aos seguintes aspectos: impossibilidade de utilização em *smartphones* e poucas ferramentas de edição de texto. Enquanto uma aluna considerou o *layout* da plataforma satisfatório, outro sugeriu que este

fosse aprimorado e se tornasse mais intuitivo. Uma das participantes, apenas, afirmou, textualmente, que esta plataforma é bastante colaborativa, além de destacar sua gratuidade.

Cabe salientar que para que estas características sejam efetivadas é necessário que “as atividades interativas ganhem peso e assumam a primazia nas atividades propostas na Moodle, de modo que se possam explorar a fundo as características construtivistas da plataforma” (VALENTE, MOREIRA e DIAS, 2009, p. 49), o que se considera ter ocorrido na experiência aqui desenvolvida. Oportuno, entretanto, salientar que, possivelmente, esta característica ao mesmo tempo em que aumentou a possibilidade de ocorrência de uma aprendizagem colaborativa, talvez tenha sido um dos principais fatores para a alta evasão registrada no curso, ao demandar dos cursistas grande envolvimento e disponibilidade para o cumprimento das diversas tarefas solicitadas.

4.3.3 Atletismo como ferramenta para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira

Neste tópico, os cursistas foram convidados a opinar sobre a adequação do Atletismo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física. No quadro 9 são apresentadas as categorias e subcategorias inferidas de suas opiniões.

Quadro 9- Categoria e subcategorias referentes à adequação do Atletismo para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira

| CATEGORIA 3 – Atletismo para o ensino da HCAB | |
|---|---|
| – Adequado | <ul style="list-style-type: none"> ○ Sucesso dos negros na modalidade <i>e sua relação com a inserção do negro na sociedade</i> ○ Histórico de luta contra a discriminação e o preconceito ○ Exponentes negros ○ Relações com a África ○ <i>Reprodução da diversidade étnica brasileira</i> ○ <i>Espaço de afirmação da cultura negra</i> |
| – Não exclusivo | |
| – Possibilidade inovadora | |
| – Aplicável | |

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Em relação ao Atletismo, os participantes foram unânimes em relatar que esta modalidade esportiva representa uma boa possibilidade para o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira. Alguns deles, inclusive, destacaram que o curso possibilitou esta compreensão. Dalila, por exemplo, fez o seguinte depoimento:

me surpreendeu um pouco, pois quando falamos da cultura negra na escola pensamos imediatamente na capoeira e, isto pode ser visto também nos artigos científicos, então, nunca tinha pensado sob a ótica de utilizar este tema para a questão afro na escola.

Esta situação de proporcionar um novo olhar sobre a temática, também, foi destacada por outros participantes.

Irene, em sua fala, destaca que o Atletismo enquanto conteúdo possibilita a discussão da participação da população negra, não só na própria modalidade, como permite que esta seja transposta para a sua realidade na sociedade de forma geral.

As principais justificativas apontadas, pelos participantes, para a pertinência de utilização do Atletismo para a discussão da História e Cultura Afro-Brasileira foram, principalmente, o sucesso dos atletas negros nas provas de corridas e as diferentes justificativas utilizadas para explicar esta situação; a existência de atletas afro-brasileiros de destaque na modalidade; os casos de preconceito e discriminação existentes em sua história, bem como as de superação de tal situação. No decorrer do curso foram apresentadas, ainda, as seguintes justificativas: é uma modalidade que reproduz a diversidade étnica brasileira e é um espaço de afirmação da cultura negra.

Em relação à primeira justificativa, a aluna Dalila entende que o principal motivo para se utilizar o Atletismo para se discutir a temática é justamente a necessidade de se questionar os estereótipos que podem daí advir, como, por exemplo, a compreensão de que há uma aptidão natural dos negros para este tipo de atividades e não para outras. Neste sentido, conforme destaca Canen (2012), é importante, em propostas multiculturais de ensino, “desafiar verdades únicas e posturas que homogeneízam as identidades e congelam as diferenças” (p. 105), justamente o que se procurou destacar no desenvolvimento do curso.

Outro destaque, bastante interessante, realizado pela aluna Irene é a de que o Atletismo apresenta grandes possibilidades para o tratamento da temática, mas, que ele não pode ser o único conteúdo utilizado para este fim. Preocupação, esta, que expusemos durante o curso, em várias intervenções.

Merece destaque e reflexão, também, a afirmação da cursista Patrícia de que, talvez, tratar a temática Afro-Brasileira por meio de uma manifestação, que a princípio, não tem esta origem, facilite a sua aceitação por parte da direção escolar. Apesar de ser possível esta assertiva e bastante compreensível o entendimento da participante do curso, acredita-se que este não seja o caminho ideal, pois, contraria a necessidade de que os currículos “valorizem igualmente as diferentes e diversificadas raízes das identidades dos distintos grupos que constituem o povo brasileiro” (SILVA, 2005, p. 157), reservando, neste caso, seu tratamento a ocasiões em que ela possa ser dissimulada.

4.3.4 Contribuições à formação

Aqui o objetivo era que os cursistas avaliassem a contribuição do curso de extensão para a sua formação. No quadro 10 são apresentadas as categorias e subcategorias inferidas de suas respostas.

Quadro 10- Categoria e subcategorias referentes às contribuições do curso à formação

| |
|---|
| CATEGORIA 4 – Opinião sobre as contribuições do curso para a formação |
| – Formação continuada docente |
| – Formação pessoal |
| – Cidadania |

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Nesta fase do questionário, os cursistas foram convidados a refletir sobre as contribuições do curso para a sua formação. Em suas respostas, todos os participantes relataram a ampliação de conhecimentos como a principal contribuição do curso. Alguns dos participantes foram mais específicos e destacaram os pontos que consideraram mais relevantes, a exemplo de Dalila que destacou o conhecimento sobre a Lei nº. 10.639/03 e sua importância. Eduardo, na mesma linha, afirmou ser *“de suma importância para a construção de uma sociedade brasileira mais igualitária que todos conheçamos a história do Brasil e dos afro-brasileiros”*.

Aliás, neste mesmo sentido, duas alunas destacaram a importância do curso para a sua formação pessoal, destacando este conhecimento como fundamental para a formação de um cidadão brasileiro. Nas palavras de Irene; *“esse tema não significa apenas uma maneira de atender à Lei nº 10.639/03, mas também um ato político enquanto cidadã que defende a igualdade em suas diversas faces na sociedade”*. Outra aluna, Dalila, destacou a importância de conhecer, por meio do curso, um pouco mais sobre sua própria história. Para Moura (2005), um dos grandes desafios da escola seria, justamente, construir um currículo que levasse o aluno “[...] a conhecer suas origens e a se reconhecer como brasileiro” (p. 70), ou seja, a experiência aqui proporcionada a cursista Dalila, na verdade, deveria ter ocorrido durante a Educação Básica.

Outro ponto que merece ser realçado foi a compreensão de todos os participantes de que o curso contribuiu, também, para a atuação profissional dos participantes, ao mostrar e permitir a construção conjunta de possibilidades de intervenção. O relato a seguir, feito por Talita, exemplifica, de certa forma, que o curso foi capaz de disponibilizar aos cursistas ferramentas para um tratamento adequado do tema:

por exemplo tenho uma professora PEB I em minha escola que quer trabalhar o tema da cultura afro brasileira e pediu minha ajuda, e ela queria que trabalhasse o

tema com a capoeira, mas agora tendo este conhecimento, posso mostrar a ela a possibilidade do Atletismo e já tenho como base os materiais aqui apresentados no curso.

Esta compreensão traz indícios de que o objetivo do curso de capacitar professores de Educação Física a atuarem com o Atletismo como ferramenta para o tratamento do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira foi atingido, ao menos, com o grupo de concluintes. A grande ressalva a se fazer, entretanto, é que um grupo pequeno de cursistas conseguiu concluí-lo.

4.3.5 Outras considerações

Para que se desse espaço a livre manifestação dos participantes, foi disponibilizado o quinto item do questionário para esta finalidade.

Nesse espaço, foi possível perceber o clamor dos profissionais que finalizaram o curso para que haja mais iniciativas como essa, pois, grande parte deles entendeu que este é um tema que ainda é pouco tratado nas propostas de formação continuada. Duas das participantes apontaram para a importância do oferecimento, principalmente, para professores das redes públicas de ensino, pois, como se expressou Dalila, é

através de pequenas iniciativas que mudaremos aos poucos o cenário atual. Proporcionar um espaço para discutir esta questão, que muitas vezes não é possível em cursos oferecidos pelo município ou Estado é uma "revolução", pois este tema não está na escola porque os professores não tenham noção da sua importância e não sabem como abordá-lo em sala de aula. Então, trazer um conteúdo da área de Educação Física com possibilidades de textos, artigos, vídeos e tarefas e a relação com o afro brasileiro é uma ideia renovadora!.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central da presente tese foi produzir, implementar e avaliar as contribuições de um curso de extensão a distância, baseado na Plataforma *Moodle*, para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em aulas de Educação Física na Educação Básica e na formação de professores de Educação Física. Para isto, utilizou-se do Atletismo como conteúdo para o tratamento desta temática.

Esta tarefa, de certa forma, foi dificultada pela exiguidade de estudos publicados com enfoque semelhante. Esta carência, aliás, conforme pode ser verificado na revisão de literatura muito se deveu à tentativa de se tornar invisível a temática étnico-racial, especialmente a relacionada à população negra, no Brasil. Variadas foram as evidências que retratam esta situação, tais como: o desprezo do Estado brasileiro para com a Educação da população negra; a necessidade de se impor o tratamento da História e Cultura Afro-Brasileira por meio de legislação federal específica; o descaso do sistema educacional, como um todo, incluindo professores e gestores para com a sua aplicação; o pequeno número de programas, pesquisadores e estudos voltados a sua investigação; o desinteresse latente da área de Educação Física por sua inclusão e tratamento nos currículos de seus cursos de graduação ou nas suas propostas de intervenção na Educação Básica, dentre outros.

Assim sendo, a simples oportunidade de se oferecer um curso de extensão sobre esta temática, mesmo que a um público restrito, reveste esta experiência de êxito, por, de certa forma, demonstrar que a aplicação desta temática é importante, necessária e viável.

Com certeza, a oferta deste curso reflete a oportunidade aberta pela promulgação da Lei nº 10.639/03 que, aliás, deveria ser aproveitada por todos os componentes curriculares para que contribuam para a fundamental valorização do papel da população negra no desenvolvimento do Brasil. Para isto, as mais diversas possibilidades devem ser utilizadas, dentre as quais as trazidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação que, neste sentido, representam uma das grandes oportunidades para o tratamento desta temática.

De acordo com a opinião dos cursistas foi possível perceber que houve contribuições do curso tanto para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas aulas de Educação Física na Educação Básica, por apresentar uma possibilidade inovadora, ao se associar o tratamento da temática ao Atletismo e apresentar possibilidades concretas de intervenção, quanto para a formação continuada de professores de Educação Física, não só no aspecto técnico, mas, também, em relação a sua formação pessoal e como cidadãos.

Especificamente, em relação ao Atletismo, conteúdo clássico da Educação Física, e à possibilidade de sua utilização como ferramenta para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, neste componente curricular foi possível perceber que há, realmente, uma grande potencialidade para a sua utilização com esta finalidade, visto que a grande presença de africanos e seus descendentes nas provas atléticas, bem como o impacto de sua presença e a sua contemporânea prevalência em provas de corrida podem ser adequadamente problematizadas para a compreensão e valorização de sua presença, além da reflexão sobre os estereótipos, muitas vezes, a eles atribuídos. No caso específico do Atletismo brasileiro ficou patente que, apesar da pequena quantidade de publicações que possam servir de base para a sua correta utilização com este intuito, há uma interessante e crescente produção videográfica que, potencialmente, pode ser utilizada como deflagradora de importantes reflexões sobre a importância de grandes atletas negros como Adhemar Ferreira da Silva, Néilson Prudêncio e Aída dos Santos, bem como suas histórias de vida, para a compreensão das contribuições e, conseqüente, valorização do papel desta população na sociedade brasileira.

Em relação à Educação a distância pôde-se perceber, por meio da análise do curso de extensão desenvolvido, dos discursos dos cursistas e pelo estudo do referencial teórico utilizado na revisão de literatura, que esta modalidade, desde que, atendidos alguns critérios, tais como: a garantia de interatividade entre os cursistas, o constante acompanhamento e mediação por parte de um docente responsável por sua tutoria e a construção de um ambiente colaborativo pode, sim, contribuir para a formação, especialmente a continuada, de professores, mesmo para temas mais complexos como os relacionados às relações étnico-raciais. Entretanto, foi constatado neste estudo, a exemplo do já verificado em outros, que há grande evasão entre aqueles que se inscrevem em cursos a distância, visto que apenas 40% dos participantes, em nosso caso específico, logrou concluí-lo. Outra percepção importante foi a de que, neste tipo de modalidade de ensino, a depender, principalmente, da abrangência do curso, seja interessante contar com outros profissionais para auxiliar nas diferentes etapas de seu processo de planejamento e desenvolvimento. Desta forma, é bastante importante que sejam desenvolvidas novas investigações acerca desta modalidade de ensino e sobre sua potencialidade no campo da Educação Física.

A Plataforma *Moodle* que foi o ambiente virtual de aprendizagem utilizado nesta experiência demonstrou, com base nas opiniões emitidas pelos cursistas, ser bastante adequada para o oferecimento da modalidade de ensino a distância, conjugando uma série de ferramentas que proporcionaram a criação de um adequado ambiente colaborativo necessário para experiências exitosas de Educação a distância. Foi percebida, entretanto, a grande

dificuldade de se reunir todos os participantes do curso, apesar de não ser um número tão grande de inscritos, em atividades síncronas como, especialmente, o *chat*. Percebemos que, para que seja viável a utilização desta importante ferramenta haja a necessidade de agendamento bastante antecipado das datas de sua realização, muitas vezes, inclusive, atreladas a aceitação ou não da inscrição dos participantes. Apesar disso, considera-se que a realização de atividades assíncronas, especialmente, o fórum, tenha sido suficiente para que fossem atingidos os objetivos do curso de extensão ministrado.

Enfim, com base no estudo aqui desenvolvido, consideramos que o oferecimento de cursos de extensão sobre Atletismo e História e Cultura Afro-Brasileira, a exemplo do aqui desenvolvido, apresentem grande potencialidade para a inclusão do tratamento das relações étnico-raciais e, mais especificamente, da História e Cultura Afro-brasileira, nas aulas de Educação Física na Educação Básica e também, na formação de professores de Educação Física aptos a tratarem do tema. Além disso, foi possível compreender que a estratégia de utilização da modalidade de ensino a distância para o oferecimento de curso de extensão com vistas à capacitação de professores em Educação Física pode ser bastante positiva, desde que tomados alguns cuidados didáticos que, possivelmente, também são necessários em atividades presenciais.

Obviamente, que a experiência aqui relatada, tem suas limitações, dentre as quais o pequeno número de cursistas que concluíram todas as atividades propostas, mas, mesmo assim, acredita-se que esta aponte para a importância de que temas relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira sejam objeto de estudo na área de Educação Física, para que se torne possível retirar este assunto da cortina de invisibilidade em que vem sendo colocada há muitos anos.

Por fim, considera-se que o desenvolvimento de outros estudos que busquem tratar desta temática, quanto ao oferecimento de novas edições do curso de extensão, aqui desenvolvido, podem muito contribuir para que se avance no tratamento das relações étnico-raciais no campo da Educação Física e da Educação a Distância.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, W. R.; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Acesso em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.22, p. 79-100, Número Especial, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/13678/8211>>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (org.). **Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso**. Salvador: Eduneb, 2009.
- ALVES L. Um olhar pedagógico das interfaces do Moodle. In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (org.). **Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso**. Salvador: Eduneb, 2009. (p. 188-202).
- ALVES, V. L. S.; CUNHA, I. C. K. O; MARIN, H. F.; OLIVEIRA, O. Criação de um Web Site para enfermeiros sobre pé diabético. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 56-61, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n1/a09v19n1.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do imaginário**, Porto Alegre, n. 20, p. 34-40, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/famecos/article/download/4829/3687>>. Acesso em: 24 nov. 2015.
- AQUINO, M. A. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/download/975/728>>. Acesso em: 22 jan. 2015.
- AQUINO, M. A. A inclusão étnico-racial na era da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 61-75, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/download/591/pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2015.
- AQUINO, M. A. Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural. **Inclusão Social**, Brasília, v. 3, n. 2, p.26-37, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/108/157>>. Acesso em: 21 jan. 2015.
- AQUINO, M. A.; SANTANA, S. R.; SILVA, L. K. R.; SILVA JÚNIOR, J. F. Dissonâncias e assimetrias na produção de conhecimento na UFPB: (in)visibilidade de temas sobre negros (as). **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 110-124, jan./jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/4907/3712>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

ARAÚJO, U. C. Apresentação. In: ALBUQUERQUE, W. R.; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 1-2.

ARAÚJO, P. M. C. **Um olhar docente sobre as tecnologias digitais na formação inicial do pedagogo**. 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. ed., rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, Z. Refletindo sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira à distância. **Revista da ABPN**, Florianópolis, v. 3, n. 7, p. 101-116, mar./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/324/209>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

BARROS, Z. S. **Implicações da formação a distância para o ensino de história e cultura afro-brasileiras**. 2013. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 1, n. 1, 2002, p. 73-81.

BEZERRA, L. T. S.; AQUINO, M. A. Ensinar e aprender na cibercultura. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 834-854, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10386/725>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

BIANCHI, P.; HATJE, M. A formação profissional em educação física permeada pelas tecnologias de informação e comunicação no centro de educação física e desportos da Universidade Federal de Santa Maria. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 123-138, set. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/pef/article/view/11348/9555>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

BITTENCOURT, I. M.; MERCADO, L. P. L. Evasão nos cursos na modalidade de educação a distância: estudo de caso do curso piloto de administração da UFAL/UAB. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 465-504, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v22n83/a09v22n83.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

BORBA, M. C.; MALHEIROS, A. P. S.; AMARAL, R. B. **Educação a distância online**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRACHT, V. A Educação Física no ensino fundamental. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, n. 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7170&Itemid=>>. Acesso em: 11 out. 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>>. Acesso em 25 jun. 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.005/14, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em 07 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana,** [2010?]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1852&Itemid=>>. Acesso em 22 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Guia de tecnologias educacionais 2009.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/guia_tecnologias_atual.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004.

Disponível em:

<http://www.relacoesraciaisnaescola.org.br/site/pdfs/Legislacao_Link_3_Diretrizes.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2014.

BRITO, M. S. S.; ANDRADE, A. L. L. Ambiente Moodle como apoio ao ensino em publicidade e propaganda. In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (org.). **Moodle:** estratégias pedagógicas e estudos de caso. Salvador: Eduneb, 2009. (p. 347-364).

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, v. 57, n.5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação e política,** Rio de Janeiro, v. 25, nº2, p.091-107, 2007. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Ana_Canen/publication/237591283_O_multiculturalismo_e_seus_dilemas_implicacoes_na_educacao/links/54e7787e0cf277664ffab005.pdf>. Acesso em 03 mar. 2016.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-74, set./out./nov./dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000300006>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/10000/10871>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

CAVALLEIRO, E. S. Introdução. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 11-1). Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D16354%26Itemid%3D&ei=Rd4VVeHQCKTisAS94oLAAQ&usq=AFQjCNHjWWxdnIB6oHz1DZrS9TPZHLu9DQ&sig2=tezdYSggIq9PxL8m9-QgPQ>. Acesso em: 27 mar. 2015.

CAVALLEIRO, E. S. Introdução. In: BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p.15-28. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

COSTA, I. M. **Aprendizagens virtuais: um estudo de caso no orkut das comunidades referentes ao educador Paulo Freire**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CRUZ, M. S. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-33.

CUNHA JUNIOR, H. Conversa com os educadores sobre as africanidades e afrodescendência. In: CUNHA JUNIOR, H.; NUNES, C.; DOMINGOS, R. F.; SILVA, M. S.; BATISTA, R. C. F.; DUKE, D. A.; HOLANDA, J. (orgs.). **Artefatos da cultura negra no Ceará: formação de professores: 10 anos da Lei nº 10639/2013: cadernos de textos**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2013. p. 11-22.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; SILVA, E. V. M.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A. educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun. 2001.

DARIDO, S. C.; RODRIGUES, L. H.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; SILVA, E. V. M.; SANCHES NETO, L.; RANGEL, I. C. A.; PONTES, G. H.; CUNHA, F. P. **Educação física e temas transversais: possibilidades de aplicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYERM R.; PIRES, A. A **pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014. p. 127-153.

DIAS, R. A.; LEITE, L. S. **Educação à distância: da legislação ao pedagógico**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de educação física: aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo. **Movimento**,

Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 701-716, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53073/35145>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

DOMINGUES, P. Movimento Negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 dez. 2014.

ENTINE, J. **Why black athletes dominate sports and why we are afraid to talk about it**. New York: Public Affairs, 2000.

FARIAS, C. M. O atletismo feminino brasileiro sob a ditadura civil-militar: novos obstáculos e caminhos. **La manzana de la discordia**, Cali, v.7, n. 1, p. 23-40, jan. 2012. Disponível em: <<http://manzanadiscordia.univalle.edu.co/volumenes/articulos/V7N1/art2.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2016.

FARIAS, C. M. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 911-929, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/42>>. Acesso em 04 mar. 2016.

FERNANDES, G. G. **Avaliação ergonômica da interface humano computador de ambientes virtuais de aprendizagem**. Fortaleza, 2008. 274 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará.

FERNANDES, R. L. S. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. **Revista África e africanidades**, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf>. Acesso em 27 mar. 2015.

FERRARI, P. C.; ANGOTTI, J. A. P.; TRAGTENBERG, M. H. R. Educação problematizadora a distância para a inserção de temas contemporâneos na formação docente: uma introdução à teoria do caos. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 15, n. 1, p. 85-104, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2015.

FERRARI, P. C. **Temas contemporâneos na formação docente à distância: uma introdução à teoria do caos**. 2008. 135 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Centro de Ciências da Educação, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91442/256624.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

FONSECA, D. J. Formação, inovação e novas tecnologias: lugar dos negros e dos empobrecidos. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.12, n.23, p.173-186, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/505/393>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

FONSECA, G. A.; MARTINO, V. F.; SILVA, A. C. Relações étnico-raciais na escola: reflexões sobre a Lei 10.639/03. **Camimne: caminhos da educação**, Franca, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://seer.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/40/57>>. Acesso em: 11 out. 2011.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES NETO, L. Cultura corporal de movimento. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**, 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 25-36.

- GARUFFI, M; MATTHIESEN, S. Q. O Revezamento. In: MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. **História das corridas**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. p. 67-98.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 109-121, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpa/article/download/19971/11602>>. Acesso em: 06 jan. 2015.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 15, p. 134-158, set./dez., 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a09.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2015.
- GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da Motricidade Humana. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n. 3, p. 700-707, jul./set., 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/2875/2539>>. Acesso em: 03 out. 2015.
- GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. Educação Física: referencial curricular. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Referencial curricular: lições do Rio Grande: linguagens códigos e suas tecnologias, Artes e Educação Física**, v. 2. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 2009. p. 111-181. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol2.pdf>. Acesso em: 02 out. 2015.
- GROSSECK, G.; MARINHO, S. P. P.; TÁRCIA, L. Educação à distância baseada na web 2.0: a emergência de uma Pedagogia 2.0. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 19, p. 111-123, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20120827100102.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.
- GROULX, L. H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYERM R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014. p. 95-124.
- GUERRA, D. Corpo: som e movimento – um olhar sobre a cultura corporal de movimento afro-brasileira construída a partir da corporeidade africana. **Revista África e africanidades**, ano I, n. 2, ago. 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/um_olhar_sobre_a_cultura_corporal_d_e_movimento_afro_brasileiro.pdf>. Acesso em 02 jan. 2014.
- INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. **Atletismo: regras oficiais de competição 2016 – 2017**. São Paulo: Confederação Brasileira de Atletismo, 2015. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/regras/REGRAS_OFICIAIS_2016_2017.pdf>. Acesso em 03 mar. 2016.
- JULIANI, C. M. C. M.; KURCGANT, P. Tecnologia educacional: avaliação de um web site sobre Escala de Pessoal de Enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 512-9, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v43n3/a03v43n3.pdf>>. Acesso em 27 mar. 2015.
- KENSKI, V. M. Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância. **E-curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez., 2005. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3099/2042>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

KENSKI, V. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Informática Educativa**, Santafe de Bogota, v. 12, n. 1, p. 35-52, 1999. Disponível em: <<http://186.113.12.12/discoext/collections/0007/0002/02370002.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

KERR, I. B. The myth of racial superiority in sports. **The Hilltop Review**, Kalamazoo, v. 4, n. 1, p. 19-26, 2010. Disponível em: <<http://scholarworks.wmich.edu/hilltopreview/vol4/iss1/4>>. Acesso em: 12 set. 2015.

LEITE, A. A. M.; AMORIM, R. M. O movimento negro no Brasil e os processos educativos: notas iniciais a partir do estudo do jornal quilombo. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, 7, 2014, Maceió. **Anais ...** Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2014, p.1-15. Disponível em: <<http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-identificado/819-COM-IDENTIFIC.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2014.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, E. F. Parâmetros Curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais. In: MOREIRA, A. F. B. (org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999. p. 43-58.

MACHADO JÚNIOR, F. S. Comparação do ambiente virtual de aprendizagem moodle com tipos mais comuns de web sites. In: MOODLE MOOT BRASIL, I, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fundação Bradesco, 2007. p. 71-82.

MAIA, F. **Formação na área da Saúde e Web 2.0: possibilidades de uso pedagógico dos weblogs e do orkut em cursos de medicina**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARANHÃO, F.; GONÇALVES JUNIOR, L. Jogos africanos e afro-brasileiros na educação física escolar: processos educativos inter-étnicos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 4 / SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 3 / SHOTO WORKSHOP, 5, 2009. São Carlos. **Anais...** São Carlos: Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos, 2009, p. 696-709. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2009/maranhao.pdf?id=196>>. Acesso em: 11 out. 2011.

MARANHÃO, F.; GONÇALVES JÚNIOR, L.; CORRÊA, D. A. Jogos e brincadeiras africanos nas aulas de educação física: construindo uma identidade cultural negra positiva em crianças negras e não negras. In: JORNADA DE JÓVENES INVESTIGADORES DE LA ASOCIACIÓN DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDEO, 15, 2007, Assunción. **Actas...** Assunción: Asociación de Universidades Grupo Montevideo, 2007 (CD-ROM). Disponível em: < http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/augm_jogosafro.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

- MARINHO, S. P. P. **As tecnologias digitais no currículo da formação inicial de professores da Educação Básica**: o que pensam alunos de licenciaturas. 2008. 124 f. Relatório técnico de pesquisa – FIP, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MARINHO, S. P. P.; LOBATO, W.; ABDALA, D.; ARAÚJO, P.; CÂMARA, M.; MARINHO, A.; SANTOS, H.; SCHULMAN, J.; SERRA, D.; MENDES, G. Aprender fazendo: o desafio de planejar e desenvolver um curso em ambiente virtual como estratégia para aprender a fazer EaD. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO, 3 / SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM INFORMÁTICA EDUCATIVA, 5, 2003, Braga. **Anais...** Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 501-508. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/06SimaoMarinho.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2015.
- MARINHO, S. P. P.; LOBATO, W. Tecnologias digitais na educação: desafios para a pesquisa na pós-graduação em educação. In: COLÓQUIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 6, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. v. 1. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/pged/arquivos/lp1/tecnologiadigitaiseducacao.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2015.
- MARQUES, E. P. S.; ALMEIDA, F. A. A.; SILVA, W. S. A percepção do preconceito e da discriminação racial no ambiente escolar. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.5, n.14, p.47-67, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/article/viewFile/4282/1730>>. Acesso em: 04 set. 2014.
- MARTINS, B. R. A negação do corpo negro e a educação física escolar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2012, Niterói. **Anais...** Niterói: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 2012. p. 1-21. Disponível em <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT04%20Rela%E7%F5es%20%E9tnicorraciais/A%20NEGA%C7%C3O%20DO%20CORPO%20NEGRO%20E%20A%20EDUCA%C7%C3O%20F%C5SICA%20ESCOLAR%20-%20Trabalho%20completo.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2014.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**, 12. ed. Campinas: Ed. Papirus, 2006. p. 133-173.
- MATTHIESEN, S. Q. Apresentação da coleção. In: MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. **História das corridas**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. p. 11-12.
- MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- MATTOS, I. G. **A negação do corpo negro**: representações sobre o corpo no ensino da educação física. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- MAZZO, J. Z.; MADURO, P. A.; PEREIRA, E. L. A prática do atletismo nas Associações Desportivas da cidade de Porto Alegre / Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX: primeiros indícios. **Arquivos em Movimento**: revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2010.
- MELO, L. S. L. **Perfil socioeconômico e cultural dos atletas do Troféu Brasil de Atletismo 2010**. 2010. 35 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade Dom

Bosco, Curitiba. Disponível em:

<http://cbat.org.br/desenvolvimento/artigo_conselho/artigo2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

MENDES, C. M. A pesquisa online: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus**: revista digital, n. 2, jan. 2009. Disponível em:

<<http://www.hipertextus.net/volume2/Conrado-Moreira-MENDES.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

MEMÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO. **Projeto 2012**. Disponível em:

<<http://memoriadoesporte.org.br/projeto-2012/>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta curricular**: Educação Física. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação, [2007?]. 68 p. Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educa%C3%A7%C3%A3o%20fisica.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2014.

MIRANDA, C. F. **Como se vive do atletismo**: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MONTEIRO, R. B. Licenciaturas. In: BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p. 123-138.

MOODLE. NET. **Moodle Statistics**. Disponível em: <<http://moodle.org/stats/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MOREIRA, A. J. **A cultura corporal e a Lei nº 10.639/03**: um estudo sobre os impactos da Lei no ensino da Educação Física em Salvador. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MOURA, G. O direito à diferença. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 69-82.

MUNANGA, K. Apresentação. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 15-20.

NAKAMURA, R. **Moodle**: como criar um curso usando a plataforma de ensino à distância. São Paulo: Farol do Forte, 2008. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAAahUKEwiiy6zWvuzGAhWFEpAKHYJQCPM&url=http%3A%2F%2Fead.tjgo.jus.br%2Fpluginfile.php%2F747%2Fmod_folder%2Fcontent%2F0%2F%2520Manual%2520do%2520moodle_%2520rodolfo%2520Nakamura.pdf.pdf%3Fforcedownload%3D1&ei=ll6uVaKoG4WlwASCoaGYDw&usg=AFQjCNFrYKDM95OV6FDdBmbvzPcuB6x-cUQ&bvm=bv.98197061,d.Y2I&cad=rja>. Acesso em: 21 jul. 2015.

NUNES, C. A Lei nº 10.639/03: sobre história africana e afro-brasileira e sua importância. In: CUNHA JUNIOR, H.; NUNES, C.; DOMINGOS, R. F.; SILVA, M. S.; BATISTA, R. C. F.; DUKE, D. A.; HOLANDA, J. (orgs.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**: formação de professores: 10 anos da Lei nº 10639/2013: cadernos de textos. Fortaleza: Gráfica LCR, 2013. p. 7-10.

OKADA, S. A intermediação pedagógica múltipla no universo das tic e moodle. In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (org.). **Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso**. Salvador: Eduneb, 2009. (p. 55-92).

OLIVEIRA, A. A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1. **Lecturas, Educación Física y Deportes**: revista digital, Buenos Aires, ano 13, n. 126, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd126/a-participacao-do-atleta-negro-no-esporte.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

OLIVEIRA, H. P. C. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto “A cor da cultura”. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/115/1/HPCO31012013.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

OLIVEIRA, L. M. **O ensino da história e cultura afro-brasileira e a educação física**: um estudo sobre o currículo vivido em Santo André. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação: currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13917>. Acesso em 06 out. 2015.

OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. Educação intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a prática**, Goiânia, v.14, n. 2, p. 1-11, maio/ago., 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/11348/9555>>. Acesso em: 31 dez. 2014.

ORO, U. Prefácio. In: SIMONI, C. R.; TEIXEIRA, W. M. **Atletismo em quadrimhos**: história, regras, técnicas e glossário. Porto Alegre: Ed. Rígel, 2009. p. 13-19.

PATRICIO, R.; GONÇALVES, V. Facebook: rede social educativa? In: ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2010. Lisboa. **Actas...** Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2010, p. 593-598. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2012.

PEREIRA, A. A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: CONGRESSO DE ASSOCIATION INTERNATIONALE POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE, 2, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. p. 1-18. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2009/pereira_jogos_2.pdf?id=196>. Acesso em: 11 out. 2011.

PEREIRA, G. R.; CORDEIRO, M. J. J. A. A diversidade das relações étnico-raciais e o currículo escolar: algumas reflexões. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.5, n.14, p.7-22, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/article/viewFile/4280/1729>>. Acesso em: 04 set. 2014.

PERES, H. H. C.; MEIRA, K. C.; LEITE, M. M. J. Ensino de didática em enfermagem mediado pelo computador: avaliação discente. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 271-8, 2007.

PEROSA, G. T. L.; SANTOS, M. Interatividade e aprendizagem colaborativa em um grupo de estudo *online*. In: SILVA, M. (org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2012. p. 149-156.

PIRES, J. V. L.; SOUZA, M. S. Educação física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 193-204, jan./mar. 2015.

PILATTI, L. A. **Os donos das pistas**: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiros. 2000. 268 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RACIONAIS MC'S. Negro Drama. In: RACIONAIS MC'S. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. CD 1 (Chora Agora). Faixa 5.

RANGEL, I. C. A. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n. 1, p. 73-76, jan./abr., 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/63/747>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

RANGEL, I. C. A.; SILVA, E. V. M.; SANCHES NETO, L.; DARIDO, S. C.; IÓRIO, S. C.; MATTHIESEN, S. Q.; GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; LORENZETTO, L. A.; CARREIRO, E. A.; VENANCIO, L.; MONTEIRO, A. A. Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.2, p.156-167, abr./jun., 2008.

RIBEIRO, A. C. C. **Elaboração e análise do uso de um website de apoio a disciplina de laboratório de química analítica quantitativa**. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Química analítica) – Instituto de Química de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, A. C. L. A Educação Física escolar e LDB: assumindo a responsabilidade na aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. **Revista África e africanidades**, ano 2, n. 7, nov. 2009.

RODRIGUES, A. C. L. A Educação Física escolar e LDB: assumindo a responsabilidade na aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. **Reflexão e ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, p. 125-150, 2010. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/1242/1078>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

RODRIGUES, A. C. L. **Corpos e culturas inviabilizados na escola**: racismo, aulas de Educação Física e insurgência multicultural. 2013. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, A. C. L. Racismo e educação física: a tergiversação do corpo saudável em prol da assepsia curricular euro-estadunidense. **Revista de Educação, Gestão e Sociedade**, Jandira, v. 1, n. 1, mar. 2010b. Disponível em: <<http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero01/racismoeEducacaoFisica.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

RODRIGUES, L. H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica, 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 80-102.

ROMÃO, J. Introdução. In: ROMÃO, J. (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 11-18.

SAILES, G. A. **The myth of black sports supremacy**. Journal of Black Studies, v. 21, n. 4, p. 480-7, jun., 1991. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2784690>. Acesso em: 13 out. 2011.

SANTOS, I. L.; MATTHIESEN, S. Q. A história do atletismo como um saber necessário às aulas de educação física: aprofundando no estudo das corridas com barreiras. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 12, n. 2, 2013, p. 118-129.

SANTOS, M. V. **O estudante negro na cultura estudantil e na educação física escolar**. 2007. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, S. A. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

SÃO PAULO (Estado). Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 111/2011, de 30 de março de 2011**. Implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645 de 2008 e Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 do Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0ahUKEwif492jnjXJAhVMNZAKHcJfAB4QFggnMAI&url=http%3A%2F%2Fiage.fclar.unesp.br%2Fceesp%2Ftextos%2F2011%2F043-10-Par-111-11.doc&usq=AFQjCNEt0J4hj7SmMVXZjB4iS2IBIHd5dA&sig2=gaJYZ7amv19xowjYXscGw>. Acesso em 22 nov. 2015.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias**, 2. ed. São Paulo: Secretaria da Educação, 2011-b. 260 p. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2014.

SCHMOLINSKY, G. **Atletismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

SILVA, E. V. M.; MATTHIESEN, S. Q. A plataforma moodle nas teses de doutorado brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RECURSOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

SILVA, E. V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Atletismo, história e cultura afro-brasileira: selecionando vídeos para a produção de um curso online. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RECURSOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, 2, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013. p. 202-207.

SILVA, E. V. M.; MATTHIESEN, S. Q. História e cultura afro-brasileira na formação de professores de educação física nas Universidades públicas paulistas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 3, 2015 / SEMINÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 7, 2015, Ilhéus. **Anais...** Ilhéus: Rede Ibero-Americana de Investigação da Formação em Educação Física, 2015. p. 30.

SILVA, M.; PEREIRA, M. M. Percurso da lei 10639/03 e o ensino de história e cultura africana no Brasil: antecedentes, desdobramentos e caminhos. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 22, p. 125-135, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/download/9467/6989>. Acesso em: 01 out. 2015.

- SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092>>. Acesso em: 08 out. 2015.
- SILVA, P. B. G. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 155-172.
- SILVA, R. C. O. **Formação multicultural de professores de educação física: entre o possível e o real**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SILVA, R. F. **Educando pela diferença para a igualdade: professores, identidade profissional e formação contínua**. 2010. 310 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SOARES, D. C. **A temática afro-brasileira no contexto da Educação Física escolar**. 2015. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro.
- SOBANSKI, A. Q. **Como os professores e jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a idéia de África**. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- TERRA, V. D. S.; PIZANI, R. S. Esporte moderno e educação burguesa: imagens do caráter esportivo no filme carruagens de fogo. **Record**: revista de História do Esporte, v. 2, n. 1, jun. 2009.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. 22. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”, Reitoria. **Resolução Unesp nº 29**, de 14 de julho de 2011. Regulamenta os Cursos de Extensão Universitária ministrados na UNESP. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/Home/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/resolucao_29-2011.pdf>. Acesso em 20 jul. 2015.
- VALENTE, L.; MOREIRA, P.; DIAS, P. Moodle: moda, mania ou inovação na formação? In: ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. (org.). **Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso**. Salvador: Eduneb, 2009. (p. 35-54).
- VANCINI, R. L.; LIRA, C.A. B. **Participação genética sobre o desempenho atlético**. Centro de estudos de Fisiologia do Exercício (CEFE, 2005). Disponível em: <http://saudeemovimento.net.br/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/182_2014-07-07.PDF>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do Atletismo: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. 190 f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- VIEIRA, L. F., VIEIRA, J. L. L. As estruturas políticas e sua influência no desenvolvimento do esporte no estado do paraná: o caso do Atletismo. **Revista de Educação Física - UEM**, Maringá, v.12, n. 2, p. 7-25, 2001a.
- VIEIRA, L. F., VIEIRA, J. L. L. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do Atletismo. **Revista de Educação Física - UEM**, Maringá, v.12, n. 1, p. 7-17, 2001b.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é Atletismo?** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.

APÊNDICE A – Texto “Por que ensinar história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo?”

1

POR QUE ENSINAR HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO?

Eduardo Vinícius Mota e Silva

A promulgação da lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, trouxe consigo a esperança de que, finalmente, os cidadãos brasileiros, principalmente os descendentes dos milhões de africanos sequestrados, trazidos para o Brasil e obrigados a prestar serviços não remunerados, pudessem conhecer mais sobre suas origens, histórias e características, podendo, então, compreender e ter como valorizado o seu papel na construção do país.

Esta legislação, basicamente, incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) o artigo 26-A, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira”.

Esta lei foi muito comemorada pelo Movimento Negro e, também, por vários estudiosos como Santos (2007) para quem ela significou o reconhecimento da importância de se valorizar a história e cultura do povo negro como forma de reparar os danos causados à sua identidade e aos seus direitos.

Cinco anos depois, esta lei foi complementada com a extensão da obrigatoriedade, também, ao ensino da história e cultura indígena, em 2008, por meio da lei nº 11.645 (BRASIL, 2010), que estabeleceu o seguinte:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (p. 34).

Ao se analisar este texto se percebe que os diferentes componentes curriculares da Educação Básica são responsáveis pela inclusão da história e cultura afro-brasileira em seus currículos. Porém, cotidianamente, ao se observar o componente curricular Educação Física, se percebe que muito pouca atenção tem sido dada a esta legislação. Rodrigues (2010) atribui esta situação a “incrustação das fortes nuances preconceituosas encobertas pelos variados

discursos procedentes do mito da democracia racial” (p. 137), existentes na gênese da Educação Física brasileira. Apesar disto, este autor entende que esta situação deva ser superada, pois para ele a Educação Física não só tem condições de tratar esta temática, como pode ser uma de suas áreas prioritárias graças às novas representações, na contemporaneidade, que a aproximam da área da linguagem e do multiculturalismo.

Nos últimos anos, como reflexo da publicação destas leis, alguns trabalhos acadêmicos que buscam relacionar a Educação Física à História e cultura afro-brasileira têm sido produzidos, muitos deles propondo caminhos a serem desenvolvidos com os diferentes conteúdos da Educação Física, caso dos estudos desenvolvidos por Rangel (2006); Maranhão, Gonçalves Júnior e Corrêa (2007); Mattos (2007); Santos (2007); Guerra (2008); Rangel et al. (2008); Maranhão e Gonçalves Júnior (2009); Pereira, Gonçalves Júnior e Silva (2009); Rodrigues (2013). Na maior parte das vezes, estas propostas se voltam a temas, inicialmente mais identificáveis com a cultura afro-brasileira como a capoeira e alguns jogos e danças de origem africana.

Difícilmente se encontram propostas voltadas ao tratamento da temática por meio do esporte, muito embora já nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), houvesse o seguinte apontamento: “O estudo da história do futebol no Brasil permite a reflexão sociopolítica sobre a condição do negro” (p. 86) além da citação dentre os temas relevantes dos jogos e esportes, “a inclusão e exclusão do negro nos esportes em determinados momentos históricos” (p. 95), que apontam, em nossa opinião, um ótimo caminho para a inclusão da História e cultura afro-brasileira. Rangel (2006) e Santos (2007), na mesma linha, também apontavam como caminho para que se incluísse esta temática na área, o estudo e a divulgação das histórias de atletas, ginastas e dançarinos negros bem sucedidos, principalmente porque a lei 10.639/03 apresenta como uma de suas propostas

a necessidade de dar visibilidade a representantes da história e cultura africana e afro-brasileira e seus descendentes, no sentido de proporcionar aos estudantes o reconhecimento e a valorização de negros importantes na construção da sociedade brasileira, como possibilidade de conhecimento e respeito a história e as contribuições dos diferentes grupos étnico-raciais (SANTOS, 2007, p. 126).

Ambos os autores, entretanto, salientam que não se pode “permitir que a imagem do negro fique ‘aprisionada’ ao estereótipo de atleta significado em massa corporal que somente joga, pula ou corre; seria dar continuidade às representações de animalidade relacionadas aos negros” (SANTOS, 2007, p. 127). Da mesma forma, Rodrigues (2010) entende que a repetição, principalmente na mídia, de discursos que afirmam a superioridade do negro, em alguns esportes, servem para criar subjetividades que reforçam os estereótipos produzidos a

esta população criando verdadeiros estigmas. Este autor entende, aliás, que estas compreensões, muitas vezes, se baseiam em um pseudo-cientificismo.

Com base nestas constatações, entendemos que os motivos acima citados são plenamente aplicáveis ao atletismo, o que faz com que advoguemos ser extremamente possível incluir entre seus conteúdos de ensino, os aspectos ligados a História e a cultura afro-brasileira.

Expomos, a partir de agora, alguns destes aspectos que podem, a nosso ver, reforçar estas possibilidades.

Oro (2009), com base em informações de especialistas alemães, informa que as origens do atletismo moderno, vão muito além do mundo grego, pois, incluem, “também exercícios de origem africana” (p. 18), dentre outros. Com base em Vieira e Freitas (2007) depreendemos que o autor faça referência, neste caso, a descoberta feita por outros estudiosos, não citados, de que havia provas de arremesso de pedras, precursoras do arremesso do peso, em festividades da civilização egípcia.

Apesar disso, a ligação do atletismo com os africanos e seus descendentes vai muito além deste aspecto e da sua predominância nas pistas, por meio de inúmeros títulos e recordes, mas, se dá, também, fora delas, tanto que o atual presidente de sua principal entidade, a Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF) é um africano, o senegalês Lamine Diak.

Sabemos, entretanto, que este protagonismo negro na modalidade, não se deu sem conflitos, como se pode verificar, por exemplo, por meio das históricas vitórias (100 m. rasos, 200 m. rasos, revezamento 4x100 metros rasos e salto em distância) de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, frustrando a tentativa de Adolf Hitler de comprovar a superioridade da ‘raça’ ariana (VIEIRA e FREITAS, 2007). Mas, o mais interessante é perceber que, mesmo muitos anos após estas vitórias, o racismo impregnado no sul dos Estados Unidos da América, fez com que o Memorial planejado para honrar estas vitórias em 1952, em virtude da falta de apoio da população local (maioria branca), só fosse concluído em 1996, por conta da realização dos Jogos Olímpicos naquele país (ENTINE, 2000).

Outra característica importante do atletismo é a diversidade de seus praticantes, que, talvez, se justifique pela simplicidade da maior parte das suas provas que acabam “reunindo gente de todo tipo, abrindo possibilidades de glória para quem, muitas vezes, contava com pouco ou nenhum recurso (VIEIRA e FREITAS, 2007, p. 23). Este foi o caso, por exemplo, do primeiro africano a se tornar campeão olímpico da Maratona, o etíope Abebe Bikila que

venceu esta prova nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, sem a utilização de nenhum calçado, superando, inclusive, o recorde da prova.

Para Vieira e Freitas (2007) uma característica marcante do atletismo é a de refletir as mudanças sociais pelas quais passaram o mundo. Um exemplo é o famoso gesto feito por atletas afro-americanos, nas cerimônias de premiação de suas provas, de manifestarem seu descontentamento com o racismo vigente nos Estados Unidos da América. Nesta mesma edição pode se destacar o aumento do número de atletas africanos vencedores das provas de resistência.

Outra informação referente aos Jogos Olímpicos Modernos que são passíveis de tratamento sob a ótica negra é a de o primeiro atleta negro a vencer uma prova olímpica *individual* (grifo nosso) foi o norte-americano William DeHart Hubbard, vencedor do salto em distância na edição de 1924, realizada em Paris (VIEIRA e FREITAS, 2007). Antes dele, John Taylor, em 1908, nos Jogos Olímpicos de Londres foi vencedor do revezamento compondo a seleção norte-americana com três atletas brancos (GARUFFI e MATTHIESEN, 2013).

Situações, como esta, fazem com que seja muito difícil se pensar nesta modalidade esportiva sem este componente étnico, o que pode ser de grande valia para os objetivos do ensino desta temática. Silva (2008), aliás, reforça as possibilidades de tratamento desta temática ao afirmar que as disciplinas voltadas aos fundamentos esportivos devam ter seu contexto sócio-histórico-cultural como conteúdo a ser ministrado e devem perpassar as questões relacionadas à raça.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana**, [2010?]. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&id=1852&Itemid=>. Acesso em 22 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004. Disponível em:

<http://www.relacoesraciaisnaescola.org.br/site/pdfs/Legislacao_Link_3_Diretrizes.pdf>.
Acesso em: 07 ago. 2014.

ENTINE, J. *Why black athletes dominate sports and why we are afraid to talk about it*. New York: Public Affairs, 2000.

GARUFFI, M.; MATTHIESEN, S. Q. O Revezamento. In: MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. *História das corridas*. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

GUERRA, D. Corpo: som e movimento – um olhar sobre a cultura corporal de movimento afro-brasileira construída a partir da corporeidade africana. *Revista África e africanidades*, ano I, n. 2, ago. 2008. Disponível em:

<http://www.afriacaefricanidades.com.br/documentos/um_olhar_sobre_a_cultura_corporal_d_e_movimento_afro_brasileiro.pdf>. Acesso em 02 jan. 2014.

MARANHÃO, F.; GONÇALVES JUNIOR, L. Jogos africanos e afro-brasileiros na educação física escolar: processos educativos inter-étnicos. In: COLOQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 4 / SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 3 / SHOTO WORKSHOP, 5, 2009. São Carlos. *Anais...* São Carlos: Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos, 2009, p. 696-709. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2009/maranhao.pdf?id=196>>. Acesso em: 11 out. 2011.

MARANHÃO, F.; GONÇALVES JUNIOR, L.; CORRÊA, D. A. Jogos e brincadeiras africanos nas aulas de educação física: construindo uma identidade cultural negra positiva em crianças negras e não negras. In: JORNADA DE JÓVENES INVESTIGADORES DE LA ASOCIACIÓN DE UNIVERSIDADES GRUPO MONTEVIDEO, 15, 2007, Assunción. *Actas...* Asunción: Asociación de Universidades Grupo Montevideo, 2007 (CD-ROM). Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/aum_jogosafro.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2014.

MATTOS, I. G. *A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física*. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

ORO, U. Prefácio. In: SIMONI, C. R.; TEIXEIRA, W. M. *Atletismo em quadrimhos: história, regras, técnicas e glossário*. Porto Alegre: Ed. Rigel, 2009 (p. 13-19).

PEREIRA, A. A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: CONGRESSO DE ASSOCIATION INTERNATIONALE POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE, 2, 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009, p.1-18. Disponível em:

<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2009/pereira_jogos_2.pdf?id=196>. Acesso em: 11 out. 2011.

RANGEL, I. C. A. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. *Motriz*, Rio Claro, v.12, n. 1, p. 73-6, jan./abr., 2006. Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/63/747>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

RANGEL, I. C. A.; SILVA, E. V. M.; SANCHES NETO, L.; DARIDO, S. C.; IÓRIO, S. C.; MATTHIESEN, S. Q.; GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; LORENZETTO, L. A.; CARREIRO, E. A.; VENANCIO, L.; MONTEIRO, A. A. Educação Física Escolar e

multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. *Motriz*, Rio Claro, v.14 n.2, p.156-167, abr./jun., 2008.

RODRIGUES, A. C. L. A Educação Física escolar e LDB: assumindo a responsabilidade na aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08. *Reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, p. 125-150, 2010. Disponível em:

<<http://online.uisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/1242/1078>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

RODRIGUES, A. C. L. **Corpos e culturas inviabilizados na escola: racismo, aulas de Educação Física e insurgência multicultural**. 2013. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, M. V. **O estudante negro na cultura estudantil e na educação física escolar**. 2007. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, R. C. O. **Formação multicultural de professores de educação física: entre o possível e o real**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é atletismo?** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.

APÊNDICE B – Roteiro para questionário *online* (participantes do curso de extensão)

1. Qual sua opinião sobre esta experiência de Educação a distância?
2. Qual sua opinião sobre a plataforma *Moodle* como instrumento para o desenvolvimento do curso?
3. Após a realização deste curso, qual sua opinião sobre a utilidade do Atletismo como instrumento para o ensino da História e cultura afro-brasileira?
4. Qual a contribuição do curso à sua formação?
5. Espaço para livre expressão sobre o curso.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e esclarecido (**PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO**)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Caro(a), você é convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO: UM ESTUDO DE CASO UTILIZANDO A PLATAFORMA MOODLE”, desenvolvida por mim, Eduardo Vinícius Mota e Silva, RG 25.492.179-6, aluno do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, nível de doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Rio Claro, com vistas a elaboração de minha tese de doutorado.

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver e avaliar de um curso de extensão, baseado no ambiente virtual de aprendizagem *Moodle*, verificando a pertinência da utilização do Atletismo como conteúdo para o ensino da História e cultura afro-brasileira, na formação de professores de Educação Física, sendo realizada em cinco etapas, a saber: 1- levantamento de dados bibliográficos necessários para a elaboração dos materiais didáticos; 2- elaboração e divulgação dos materiais didáticos que comporão o curso de extensão; 3- elaboração do curso na Plataforma Moodle 4- aplicação do curso e 5- avaliação do curso. Sua participação será nas etapas 4 e 5 e consistirá na realização das atividades propostas no curso de extensão (fóruns, questionários, leituras, *chats*, avaliações, *wikis*, dentre outras) que serão registradas digitalmente e, posteriormente, analisadas. Cabe ressaltar que, os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas e apresentados em eventos científicos, sendo que seus dados pessoais serão mantidos em sigilo.

Apesar de ínfimos, os riscos que esta pesquisa poderá lhe oferecer, são referentes aos conteúdos do curso, que poderão lhe causar algum tipo de constrangimento ou desconforto. Para que isto não ocorra, os objetivos da pesquisa estão aqui expostos, bem como lhe é garantida a possibilidade de consultar, antecipadamente, os conteúdos e as questões que deverão ser respondidas durante sua participação, sendo-lhe facultado (a) responde-las ou não, sem qualquer tipo de penalização. Há, ainda, total liberdade de interromper sua participação, em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A sua participação nesta pesquisa não lhe acarretará nenhuma despesa, bem como, remuneração.

Ao aceitar esse convite esteja certo (a) da grande importância de sua participação, pois, por meio dela poderemos avaliar as possibilidades do ensino da cultura afro-brasileira, por meio do Atletismo.

Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se alguma dúvida, ainda, persistir ou se você julgar necessárias informações adicionais sobre qualquer aspecto deste projeto de pesquisa sinta-se à vontade para contatar o pesquisador abaixo citado ou o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Unesp - Rio Claro, telefone: (19) 3526-9678, e-mail: cepib@rc.unesp.br.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar o presente termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Sr. (a) e outra com o pesquisador ou a assinalar a opção “aceito participar”.

Local e data

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: O ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do Atletismo: um estudo de caso utilizando a Plataforma Moodle

Pesquisador Responsável: Eduardo Vinícius Mota e Silva

Cargo/função: Doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

Instituição: Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Rio Claro

Endereço: Rua Alfredo de Vitto, 25 – Pq. Recanto Parrilo – Jundiaí (SP)

Dados para Contato: fone (11) 4533-6251 e-mail: profeduardomota@hotmail.com

Orientador(a): Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen

Instituição: Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Rio Claro

Endereço: Avenida 24-A, nº 1515. Bairro: Bela Vista. Cidade: Rio Claro (SP)

Dados para Contato: fone (19) 3526-4348 e-mail: saraqm@rc.unesp.br

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

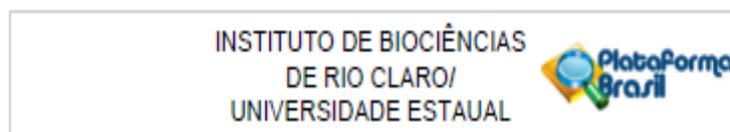
Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido (participantes do curso)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO: UM ESTUDO DE CASO UTILIZANDO A PLATAFORMA MOODLE

Pesquisador: Eduardo Vinicius Mota e Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33707114.3.0000.5465

Instituição Proponente: Instituto de Biotecnologias de Rio Claro/ Universidade Estadual Paulista -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 908.510

Data da Relatoria: 08/12/2014

Apresentação do Projeto:

COMO MENCIONADO NO PARECER ANTERIOR:

Trata-se de uma pesquisa de Doutorado, que será desenvolvida pelo(a) aluno(a) Eduardo Vinicius Mota e Silva, sob orientação do Prof(a) Dr(a) Sara Quenzer Matthiesen, tendo como temática "O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA POR MEIO DO ATLETISMO: UM ESTUDO DE CASO UTILIZANDO A PLATAFORMA MOODLE".

Objetivo da Pesquisa:

COMO MENCIONADO NO PARECER ANTERIOR:

Desenvolver e avaliar um curso de extensão a distância, baseado no ambiente virtual de aprendizagem moodle, verificando a pertinência da utilização do atletismo como conteúdo para o ensino da História e cultura afro-brasileira na formação de professores de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios e os riscos foram aprimorados nos TCLEs, incorporando as solicitações anteriormente feita no primeiro parecer.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

1. São mencionados no projeto analisado como procedimentos pesquisa bibliográfica, entrevistas gravadas em vídeo, desenvolvimento de materiais didáticos, aplicação de questionários on line e

Endereço: Av.24-A n.º 1515
 Bairro: Bela Vista CEP: 13.508-900
 UF: SP Município: RIO CLARO
 Telefone: (19)3528-9878 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO CLARO/
UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 908.510

acompanhamento de comunicação em grupo fechado da mídia social FACEBOOK.

2. São indicados no projeto analisado 26 participantes em 3 grupos de interesse, divididos em fases: (fase 3) 10 participantes do curso de extensão; (fase 2) 10 usuários de Facebook; (fase 1) 3 envolvidos com atletismo e 3 especialistas.

3. Quanto a roteiros de pesquisa, foram apresentados 3 roteiros de entrevista, pertinentes e adequados ao arranjo experimental proposto na pesquisa.

4. Quanto ao prazo de desenvolvimento do trabalho de pesquisa, indica-se no texto 2 anos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Os 3 TCLEs para as diferentes etapas propostas na pesquisa foram retificados à luz das solicitações do parecer inicial, mostrando-se na forma atual de maneira adequada e pertinente, nada havendo a obstar nos mesmos.

Recomendações:

Sugere-se enfaticamente aos proponentes retirar o timbre do documento "Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos" por não se tratar de documento oficial do Instituto de Biociências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP referenda o parecer do relator abaixo:

"Tendo em vista:

1. A reformulação dos TCLEs das diferentes etapas, adequando-os, segundo as solicitações do CEP IB UNESP;

2. A readequação do cronograma de pesquisa segundo o tempo de tramitação do processo no CEP IB UNESP;

Sou de parecer pela sua aprovação, recomendando-se apenas enfaticamente aos proponentes, como mencionado, retirar o timbre do documento "Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos" por não se tratar de documento oficial do Instituto de Biociências".

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao pesquisador cabe desenvolver o projeto conforme delineado e aprovado por este CEP, além de

Endereço: Av.24-A n.º 1515
 Bairro: Bela Vista CEP: 13.508-900
 UF: SP Município: RIO CLARO
 Telefone: (19)3526-0676 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
DE RIO CLARO/
UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 908,510

apresentar o relatório final.

RIO CLARO, 11 de Dezembro de 2014

Assinado por:
Débora Cristina Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.508-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepb@rc.unesp.br